

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANDRIELE PAIVA DA SILVEIRA

**A NOSSA SAÍDA É A LUTA TODO DIA: A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL - UNIPAMPA CAMPUS JAGUARÃO**

Jaguarão

2022

ANDRIELE PAIVA DA SILVEIRA

**A NOSSA SAÍDA É A LUTA TODO DIA: A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL DA UNIPAMPA CAMPUS JAGUARÃO**

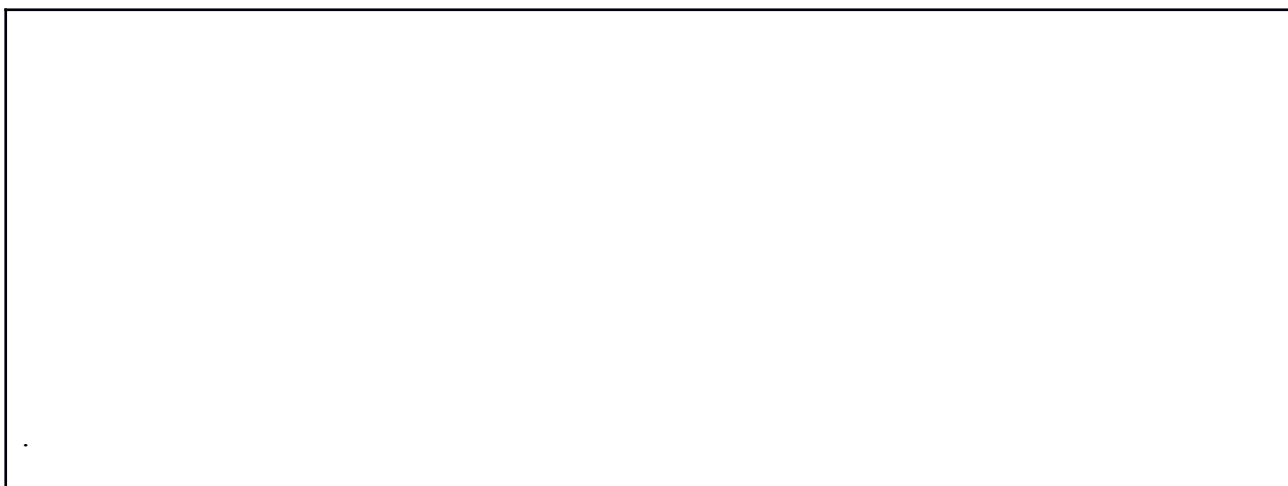
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Caiuá Cardoso Al-Alam

Jaguarão

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).



ANDRIELE PAIVA DA SILVEIRA

**A NOSSA SAÍDA É A LUTA TODO DIA: A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL - UNIPAMPA CAMPUS JAGUARÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Andriele Paiva da Silveira da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10 de agosto de 2022

Banca examinadora:

Prof. Doutor Caiuá Al-Alam
Orientador
(Unipampa)

Prof. Doutor. Guinter Tlajja Leipnitz
(Unipampa)

Técnica Adm. Cristiane Ricordi
(Unipampa)

Dedico este trabalho em memória às
trabalhadoras terceirizadas da limpeza Nágia
Mello e Rejane Alves

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a todos/as estudantes que lutam por uma educação de qualidade e uma Assistência Estudantil Digna, sempre pensando nos nossos que irão ingressar na Universidade. Gracias também a todos/as trabalhadores terceirizados/as que nos inspiram a lutar contra a precarização da Universidade e do trabalho.

Agradeço à toda a minha família, minha mãe Rosângela, mulher batalhadora que não mediu esforços para me criar. Que mesmo não tendo a oportunidade de estudar, tendo que trabalhar desde cedo, sonhou em ver suas filhas formadas. Ao meu pai Luis Fernando, que sempre me ajudou no que pôde e dedicou esses anos de trabalho para que a minha vida fosse menos difícil nesses anos de estudo. À minha irmã Leticia que me presenteou com meus sobrinhos Victor e Valentina.

Ao meu orientador, Caiuá Al-Alam que sempre me incentivou e me fez acreditar no meu potencial e no meu tema, quando nem eu mesma acreditava. Que também tive o prazer de estar ao lado na luta por uma educação pública de qualidade.

Aos meus/minhas amigos/as com quem dividi as alegrias e tristezas, que em grande parte do tempo também foram meus/minhas colegas e companheiros/as de luta: Nathália Dias, Alan Pereira, Vítor Ramon, Marluce Oliveira, Camila Picanço, Daniel Filipe, Virgínia Sabino, Shirley Pereira, Lucas Falconi, Yuri Andrews, Luciano Marques, Beatriz Pereira, Gabriel Solimeno, Carol Chagas, Rafael Odara, Allan Cereda, Milena Almeida, Douglas Brum, Tiago Silva, Karina Brisola, Bruna Fenza, Maria Carolline, Arthur Viola, Deivi Motta, Thifani Ortiz, Gabriela Abreu, Henrique Faiani, Maria Ingrid Macedo, Kéven Lima, Lucas Arias, Vinicius Costa.

Um agradecimento especial às minhas companheiras do Sopão Solidário que lutam por alimentação digna para a população: Moza Botelho, Mangela Britos, Maria Gorete, Erani, Ana Eliza Lopes, Aline Nunez, Kailany Foster.

Agradecer também as minhas queridas amigas servidoras Cristiane Ricordi, Tônia Ribeiro e Sara Teixeira Munareto. Agradeço também a Tânia Raquel Rodrigues, exemplo de luta da categoria de trabalhadores/as terceirizados/as, assim como Allan Lopes e Kenya Martins pelas entrevistas.

Por fim, agradeço ao curso de História, e aos/as professores/as, que mesmo em meio a precarização da Universidade Pública, fornece um ensino de qualidade, sempre crítico e questionador, que me constituiu enquanto professora e enquanto pessoa. Em especial a professora Leticia Faria Ferreira e Ginter Tlajja Leipnitz, dos/as quais dividimos tantas lutas.

“Resistir
ao lado das pessoas
que a gente gosta,
deixa a luta mais suave,
a gente não quebra, entorta.
As lágrimas ficam filtradas,
o suor mais doce
e o sangue mais quente.
E sem que a gente perceba, percebendo,
as coisas começam a mudar à nossa volta.
E aquele sonho que parecia impossível,
acaba virando festa,
enquanto a gente revolta”

Sérgio Vaz

RESUMO

O presente trabalho busca através do método da História Oral, reconstituir a trajetória do Movimento Estudantil da Unipampa do campus Jaguarão, partindo das narrativas de agentes históricos envolvidos diretamente nos processos de Ocupação da Universidade em 2013 e 2016 respectivamente. Ambos os marcos, 2013 e 2016, são para a presente pesquisa o tempo dos acontecimentos centrais determinantes no movimento estudantil da Unipampa campus Jaguarão. Isso não quer dizer que outros movimentos e temporalidades não irão emergir, apenas utilizarei como foco os dois momentos de intensificação das lutas no campus, decorrentes de mobilizações estudantis anteriores.

Palavras-Chave: Movimento Estudantil, Ocupação, Unipampa

ABSTRACT

The present work seeks, through the method of Oral History, to reconstitute the trajectory of the Student Movement of Unipampa of the Jaguarão campus, starting from the narratives of historical agents directly involved in the processes of Occupation of the University in 2013 and 2016 respectively. Both milestones, 2013 and 2016, are for the present research the time of the central determinant events in the student movement of Unipampa campus Jaguarão. This does not mean that other movements and temporalities will not emerge, I will just focus on the two moments of intensification of struggles on campus, resulting from previous student mobilizations.

Keywords: student movement, occupation, Unipampa

RESUMEN

El presente trabajo busca, a través del método de la Historia Oral, reconstituir la trayectoria del Movimiento Estudiantil de la Unipampa del campus de Jaguarão, a partir de las narrativas de agentes históricos directamente involucrados en los procesos de Ocupación de la Universidad en 2013 y 2016 respectivamente. Ambos hitos, 2013 y 2016, son para la presente investigación el momento de los hechos determinantes centrales en el movimiento estudiantil de la Unipampa campus Jaguarão. Esto no quiere decir que no surjan otros movimientos y temporalidades, solo me concentraré en los dos momentos de intensificación de las luchas en el campus, producto de anteriores movilizaciones estudiantiles.

Palabras clave: Movimiento estudiantil, Ocupación, Unipampa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da Unipampa em Jaguarão.....	32
Figura 2: Primeiro encontro do Movimento Estudantil	51
Figura 3: Luta pelo transporte universitário, com ato no hall do campus Jaguarão.....	53
Figura 4: Viemos para estudar mas não temos onde morar. Ato público nas ruas de Jaguarão.....	54
Figura 5: Capa do jornal A Folha Regional, 06 de outubro de 2011. Título: Alunos da Unipampa protestam contra a falta de estrutura no campus.....	55
Figura 6: Capa do Jornal Meridional, 05 de outubro de 2011. Título: Estudantes paralisam as atividades e fazem manifestação reivindicando melhorias estruturais.....	55
Figura 7: Expansão deve ser com qualidade. Ato público nas ruas de Jaguarão.....	56
Figura 8: Ato na reitoria da Unipampa: Mobilização da greve da categoria docente.....	57
Figura 9: Capa Jornal Construção DAHIS, gestão 2013.....	58
Figura 10: Matéria do Jornal Diário Popular, de Pelotas, em 2013. Título: Sete dias de ocupação, debate e estudo.....	61
Figura 11: Comunidade acadêmica acompanha reunião sobre os cortes na reitoria.....	75
Figura 12: Trabalhadoras terceirizadas da limpeza acompanham a reunião sobre os cortes	75
Figura 13: Trabalhadores da portaria e vigilância acompanham a reunião sobre os cortes	76
Figura 14: Confeção de materiais para mobilização.....	76
Figura 15: Confeção de materiais fazendo coro à ocupação.....	77
Figura 16: Estudantes e professores/as do IFSUL apoiam a mobilização da Unipampa	80
Figura 17: Cartaz reivindicando a vinda do reitor e vice-reitor da Unipampa.....	86
Figura 18: Ocupação do setor administrativo.....	86
Figura 19: Cartaz de agradecimento confeccionado pelas trabalhadoras terceirizadas da limpeza.....	88
Figura 20: Faixa colocada no RU reivindicando o Auxílio Creche.....	93
Figura 21: Ato na Ocupação contra a Cultura do estupro, em decorrência do estupro coletivo de jovem no RJ.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP - Ação Popular
AI-5 - Ato Institucional nº5
ANDES-SN - Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior
CEB - Casa do Estudante do Brasil
CFE - Conselho Federal de Educação
CLT - Constituição das Leis Trabalhistas
CNE - Conselho Nacional de Educação
CONADE - Congresso Nacional do Andes
DAEC - antiga Diretoria de Assuntos Estudantis e Comunitários
DAHIS - Diretório Acadêmico de História
EC 95 - Emenda Constitucional 95
ENC - Exame Nacional de Cursos
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
EPAED - Estudantes por Assistência Estudantil Digna
EXPANDIR - Programa de Expansão das Instituições Federais de Educação Superior
FEL - Frente de Estudantes Libertários
FHC - Fernando Henrique Cardoso
FIES - Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior
FONAPRACE - Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
FURG - Fundação Universidade de Rio Grande
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES - Instituição de Ensino Superior
IFE - Instituição Federal de Ensino
IFSUL - Instituto Federal de Educação Região Sul
LDB - Lei de Diretrizes de Base
MCE - Movimento de Casa do Estudante
MEC - Ministério da Educação
MEL - Movimento Estudantil Libertário
MPL - Movimento Passe Livre
MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PAD - Processo Administrativo Disciplinar
PEC 241 - Proposta de Emenda à Constituição 241
PASP - Projeto de Apoio Social e Pedagógico da Unipampa
PAIUB - Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras
PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional
PNAES - Plano Nacional de Assistência Estudantil
PRAAEC - antiga Pró-reitoria Adjunta de Assuntos Estudantis e Comunitários
PRAEC - Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários
PROACAD - antiga Pró-reitoria Acadêmica
PROPLAN - Pró-reitoria de Planejamento
PROUNI - Programa Universidade para Todos
PSDB - Partido Social Democrático
REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RU - Restaurante Universitário
SEDUFMS - Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Santa Maria
SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SINASEFE - Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica
SINDIPAMPA - Sindicato dos Técnicos Administrativos em Educação da Unipampa
SISU - Sistema de Seleção Unificada
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul
UNILA - Universidade Latino Americana
UNILAB Universidade Luso-Afro-Brasileira
UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
UFP - Primeira sigla da Universidade Federal do Pampa
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas
UFMS - Universidade Federal de Santa Maria
UNE - União Nacional dos Estudantes
UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa
URCAMP - Universidade da Região da Campanha

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1. 1 ACERCA DA ESCOLHA DO OBJETO.....	16
1. 2 SOBRE A METODOLOGIA.....	18
1. 3 SOBRE A UNIVERSIDADE.....	21
1. 4 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL.....	23
2 UNIPAMPA E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL.....	25
2.1 HISTÓRICO E DISPUTAS DO MODELO DE UNIVERSIDADE.....	25
2. 2 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA.....	31
2. 3 A CONSOLIDAÇÃO DAS POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL.....	35
2. 4 ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA UNIPAMPA.....	40
2. 5 PERFIL DO ESTUDANTE DA UNIPAMPA.....	44
3 OCUPAR E RESISTIR: OS MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO DA UNIPAMPA CAMPUS JAGUARÃO.....	45
3. 1 A TÁTICA DE OCUPAÇÃO E A APROPRIAÇÃO PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	46
3. 2 DOS/DAS ENTREVISTADOS/AS.....	49
3. 3 OCUPA UNIPAMPA JAGUARÃO (2013).....	50
3. 4 SE CORTAR A GENTE OCUPA! (2016).....	70
3. 5 QUESTÃO DAS MULHERES NO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	90
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
5 REFERÊNCIAS.....	99
6 ANEXOS.....	104

1 INTRODUÇÃO

1.1 ACERCA DA ESCOLHA DO OBJETO

Segundo Michel de Certeau (1982) o lugar que o/a historiador/a ocupa de forma alguma é um lugar neutro, já que a história e o/a historiador/a não estão à parte na sociedade. Além disso, segundo Antoine Prost (2008), os problemas do presente fazem o/ historiador/a questionar o passado, de forma a recorrer a este para legitimar sua ação no presente. Por isso, as experiências do/a historiador/a, junto da sociedade na qual ele/a está inserido/a, vão determinar os problemas que considera como importante a ser investigado, impulsionando a constituir o conhecimento histórico de um determinado grupo, ou determinado agente histórico que considera como essencial para compreender os processos históricos.

Estando a história ligada diretamente com as motivações do presente, é importante antes de tudo apresentar o meu “lugar social”, que para Certeau é o lugar econômico, social, político e cultural que o indivíduo ocupa. Conceito que já vinha sendo ensaiado pelos filósofos Deleuze e Michel Foucault, assim como o sociólogo Pierre Bourdieu. Já na década de 1980, Gayatri Chakravorty Spivak, uma crítica e teórica indiana, em seu texto intitulado *Can the subaltern speak? (Pode o subalterno falar?)*, considerado um texto fundamental para o debate pós-colonialista, inaugura uma crítica aos teóricos citados anteriormente, ainda que este(s) tenha(m) também destacado a importância da auto-representação dos setores oprimidos. Já no contexto brasileiro a filósofa brasileira Djamila Ribeiro populariza aqui o conceito de “lugar de fala” a partir do feminismo negro. Esse lugar que nos afeta, auxilia na seleção do objeto de pesquisa, de forma a construir um conhecimento daquele determinado grupo em determinado contexto histórico.

O meu “lugar social” diz respeito a minha classe, meu gênero e o contexto de lutas em que me insiro. Sendo a primeira da família a ingressar no ensino superior, presenciando as mazelas do sistema, governos e instituições, as dificuldades diárias de permanecer na Universidade, inserida na luta das mulheres e principalmente por estar envolvida diretamente no movimento estudantil e na Ocupação de 2016, pautando uma Assistência Estudantil digna e prestando solidariedade a luta dos/as trabalhadores/as terceirizados/as. Tudo isso me impulsionou a trazer à baila o protagonismo dos e das estudantes lutadores/as da Universidade Federal do Pampa campus Jaguarão, tendo como centralidade a trajetória de lutas do movimento estudantil do campus, trazendo também uma perspectiva de gênero.

Utilizo dois marcos de lutas do movimento estudantil para a pesquisa: a ocupação da Universidade em 2013 e a ocupação ocorrida em 2016. Ambos foram dois processos que marcaram não só a trajetória do movimento, mas da comunidade de Jaguarão, da comunidade acadêmica e da própria Unipampa como instituição. Seja por pautar melhorias na estrutura da Universidade e na Assistência Estudantil, na defesa e solidários aos trabalhadores/as terceirizados/as contra as demissões, apontando as opressões de classe, gênero e étnico-raciais, seja se inserindo em um contexto de lutas em âmbito nacional. Como no caso da Ocupação de 2016, envolvendo um contexto pré-golpe midiático parlamentar da ex-presidenta Dilma Rousseff, de luta contra a Emenda Constitucional 95 (EC/95), na época ainda Proposta de Emenda Constitucional 241 (PEC/241), mais conhecida como PEC do congelamento e PEC da morte pelos movimentos sociais. Ou ainda, a PEC do Teto dos Gastos pelos setores apoiadores do ajuste fiscal. Ajuste esse que atende à lógica neoliberal, retirando investimentos em setores essenciais, andando ao lado das privatizações e cortando na carne do povo.

Já o contexto de 2013 se insere em um movimento de ocupação voltado para demandas estudantis (problemas enfrentados desde a implantação da instituição), que careciam de políticas de permanência. Como relatado no Jornal Zero Hora, do dia 5 de abril de 2013: “Cerca de 50 alunos ocupam o prédio da Unipampa em Jaguarão, na Fronteira, desde às 7h de quarta-feira. Os estudantes reivindicam, entre outras questões, casa de estudante e restaurante universitário” (GAÚCHA ZH, 2013)¹. Antecedendo um período histórico de fortes mobilizações nas manifestações de ruas, a chamada Jornadas de Junho de 2013.

Ambos os marcos, 2013 e 2016, são para a presente pesquisa o tempo dos acontecimentos centrais determinantes no movimento estudantil da Unipampa campus Jaguarão. Isso não quer dizer que outros movimentos e temporalidades não irão emergir, apenas utilizarei como foco os dois momentos de intensificação das lutas no campus, decorrentes de mobilizações estudantis anteriores.

1.2 SOBRE A METODOLOGIA

¹ GAÚCHA ZH (Rio Grande do Sul) (org.). **Cerca de 50 alunos ocupam prédio da Unipampa em Jaguarão: movimento reivindica, entre outras questões, casa de estudante e restaurante universitário.** 05 abr. 2013. [GZH Geral]. Acesso em 30/06/2022. Extraído de: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/04/cerca-de-50-alunos-ocupam-predio-da-unipampa-em-jaguarao-4097417.html>

O método de análise qualitativa será a História Oral, que segundo José Carlos Sebe Meihy (2005, p. 49) “O debate sobre a inserção da História Oral no Brasil interessa enquanto mecanismo reflexivo sobre as relações entre o conhecimento formal acadêmico e a política cultural do país”.

Ela que, como método de análise passou a ser utilizada a partir da década de 1950, após a criação do gravador à fita, na Europa, nos Estados Unidos e no México, quebrando paradigmas da História tradicional pautada na verdade absoluta e na objetividade das fontes históricas. A sua consolidação no Brasil se deu principalmente a partir dos anos 1980, culminando na criação da *Associação Brasileira de História Oral (ABHO)* em 1994, durante o II Encontro Nacional de História Oral. A nível internacional, foram criados programas de história oral, edições de livros e revistas especializadas em diversos países, sendo em 1996 fundada a *International Oral History Association (IOHA)*.

A partir daí ampliaram-se os leques de objetos, problemas, instrumentos analíticos e fontes para a nossa historiografia, além de priorizar as identidades, trajetórias e memórias de grupos populares, que muitas vezes não estão nas fontes escritas, se inserindo em territórios pouco viáveis para a história tradicional e democratizando o conhecimento científico.

Através do método da História Oral, o presente trabalho tem como objetivo principal reconstituir a trajetória do Movimento Estudantil da Unipampa no campus Jaguarão, partindo das narrativas de agentes históricos envolvidos diretamente nos processos de ocupação da Universidade em 2013 e 2016. Segundo Verena Alberti:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (2005, p. 31.)

Dessa maneira, o roteiro e a seleção dos e das entrevistadas, se deu através da reflexão a partir do meu lugar enquanto participante do movimento de Ocupação de 2016, levando em conta as vivências dos/das entrevistados/as dentro dos movimentos de ocupação e suas potencialidades. Ainda, para incluir a análise de diferentes narrativas, a pesquisa conta com sete depoimentos: dois estudantes para cada período histórico (2013 e 2016); uma trabalhadora técnicas-administrativa envolvida diretamente com a questão da Assistência Estudantil; uma trabalhadora terceirizada envolvida com a pauta da ocupação de 2016; e por fim, uma docente – apresentação dos/das entrevistados/as na página 47. Para além das

entrevistas, o presente trabalho também propõe alternativas de diálogos com outras versões historiográficas e documentais, trazendo também as incidências nas mídias, como matérias de jornais, redes sociais do movimento e registros fotográficos.

Ainda segundo Meyhe: “Autores mais atentos ao moderno uso das narrativas como fonte garantem que o objeto central da coleta de depoimentos não se esgota na busca da verdade e sim na experiência” (1996, p. 49). Por isso, mais do que trazer uma objetividade, a metodologia da História Oral proporciona a produção de fontes históricas inseridas em seu tempo e espaço, pautadas na valorização da experiência e na subjetividade dos sujeitos. Dessa maneira, partindo da experiência individual podemos adentrar a experiência coletiva, em aspectos do movimento como um todo, além de auxiliar na produção de identidades e memórias coletivas. Aliás, a memória é coletiva, pois segundo Maurice Halbwachs (2004), o depoimento não teria sentido senão em relação ao grupo no qual faz parte, tendo vivido um acontecimento em comum e partilhado experiências:

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados, nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. [...] Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. (HALBWACHS, p. 14)

Ao passo que a memória também é individual, no sentido de cada depoimento partir de uma perspectiva da experiência, mas também da própria escolha de reconstituir algum acontecimento, pois segundo Pierre Nora:

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. (NORA, 1993, p. 18)

A memória possui um vínculo extremamente importante para a História Oral e vice-versa, já que “A transposição das narrativas da memória para a história, no entanto, se dá na capacidade de diálogo entre a memória, a mediação da história oral e a história” (MEYHE, 2005, p. 53).

De antemão, para evitar confusões, é importante ressaltar aqui, que memória não é o mesmo que História Oral e muito menos a história em si. A memória é um suporte para as narrativas de História Oral. “A responsabilidade documental é que dá sentido à memória

como tema para para a história” (MEYHE, 2005, p. 53). Existem ainda, segundo o autor, categorias de memória, que estão intimamente ligadas às identidades:

Quando a memória é convocada para projetos que tratam de aspectos da localização dos indivíduos na sociedade, seus enquadramentos são conduzidos como filtros que conduzem a narrativa das experiências. Assim, pode-se relacionar a existência de setorizações da memória segundo condições de trabalho, saúde, orientação sexual, ou outra maneira que organize a leitura dos fatos relevantes para a vida. Nesse sentido, há, socialmente uma memória: operária, da elite, de doentes, de mulheres e de homens, entre outras. (MEYHE, 2005, p.56)

Dessa forma, pode-se afirmar que o presente trabalho utiliza como categoria a memória do movimento estudantil, levando em conta a classe social, gênero, questões étnico-raciais e circunstâncias históricas, a fim de constituir socialmente uma memória do movimento estudantil da Unipampa que leve em consideração esses aspectos presentes na sociedade. Por fim, o trabalho também produzirá uma análise sobre aspectos de uma memória coletiva não oficial. Seria o que Pollak (1989) chama de memórias subterrâneas, evocada a partir da análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, que inclusive confronta a Memória Oficial.

Esse trabalho também se inscreve na historiografia da História do tempo presente, que tem mobilizado em âmbito nacional e internacional a comunidade de historiadores. Apesar de ser uma noção ainda muito banalizada e controversa, tem trazido um enfoque na história política, uma ampliação do uso de fontes, a valorização da interdisciplinariedade, principalmente com as ciências sociais, valorizando atores individuais e coletivos, e proporcionado uma relação dialética entre história e memória. O historiador François Dosse (2012) defende “[...] a ideia de uma verdadeira singularidade da noção da história do tempo presente que reside na contemporaneidade do não contemporâneo, na espessura temporal do «espaço de experiência» e no presente do passado incorporado” (DOSSE, p. 6). Que segundo Ronaldo Lohn (2019) a “[...] História do Tempo Presente demarca temporalidades em construção, as quais correspondem ao vivido e aos vivos” (p. 11). Ou seja, uma temporalidade que não se encerrou, e não necessita necessariamente estar baseada no pós de uma determinada ruptura, mas que está em processo, construindo “[...] testemunhos em perspectiva e interpretativos dos acontecimentos e processos que marcam o vivido” (LOHN, p. 13, 2019).

1.3 SOBRE A UNIVERSIDADE

A Universidade Federal do Pampa nasceu das políticas de expansão e reorganização do ensino superior. Segundo Viviane Gentil (2017), iniciado em 2003, o Programa Expandir² do Ministério da Educação começava a estruturar políticas de expansão universitárias para regiões que careciam de uma educação superior pública. Isso porque, antes da sua implementação, a região da fronteira sul não possuía nenhuma universidade pública, o que dificultava o acesso de jovens e da classe trabalhadora ao ensino superior, gratuito e de qualidade, muitas vezes tendo que se deslocar aos grandes centros. A única instituição de ensino superior era a Universidade da Região da Campanha – Urcamp, uma Universidade privada que estava por encerrar suas atividades devido a dificuldades financeiras e de estrutura para se manter. A partir das discussões sobre políticas de expansão, iniciou-se um movimento pela federalização da Urcamp, pois se acreditava que para além do acesso ao ensino superior, uma universidade federal poderia contribuir para o desenvolvimento regional. Posteriormente surgiu o projeto visando a criação da Universidade Federal do Pampa, inicialmente chamada pela sigla UFP, abrangendo mais cidades para além das que a Urcamp possuía sede, no caso Bagé, Alegrete, Dom Pedrito, Santana do Livramento e São Gabriel. Assim, a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) criada através da Lei nº 11.640 de 11 de janeiro de 2008, tem como característica ser uma universidade multicampi, ou seja, descentralizada em dez campus universitários sediados nas cidades de Jaguarão, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Alegrete, São Gabriel, Santana do Livramento, Itaqui, São Borja, Uruguaiana e Bagé (onde fica localizada a reitoria).

Anteriormente à criação como universidade autônoma, a Unipampa foi tutelada por duas universidades, a Universidade Federal de Pelotas e a Universidade Federal de Santa Maria, as quais dividiram a gestão dos campus universitários entre os anos de 2005 a 2008. Foram estas que deram início a criação dos cursos de graduação e da estrutura administrativa, tendo em 2006 ingressado os primeiros estudantes, completando o corpo acadêmico da universidade, por docentes, discentes e técnicos administrativos em educação.

² O Programa Expandir do Ministério da Educação começa a estruturar políticas de expansão universitárias para regiões que carecem de uma educação superior pública. Com foco voltado para as necessidades e vocações econômicas de cada região, o objetivo era criar 10 novas universidades federais e 49 campi universitários distribuídos nas cinco regiões brasileiras, permitindo assim, quando de sua completa implementação, que o programa pudesse contar em 2008 com o ingresso anual de mais 30.000 novos estudantes em diversos cursos de graduação. Dessa forma, o Programa Expansão começa a reorientar a organização do ensino superior no Brasil. Referência: Relatório de Expansão das instituições federais, período 2003–2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/relatorioexecutivo.pdf> Acessado em: 12/04/2022

Segundo Gentil a “[...] ansiedade de muitos líderes políticos de implantar a Unipampa em tempo recorde, foi, sem dúvida, um dos destaques na história de criação da universidade” (2017, p.204). Mas, por outro lado, a rapidez com que os processos ocorreram, desde os debates sobre expansão, possibilidade de Federalização da Urcamp até o projeto de Universidade Federal do Pampa e sua implementação, impossibilitaram a realização de um planejamento estruturado para a nova Universidade. Sem dúvidas, esse fato refletiu em diversos problemas estruturais, que trato aqui mais especificamente explorando o tema da Assistência Estudantil e de estrutura dos campi. Para se ter ideia, no início de 2007, a Unipampa contava com 10 campi, desses, somente dois com prédios próprios e estruturas definitivas. Os outros oito, contavam com infraestruturas provisórias, principalmente espaços escolares cedidos pelas prefeituras e obras em período licitatório ou em construção. Não havia Restaurante Universitário e Moradia Estudantil, já os primeiros RUs só foram sendo inaugurados a partir de 2014. É a partir dessas duas problemáticas que o movimento estudantil da Unipampa campus Jaguarão começa a se organizar.

O primeiro capítulo intitulado “Unipampa e Assistência Estudantil” irá caracterizar e debater questões relativas à Universidade e a Assistência Estudantil, trazendo aspectos desde sua fundação, debatendo as políticas de criação, estrutura e políticas de Assistência Estudantil. O segundo capítulo intitulado “Ocupar e resistir: os movimentos de Ocupação da Unipampa campus Jaguarão” tratará especificamente das ocupações de 2013 e 2016, trazendo o contexto e a narrativa dos e das estudantes, terceirizados/as, técnicos/as administrativos/as e professores/as. Além disso, houve a necessidade de dedicar um subcapítulo para as “Mulheres no movimento estudantil”. Sobre esse último, partiu da percepção do protagonismo das mulheres na construção desses espaços. O próprio roteiro das entrevistas foi planejado com perguntas direcionadas às entrevistadas, buscando compreender questões da importância do tema, o impacto na subjetividade e trajetória dessas mulheres, e como esse tema foi trabalhado dentro do Movimento Estudantil. Porém durante o processo das entrevistas, esse tema surgiu a partir das próprias narradoras, cabendo a mim enquanto entrevistadora, explorar e incentivar a produção desses relatos.

1. 4 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL

O movimento estudantil no Brasil teve uma atuação importantíssima na construção sócio-histórica das lutas da categoria e dos movimentos de reivindicação da sociedade. Segundo Flávia Santana (2014) a União Nacional dos Estudantes (UNE) foi criada em 1937, na Casa do Estudante do Brasil (CEB), e embora a entidade tenha tido um reconhecido caráter político e “subversivo” na Ditadura Militar, ela nasceu com pretensões “apolíticas” e simpáticas ao poder público da época, no caso, o Estado Novo de Getúlio Vargas . Já no primeiro congresso da CEB em 1937, o mesmo conselho que a criou, exigiu a proibição de temas políticos nas pautas dos encontros. Já no II congresso, ocorrido no ano seguinte, a entidade passa a gestar o que mais tarde representaria a União Nacional dos Estudantes, questionando a função da Universidade e debatendo a realidade estudantil. Nesse segundo congresso, também se formalizou o reconhecimento da UNE como órgão máximo de representação oficial dos estudantes.

Esse caráter da UNE passa a ser evidenciado tendo como pauta a oposição ao nazifascismo, pressionando o governo brasileiro a ter uma posição concreta do rompimento com os países do Eixo. Mais tarde também se mobilizou pela redemocratização do país, pelo fim do Estado Novo, pela anistia de presos políticos e encabeçando a campanha “O petróleo é nosso”. Em 1947 encabeçou a luta contra o fechamento do Partido Comunista Brasileiro e no ano seguinte mobilizando a luta contra o aumento passagem do bonde no Rio de Janeiro. Mais tarde também denunciou a interferência norte-americana no movimento estudantil, que passou a financiar forças reacionárias simpáticas ao governo Dutra e aos Estados Unidos na tentativa de atuarem na entidade. Mais tarde, o movimento estudantil também participou ativamente pela campanha da legalidade, contra a renúncia do então presidente Jânio Quadros.

No início da década de 1960, em um momento de ebulição social, o movimento estudantil se radicaliza com a criação da Ação Popular (AP), que defendia uma ação revolucionária imediata, com base no socialismo. Nesse período também, segundo Rafael Viana (2018) surge o Movimento Estudantil Libertário (MEL), que passa a pautar uma atuação estudantil combativa de base ideológica pautadas no socialismo libertário, com acordos de princípios federalistas. Os estudantes aglutinados no principal jornal de propaganda inclusive fazem uma crítica às entidades estudantis da época, sinalizando uma necessidade de trabalho de base: “apresenta-se à luta, propugnando uma organização estudantil, na qual o estudante, através de seus órgãos representativos, prévias, as consultas indispensáveis, decida sobre seus problemas” (VIANA, 2018, p. 4 apud. O Protesto, 1967).

Já a partir da instauração da ditadura civil-militar em 1964, segundo Flávia Santana (2008), o movimento estudantil passou a ser considerado pelo regime uma das maiores forças oposicionistas e passando a atuar na clandestinidade. Foi um período marcado por intervenções nas universidades, em que estudantes denunciavam a situação sempre demarcando posição contra o regime, passaram a sofrer diversos ataques após o golpe, como invasões de reuniões, depredação de instalações, repressão policial, prisões de estudantes, tortura, mortes e desaparecimento. Importante aqui fazer memória ao estudante Edson Luís de Lima Souto, morto a tiros em 28 de março de 1968 durante uma manifestação contra a má qualidade do ensino e o aumento do preço da refeição no Restaurante Universitário de Calabouço, no Rio de Janeiro. Seu enterro reuniu mais de 50 mil pessoas e levou à manifestações por todo país.

Mesmo assim, os estudantes continuaram tentando se organizar e realizar os Congressos da UNE. Nesse período também foram registradas inúmeras greves, passeatas, protestos e manifestações, com o movimento estudantil desempenhando um papel fundamental de resistência às arbitrariedades e atrocidades do regime. Segundo Santana, com a decretação do Ato Institucional Número Cinco (AI-5)³, em dezembro de 1968, a escalada do autoritarismo levou à supressão da atuação do movimento estudantil, “[...] levando grande parte dos estudantes a buscar, juntamente com as organizações de esquerda, na luta armada uma alternativa para combater a ditadura” (2008, p. 117). Esse período de 1968 a 1974, que demarca a escalada do autoritarismo e repressão, ficou conhecido como os “anos de chumbo” encabeçado por Médici e pode ser considerado o pior em termos de tortura, violência e desrespeito vividos no país.

Segundo a autora, a vida política dos e das estudantes foi completamente sufocada, com a imprensa sob censura e o terrorismo de Estado direcionando a opinião pública, não se tinha espaço para a atuação política legal e aberta, o que inviabilizou o trabalho de massas do movimento estudantil. Já de 1974 a 1984 com o processo de abertura, após os anos de fechamento do regime, há uma retomada do movimento estudantil, com o envolvimento de estudantes em episódios que marcaram esse período, como a luta pela anistia, educação e redemocratização.

³ O Ato Institucional Número Cinco (AI-5) foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964 no Brasil. Considerado o mais duro de todos os Atos Institucionais, foi emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968. Isso resultou na perda de mandatos de parlamentares contrários aos militares, intervenções ordenadas pelo presidente nos municípios e estados e também na suspensão de quaisquer garantias constitucionais que eventualmente resultaram na institucionalização da tortura, comumente usada como instrumento pelo Estado.

Já trazendo o movimento estudantil para a atualidade, há recentemente um marco em termos de estratégia do movimento estudantil, perante a falta de diálogo por parte do governo e a imposição de medidas que atacam a educação e os estudantes. Apesar de ser um tema de estudos muito recente, é possível identificar uma mudança das estratégias de lutas do movimento estudantil a partir da retomada das ocupações em 2015, por estudantes secundaristas. Essa estratégia utilizada no Brasil principalmente a partir dos anos 1990 com o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) e posteriormente por movimento de ocupações urbanas na luta por moradia como o Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), ganha uma outra dimensão quando apropriada pelo movimento estudantil a partir das ocupações das escolas por secundaristas em 2015. Esse movimento ganha as devidas dimensões quando o governo do estado de São Paulo anunciou em setembro daquele ano uma medida de reorganização da rede de ensino que acarretaria no fechamento de 94 unidades escolares. A medida provocou indignação e rapidamente a organização de estudantes que passaram a assumir o controle de mais de 200 escolas no estado. Esse grande movimento também inspirou em 2016 outra onda de ocupações em escolas e universidades, que ficou conhecida como a Primavera Secundarista, que diante das propostas de Reforma do Ensino Médio, do Escola Sem Partido e da antiga PEC 55, resultou em mais de mil escolas e universidades ocupadas pelo Brasil.

Essa tática se relaciona com o presente trabalho, pois o foco da pesquisa está justamente em dois períodos marcados pelo movimento estudantil que ocupa a Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão nos anos de 2013 e 2016. Campus esse, inserido da fronteira do extremo sul do Brasil com o Uruguai, fazendo parte de um dos 10 campi da Universidade. Esse tema será melhor explorado no capítulo 2.

2 UNIPAMPA E A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

2.1 HISTÓRICO E DISPUTAS DO MODELO DE UNIVERSIDADE

Antes de falar sobre a Universidade em si, se faz importante aqui trazer um breve histórico das disputas sobre o modelo de Universidade, as reformas e as políticas implementadas até chegarmos no atual cenário das Instituições Federais. Para abrir o debate, Flávia de Angelis Santana (2014) defendeu a tese de que o movimento estudantil teve um papel fundamental na formulação de modelos para o ensino superior no Brasil ao longo da

década de 1960, demonstrando que a reforma universitária não só nasceu nos meios estudantis, como:

[...] neste período, o movimento estudantil atuou primordialmente , em defesa da reforma universitária, orientado por uma diretriz de articulação de suas lutas políticas e educacionais, conforme a definição da União Nacional dos Estudantes (UNE) (p. 10).

A autora aponta que entre os fatores que corroboraram para esse cenário, foi sem dúvidas o contexto político, social, econômico e educacional entre os anos 1956 e 1960, com uma crescente politização do movimento estudantil. Em 1959 a UNE lançou campanha que se posicionava contra a Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB), além de denunciar seu caráter privatista. Outro fator foi a retomada da direção da UNE por estudantes progressistas, após sucessivas gestões de direita, assim como a realização de Seminários Nacionais de Reforma Universitária.

Outras questões também seguiam na pauta do movimento, como quando em 1962, perante a demanda de ampliação de vagas para o ensino básico e superior, o Conselho Federal de Educação (CFE) decidiu pela não interferência em exames vestibulares, ficando estes sob responsabilidade exclusiva das instituições de ensino superior, “Além disso, o parecer determinou que os exames vestibulares tinham como função classificar os candidatos ao ensino superior até o limite de vagas existentes.” (SANTANA, 2014, p. 75). Diante dessa decisão, o movimento estudantil propôs a retirada dos exames vestibulares como forma de romper com a barreira de acesso ao ensino superior, assim como a defesa da participação estudantil nos órgãos colegiados. Porém, no ano seguinte, o parecer N° 342/1963 que acabou com a perspectiva dessa possibilidade foi aprovado. Segundo Flávia, nessa proposta, estava contida uma preocupação:

Fato é que as iniciativas para a minimização das barreiras para o acesso ao ensino superior - aliada à visão de que este último facilitava a ascensão social dos estudantes provenientes das camadas médias; ao problema de excedentes, já existentes desde o início dos anos 50 e não solucionado nem por meio de leis nem pelas federalizações iniciadas em 1945; e ao progressivo barateamento das taxas cobradas pelas escolas públicas, que chegaram, no início dos anos 50, à gratuidade total - ampliaram expressivamente, a demanda por este nível de ensino. (SANTANA, p. 75)

Diante do dilema, Carlos Benedito Martins em seu artigo intitulado *A Reforma Universitária de 1968 e a Abertura para o Ensino Superior Privado no Brasil* aponta que:

A Reforma de 1968 produziu efeitos paradoxais no ensino superior brasileiro. Por um lado, modernizou uma parte significativa das universidades federais e determinadas instituições estaduais e confessionais,

que incorporaram gradualmente as modificações acadêmicas propostas pela Reforma. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. (2009, p.10)

Desse modo, apesar de produzir efeitos inovadores nas estruturas das Universidades, por outro lado, produziu condições para o surgimento de um ensino privado de caráter profissionalizante, de modo a pensar o conhecimento como reprodução e com um distanciamento das atividades de pesquisa, que pouco fomentaram uma análise crítica da sociedade (MARTINS apud. FERNANDES, p.17, 2014).

Após o golpe civil-militar de 1964, “[...] as medidas repressivas desencadeadas pelos novos governantes, com relação ao movimento estudantil, e a estrita vigilância dos docentes se combinaram com propostas de modernização e de expansão do ensino superior (MARTINS, 2014, p. 20)”, expressando o caráter modernizador-autoritário do Estado. Nesse período, marcado também por uma concentração de renda maior em determinados setores, a expansão se deu à base da contenção, diante da falta de recursos financeiros. Ainda, seus conteúdos deveriam se adaptar às metas do desenvolvimento nacional.

Marcado por um período de vigilância e perseguições durante o regime militar, o debate sobre o modelo de Universidade é retomado na década de 1980, na reorganização dos movimentos sociais, quando vai se configurando o processo de redemocratização no país. Período esse em que ocorre a reorganização do movimento estudantil e da UNE, assim como o surgimento das Associações Docentes, que dão origem a Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES-SN)⁴. Em 1987, foi formado o *Fórum da Educação na Constituinte*, composto pelas entidades científicas e sindicais, que apresentaram uma proposta de texto para a educação para a nova Constituição. Segundo Sueli Mazzilli (2011), grande parte dos professores que integravam a Associação Nacional dos Docentes haviam sido militantes do movimento estudantil da década de 60.

Os princípios que nortearam este projeto foram a defesa do ensino público e gratuito, autonomia, democratização das universidades e a participação da comunidade na academia. Sobre este último, um avanço importante foi a incorporação do artigo 207 na Constituição de 1988 que determina a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Na verdade,

⁴ A ANDES - Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior foi criada em 1981, mas transformou-se em Sindicato Nacional em 1988, passando a ser denominada o ANDES-SN, ou seja, Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior – Sindicato Nacional.

nesse sentido a aprovação foi na contramão das intenções do Estado na época, que era justamente adequar a Constituição aos padrões internacionais aos moldes do projeto neoliberal para o país, que segundo Mazzilli:

Os avanços incorporados à nova Constituição foram significativos e contrariaram interesses de grupos que buscavam o alinhamento do Brasil com a reestruturação do sistema capitalista através da globalização da economia com a redução do aparelho estatal, a privatização dos meios de produção e dos serviços de interesse social, de acordo com os princípios neoliberais (2011, p. 215)

Lógica essa que veio sendo gestada nos governos Collor de Mello (1990-1992) e Itamar Franco (1992-1994) e foi implementada no governo de Fernando Henrique Cardoso. FHC e o Partido Social da Democracia Brasileira (PSDB) seguiram as diretrizes do Pacto de Bolonha, em que o Banco Mundial, junto às universidades europeias, vincularam a educação enquanto produto de mercado e a expansão mundial nesse sentido. Nas políticas educacionais, delegou uma maior intervenção do setor privado para os rumos da educação pública, extinguindo o Conselho Federal de Educação (CFE) e criando o Conselho Nacional de Educação (CNE), favorecendo a expansão do ensino superior na lógica da “universidade de serviços”, parafraseando Marilena Chauí (2001)⁵. Segundo Suely Ferreira :

No governo de FHC, as diretrizes políticas passaram pela tentativa da caracterização da educação superior como um serviço público não estatal; da diminuição significativa do financiamento estatal na manutenção das universidades federais; da mudança do papel do Estado, de financiador para regulador; da privatização; do incentivo de fontes alternativas de financiamento; das parcerias público-privadas; da diferenciação e competitividade entre instituições; da expansão de baixo custo; do ensino a distância; dos sistemas de avaliação; da formação para atender ao mercado de trabalho (2012, p. 461)

Durante o governo FHC, além de privilegiar o setor privado da educação, houve uma reorganização das Instituições de Ensino Superior, estabelecendo uma distinção entre as IES públicas, IES privadas sem e com fins lucrativos e a distinção da sua organização acadêmica para universidades, centros universitários, faculdades integradas, faculdades, institutos superiores ou escolas superiores. Segundo Ferreira, essa “[...] nova organização das IES tende, por meio da sua diversificação, a romper com a indissociabilidade entre ensino,

⁵ Segundo CHAUI em seu texto intitulado *Em torno da universidade de resultados e de serviços*, por trás da justificativa de “modernização” da universidade, atua uma ideologia neoliberal, que produz uma “universidade de resultados”, que prestará serviços ao mercado, transformando o saber em mercadoria e conseqüentemente, a heteronomia de conhecimento. E vai além: “A salvação modernizante consiste em levar a ideia e a prática da privatização do público às suas últimas conseqüências, pois as pesquisas não serão privatizadas apenas pelo financiamento, mas porque serão reduzidas a serviços e encomendados cujos critérios, objetivos, padrões, prazos e usos, não serão definidos pelos próprios pesquisadores, mas pelos financiadores” (1995, p. 58).

pesquisa e extensão, uma vez que se exige somente das instituições universitárias essa articulação” (2012, p. 460).

No que tange essencialmente o acesso e permanência aos estudantes, passou-se a exigir das universidades a redução de recursos destinados à residência estudantil, restaurantes, bolsas e subsídios, além de implementar a Lei nº 10.260, de 7 de dezembro de 2001, que dispôs sobre o Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior (FIES), que possibilitou a alocação de recursos públicos para as instituições privadas.

Já no governo de Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010), a reforma na educação superior foi implementada através de leis e decretos, que apesar de ter ocorrido um aumento significativo de recursos públicos para as instituições federais de 2004 a 2012, na verdade houve mais uma continuidade do que rupturas das políticas para o ensino superior implementadas no governo FHC (FERREIRA, 2012). Entre as continuidades, pode-se destacar a Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), em substituição ao Exame Nacional de cursos (ENC), que promove a avaliação de instituições, de cursos e de desempenho dos estudantes. O sistema de avaliação implementado no governo Lula, recebe influências díspares do ENC e de seu antecessor, o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB), recebendo severas críticas por conter uma lógica produtivista e meritocrática, evidenciando o papel de avaliador e regulador do Estado.

Além dela, destacam-se outras leis, como a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a chamada Lei de Inovação Tecnológica que aproximou não só a universidade do setor privado, mas também permitiu que pesquisas fossem voltadas a atender demandas do setor produtivo privado; a Lei nº 11.079, de 30 de dezembro de 2004, que permitiu a contratação de parceria público-privada no setor público, além de promover a ampliação de recursos públicos para o setor privado; a lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que criou o Programa Universidade para Todos (ProUni), que “associou o financiamento estatal das instituições privadas com e sem fins lucrativos, por meio da isenção fiscal, à incorporação de parcela da população estudantil historicamente sub-representada no sistema da educação superior” (Gomes, 2008, p. 30 *apud*. FERREIRA, 2012, p. 462); e o Decreto Presidencial nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que normatizou a educação a distância.

Sobre as discontinuidades em relação ao governo FHC, e fomento à educação pública superior do governo Lula, podemos destacar dois programas. O primeiro é o Programa de Expansão das Instituições Federais de Educação Superior (EXPANDIR). Lançado em 2005,

com o slogan “Universidade, expandir até ficar do tamanho do Brasil”, foi a primeira ação do Ministério da Educação de levar a Universidade pública para regiões de difícil acesso do país. Além do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, que instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), vigente até o ano de 2012, visando reestruturar e expandir os campi das Universidades Federais. As diretrizes prezaram o aumento de vagas especialmente no período noturno, a redução das taxas de evasão e ocupação de vagas ociosas e ampliação de políticas de inclusão e Assistência Estudantil. Porém, o programa se comprometeu com concursos públicos para o pessoal e aportes de custeio e investimentos até 2012 em troca de duas metas: a elevação das taxas de conclusão da graduação para 90% e o aumento da relação de alunos de graduação em cursos presenciais por professor (REUNI DIRETRIZES GERAIS, 2007).

O EXPANDIR e o REUNI são ações integrantes ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), segundo Melo, Melo e Nunes (2009), esse processo pode ser dividido em três ciclos:

O Primeiro Ciclo (2003-2006) em que ocorreu a expansão para o Interior, com a criação de dez novas universidades federais em todas as regiões, a consolidação de duas universidades federais e criação e consolidação de 49 campi universitários; o **Segundo Ciclo (2007-2012)** de expansão com Reestruturação, com adesão da totalidade das instituições federais de ensino superior; implantação de 95 campi universitários; e o **Terceiro Ciclo (2008)** de expansão com ênfase nas interfaces internacionais com a criação de universidades federais em regiões territoriais estratégicas. A exemplo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), sediada em Foz do Iguaçu (PR); Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sediada em Santarém (PA); Universidade Luso-Afro-Brasileira (UNILAB) em Redenção (CE) e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sediada em Chapecó (SC).

A criação da Universidade Federal do Pampa faz parte do primeiro ciclo, que, impulsionada pelos movimentos sociais e políticos da região da Campanha Sul e Oeste do Rio Grande do Sul, se torna projeto através do Programa Expandir.

2.2 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Ao mesmo tempo em que leis e decretos do governo Lula fomentaram a expansão da iniciativa privada, seguindo a agenda neoliberal do Fundo Monetário Internacional, em contrapartida, partindo do diagnóstico do descompasso da oferta e da procura do ensino superior (majoritariamente privado), constatou-se que era preciso investir na expansão das instituições federais e na interiorização. Fato é, que essas políticas de investimento e expansão do ensino público superior sempre estiveram na agenda dos movimentos sociais pela democratização da universidade pública, sobretudo ao acesso para jovens da classe trabalhadora.

O primeiro passo à expansão e interiorização das universidades públicas iniciou-se em 2003, com a proposta do EXPANDIR. O programa contaria com investimentos e contratação de novos professores (2.365 cargos) e pessoal técnico-administrativo (1.475 cargos), 120 cargos de direção e 420 funções gratificadas, para oferecer, até 2007, cerca de 30 mil vagas (GENTIL, 2017). Na primeira fase do programa, segundo Gentil, foram criados ou consolidados 36 novos campi em 19 estados brasileiros: “As universidades enviaram propostas para construir campus em regiões de difícil acesso, [...] sendo parte desse universo a região da Fronteira Sul, contemplada com a implantação da Universidade Federal do Pampa (Consórcio Universitário)” (2017, p. 133).

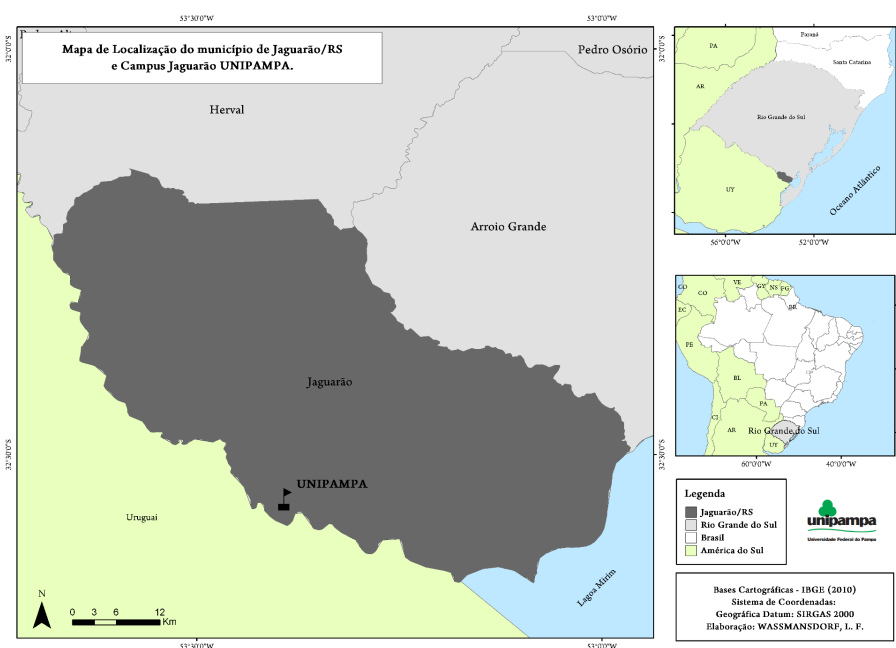
O programa contou ainda com três meios de expandir e interiorizar as universidades, com a criação de novas universidades, com a transformação de faculdades federais em universidades, e a construção e consolidação de novos campi. No caso da Unipampa, criou-se uma nova Universidade, mas as demandas iniciais do movimento por Universidade pública na região, inicialmente continham outra proposta.

A Fronteira Sul faz parte do Pampa gaúcho, território voltado à atividades da pecuária extensiva e à produção de arroz e soja em larga escala (HOFF; SAN MARTIN; SOPEÑA, 2011 apud. GENTIL, 2017). Marcada pelas fronteiras com a Argentina e Uruguai, com diversas problemáticas de acesso à educação, falta de professores da educação básica e falta de um ensino superior de qualidade. O município de Jaguarão especificamente fica localizado na microrregião sul do estado, com uma população de 27.931 pessoas, segundo o último Censo do IBGE (2010)⁶. Cidade localizada às margens do rio Jaguarão que divide a fronteira entre Brasil e Uruguai, está inserida na faixa de fronteira de 150 km estabelecida na Lei nº 6.634/1979. Apesar da cidade ser um ponto estratégico e de “interesse nacional”, o município de Jaguarão teve muita dificuldade no que pese ao desenvolvimento regional, afastada dos

⁶ Retirado do site no dia 16 de julho de 2022. Extraído de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/panorama>

grandes centros, sendo a economia voltada para o agronegócio e com sérios problemas no que tange o acesso à educação.

Figura 1: Localização da Unipampa em Jaguarão



Fonte: Imagem IBGE, produção própria.

Buscando diversificar as atividades econômicas e o desenvolvimento econômico, é que começa a ser explorada a ideia de uma universidade federal para a região. Região essa que não possuía nenhuma universidade pública, o que dificultava o acesso de jovens ao ensino superior, gratuito e de qualidade, muitas vezes tendo que se deslocar aos grandes centros. A única instituição de ensino superior era a Universidade da Região da Campanha – Urcamp, sediada em Bagé, era uma universidade privada que estava por encerrar suas atividades devido a dificuldades financeiras e de estrutura para se manter.

A partir dessa problemática, acompanhando o movimento nacional de expansão que estava se desenvolvendo naquele momento, lideranças comunitárias, estudantis e políticas iniciam em Bagé um movimento que visava a implementação de políticas para o ensino superior que pudesse atender as demandas da região. Assim, segundo GENTIL (2017), em 2004 iniciava-se um grande movimento estudantil liderado pelos acadêmicos da Universidade da Região da Campanha - Urcamp que, diante da situação de endividamento da instituição e

com dificuldade para manter o funcionamento dos campi, buscavam soluções para manutenção das atividades universitárias com o apoio de instâncias públicas. O movimento foi ganhando apoio da comunidade acadêmica e posteriormente de figuras políticas da região, vereadores, prefeitos, deputados que levaram a proposta adiante.

Segundo o jornal *Extraclasse*, de junho de 2005⁷, a ideia de federalizar a Urcamp teria partido do ministro da educação na época, Tarso Genro. A partir daí vários municípios que possuíam sede da Urcamp, como Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, São Gabriel, São Borja, Santana do Livramento, Itaqui e Alegrete, passam a realizar caravanas e audiências públicas sob a pauta da federalização da Urcamp. Porém, em maio de 2005, em uma audiência pública na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, organizada pela bancada do PT, Tarso Genro relata as dificuldades jurídicas de federalização de uma instituição privada. Estudos técnicos apontados pelo MEC concluíram que a federalização seria inconstitucional. A impossibilidade se deu pela dificuldade da transformação de uma universidade privada, com funcionários regidos pela CLT, para uma universidade federal, com servidores públicos estáveis. Nessa audiência, destacou-se três caminhos para uma Universidade Federal na região: a criação de uma nova universidade, a criação de um consórcio intermunicipal que comprasse bolsas na Urcamp ou a criação de novas unidades universitárias que poderiam estar tuteladas pelas universidades federais de Santa Maria (UFSM) e Pelotas (UFPEL). Segundo a matéria do dia 17 de junho do *Jornal Zero-Hora*⁸, o movimento feito pelo MEC a partir daí foi ao encontro da última possibilidade, de criação de novas unidades na metade sul, tendo como base e tutela a UFSM e UFPEL, em forma de consórcio universitário até que fosse implementada

Em julho de 2005, em uma caravana na cidade de Bagé, Lula anuncia a criação da Universidade Federal do Pampa, na época ainda com sigla de UFP, comprometendo-se a enviar ao Congresso Nacional o projeto de lei da universidade. Em setembro de 2006 tiveram início as atividades acadêmicas dos campus vinculados à UFPEL, em outubro dos campi vinculados à UFSM. No ano seguinte é criada a comissão de implantação da Unipampa, e em 11 de janeiro de 2008, a Lei nº 11.640 cria a UNIPAMPA – Fundação Universidade Federal

⁷ JORNAL EXTRA-CLASSE (Rio Grande do Sul) (org.). Cresce mobilização pela federalização da Urcamp. Porto Alegre, 6 junho, 2005. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/movimento/2005/06/cresce-mobilizacao-pela-federalizacao-da-urcamp/> Acesso em: 16 de julho de 2022.

⁸ GAUCHA ZH (Rio Grande do Sul) (org.). MEC planeja dois novos campi federais no Estado. Porto Alegre, 17 junho 2005. In: GENTIL, Viviane Kanitz. **Expansão, interiorização e democratização de acesso a educação superior pública: o caso da Unipampa**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2017. (p. 174)

do Pampa. O Campus Jaguarão especificamente iniciou suas atividades ofertando os cursos de Pedagogia e Licenciatura em Letras (Português e Espanhol), posteriormente também ofertando o curso de Licenciatura em História.

Segundo GENTIL (2017), o acordo técnico do MEC com o modelo de consórcio com os esforços da UFPEL e a UFSM deixava especificado o engajamento das duas instituições para a implantação de 10 campi na Fronteira Leste e Sul. Como meta estabeleceu a criação de 67 cursos até 2008 e como compromisso na cláusula terceira:

I- MEC:

- a) apoiar de maneira intensa e efetiva, o processo de implantação dos campi nos referidos municípios;
- b) constituir uma comissão de coordenação de implantação dos campi.

II- UFPEL

- a) implantar os campi nos seguintes municípios: Bagé, Santana do Livramento, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Jaguarão.
- b) Instituir, de acordo com a legislação vigente, as seguintes unidades acadêmicas: Faculdade de Engenharia de Bagé, Instituto de Educação, Ciências e Letras de Bagé; Faculdade de Ciências Agrárias de Bagé; Faculdade de Ciências da Saúde de Bagé; Instituto de Relações Internacionais de Santana do Livramento, Instituto de Geociências de Caçapava do Sul, Faculdade de Ciências Rurais de Dom Pedrito e Instituto de Educação e Ciências Humanas de Jaguarão.

III - UFSM

- a) implantar os campi nos seguintes municípios: São Borja, São Gabriel, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui.
- b) Instituir de acordo com a legislação vigente, as seguintes unidades acadêmicas: Centro de Ciências Sociais de São Borja; Centro de Ciências Rurais de São Gabriel, Centro de Tecnologias de Alegrete, Centro da Saúde de Uruguaiana e Centro de Agrárias de Itaqui. (BRASIL, 2005, p 03 apud. GENTIL, p.196)

Percebe-se que o acordo deixa em aberto a escolha dos cursos, especificando cada campus da Universidade com centros e institutos, no caso Jaguarão, Instituto de Ciências Humanas e Educação. Segundo Gentil a partir do momento em que se soube que cada cidade teria que apresentar a possibilidade dos cursos, cada local se organizou de uma forma, com assembleias, reuniões, porém não se tem conhecimento de atas dessas atividades, o que deixa um tanto nebuloso como cada local se organizou, e se houve participação da comunidade, o que seria algo para se debruçar em estudos futuros. Fato é que cursos foram projetados a partir da atribuição do papel da educação como meio de modernizar e desenvolver socioeconomicamente a região, que também explica o surgimento de outros cursos posteriormente, como no caso de Jaguarão, Tecnologia e Gestão em Turismo e Produção e Política Cultural.

Em relação à estrutura física, até o período de construção dos prédios, os primeiros alunos que prestaram vestibular, iniciaram as atividades acadêmicas entre setembro e outubro de 2006 em salas de aula improvisadas, alugadas ou cedidas por prédios públicos ou privados, como é o caso da Unipampa campus Jaguarão, que ficava instalada em um prédio do extinto Colégio de Freiras Imaculada Conceição, localizado no centro da cidade. A inauguração do prédio oficial ocorreu em 2010, localizando-se no bairro Kennedy. Fato que após a inserção da Unipampa no Sistema de Seleção Unificada (SISU) em 2010, através da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que democratizou o acesso ao ensino superior e propiciou a vinda de estudantes de diversas partes do país, o problema da estrutura física se intensifica, já que se faz necessário políticas de assistência estudantil estruturada, com moradia estudantil e restaurante universitário, que não estava na agenda do dia nesse processo de implementação da universidade.

Sem dúvidas esse processo de implantação da Unipampa teve que se dar em um curto período de tempo, o que também prejudicou um planejamento estratégico estruturado para a nova universidade, principalmente no que diz respeito às questões sobre Assistência Estudantil que veremos a seguir.

2.3 A CONSOLIDAÇÃO DAS POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

A partir da ampliação e interiorização das instituições federais de ensino, como também a integração das Universidades pelo SISU através do ENEM, o debate sobre a Assistência Estudantil e sua implementação, se torna ainda mais necessário. Se as universidades já consolidadas careciam da estruturação de uma política que auxiliasse a permanência dos estudantes, as universidades recém criadas pelo REUNI, localizadas principalmente em regiões periféricas do país, necessitavam ainda mais. Após a adesão das universidades ao SISU, se intensifica a mobilidade estudantil, já que segundo Magela Gómez:

Nesse processo de expansão, faltam vagas públicas em centros maiores, e sobram em muitos outros locais. Notadamente, essas vagas estão distribuídas em cidades do interior, que muitas vezes não têm estrutura mínima para acolher uma Universidade, nem tampouco os próprios estudantes (GÓMEZ, 2015, p. 71)

O discurso da expansão e interiorização era o de justamente democratizar o acesso ao ensino superior fazendo com que as classes populares adentrassem a universidade, como consta no Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018: “A criação da Universidade

Federal do Pampa é marcada por intencionalidades, dentre essas o direito à educação superior pública e gratuita por parte dos grupos que historicamente estiveram à margem deste nível de ensino” (PDI, 2013, p. 12).

Diante desse cenário, destaca-se as lutas do movimento estudantil, como o Movimento de Casas de Estudante (MCE), a União Nacional dos Estudantes em conjunto com o Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE)⁹, principais entidades engajadas na luta por uma Assistência Estudantil como política pública. Em 2001, o Fonaprace elabora o Plano Nacional de Assistência Estudantil, documento que vai nortear as ações sobre o tema. Segundo Natália Dutra e Maria de Souza Santos (2017):

O Plano trazia diretrizes norteadoras para a definição de programas e projetos, apontava as áreas estratégicas a partir das quais a AE poderia ser desenvolvida nas IFES, além de demonstrar aos órgãos governamentais a necessidade de destinação de recursos financeiros para a AE nas IFES. Solicitava-se que verbas específicas fossem destinadas para esse fim na matriz orçamentária anual do MEC (p. 155)

Em 2007 o fórum atualiza o plano, e através do Ministério da Educação institui, por meio da Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007 (BRASIL, 2007), o Plano Nacional de Assistência Estudantil. A estruturação de políticas de Assistência Estudantil e a aprovação do Plano através da portaria, ganha espaço nesse momento pois uma das diretrizes do REUNI no artigo 2º, item V, estabelece a necessidade de “ampliação de políticas de inclusão e de assistência estudantil”. Ainda, em 10 de julho de 2010, o então presidente da República, Lula, transformou o Pnaes em Decreto-Lei nº 7.234, que é atualmente o principal documento norteador da construção das políticas de assistência para os estudantes de graduação das Instituições federais. Isso porque o plano visa democratizar as condições de permanência, diminuir os efeitos das desigualdades sociais e regionais e reduzir as taxas de evasão e retenção, além de fixar no Art. 3º que o “[...] PNAES deverá ser implementado de forma articulada com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando o atendimento de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior” (BRASIL, 2010). Estabelecendo em seu inciso 1º as áreas que devem ser desenvolvidas as ações de Assistência Estudantil:

§ 1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas:

⁹ O Fonaprace é um fórum que reúne pró-reitores, sub-reitores, decanos ou responsáveis pelos assuntos comunitários e estudantis das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Brasil. Enquanto finalidade, o Fórum “definiu como meta prioritária trabalhar na sistematização de uma proposta de política de assistência ao estudante que garantisse acesso, permanência e conclusão de curso nas IFES, na perspectiva da inclusão e do direito social e da democratização do ensino” (FONAPRACE, 2008, p. 01).

- I - moradia estudantil;
- II - alimentação;
- III - transporte;
- IV - atenção à saúde
- V - inclusão digital;
- VI - cultura;
- VII - esporte;
- VIII - creche;
- IX - apoio pedagógico; e
- X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação.

Apesar de definir as áreas a serem desenvolvidas, o programa fixa no inciso 2º do Art. 3º que “Caberá à instituição federal de ensino superior definir os critérios e a metodologia de seleção dos alunos de graduação a serem beneficiados”. Ou seja, as diretrizes para formulação, execução e avaliação do PNAES acabam sendo genéricas, estabelecendo às IFES uma autonomia no que tange seleção, planejamento e ações a serem executadas. Melissa Welter Vargas, em sua dissertação de mestrado intitulada *Políticas Públicas e Desenvolvimento: limites e possibilidades na materialização da Assistência Estudantil no contexto da Unipampa*, aponta que ainda existem outras lacunas no plano, como:

A definição de orçamento específico, bem como a compreensão acerca do percentual e/ou indicadores de cálculo da matriz distributiva, a composição de equipe mínima para atendimento qualificado/especializado das demandas, assim como a definição de parâmetros/critérios gerais para a elaboração de programas, projetos e/ou ações (inclusive para a sua denominação), bem como de processos centrais à execução da política como é o caso da análise de situação socioeconômica dos prováveis beneficiários e dos processos de monitoramento e avaliação da política (mencionado pelo decreto, mas não normatizado) (VARGAS, 2017, p. 5)

Não há como negar que o PNAES representou o maior avanço até então nas políticas de Assistência Estudantil, porém, a partir do momento em que cada IFE planeja e implementa as ações do plano de maneira diferente, conforme suas possibilidades e especificidades, fica mais difícil de avaliar as políticas e por vezes gera uma ambiguidade. Essa autonomia, poderia ter sido muito melhor aproveitada se a Assistência Estudantil estivesse na agenda do dia dessas novas Universidades, que não foi o caso da Unipampa, pois até hoje, as bolsificações são as ações principais da Assistência Estudantil.

Franciele Stolf (2014), em sua tese intitulada *Assistência Estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina: uma análise inicial do Programa Bolsa Estudantil* aponta que o programa é focalizado em atender estudantes com renda per capita de até um salário mínimo e meio ou estudantes oriundos da rede pública de educação básica. O que, segundo a autora, a partir desses pré-requisitos a categoria permanência passa por uma concepção somente

prover com auxílios financeiros, não como um direito do estudante a partir de equipamentos coletivos, com a participação dos estudantes na gestão e em todas as outras situações que envolvem a vivência universitária. Por isso, o PNAES segundo Stolf (2014) está em constante disputa e com diferentes interpretações, principalmente no que tange o debate sobre a focalização e universalização das políticas de Assistência estudantil. Se por um lado, como compactua Stol, a focalização prioriza grupos específicos, como “os que mais necessitam”, deixando de levar em conta diversas outras questões, por outro lado, existem autores como Livia Alvarenga (2011) e Célia Kerstenetzky (2006) que debatem acerca da focalização enquanto garantias mínimas para esses grupos que não teriam acesso se determinadas políticas não buscassem focalizar:

A adoção de políticas sociais focalizadas não é *per se* um problema, pois diante da existência de grupos excluídos socialmente e de recursos escassos, a focalização pode ser uma boa forma de garantir o aproveitamento mais eficiente destes recursos. O problema reside na importância da existência do aparato de proteção social universal para o sucesso das políticas focalizadas de assistência social que visam a superação da pobreza e na perda de espaço que este aparato vem experimentando no que diz respeito à política pública brasileira (ALVARENGA, 2011, p. 4)

Ou seja, o problema da focalização está muito mais ligado na tendência de interpretação de uma política enquanto fim em si mesma, sem pensar numa perspectiva de universalização para sanar de fato as desigualdades. A política de cotas pode ser um exemplo da importância da focalização em determinados contextos. Obviamente a escassez de recursos não está descolada de um projeto que tenta restringir ainda mais o acesso de parte da população, sucateando a educação pública e da Assistência Social, com recursos cada vez mais escassos. Por isso, nesse contexto, a focalização pode ser pensada enquanto garantia mínima, que deve se expandir, buscando a universalização de acesso.

Existe ainda outro embate no que tange alcançar a Assistência Estudantil enquanto política pública enquanto lei, e não somente como uma política de governo através de decreto, por isso o movimento estudantil reivindica que o PNAES se torne lei. A *IV Pesquisa Nacional de Perfil dos Discentes das Instituições Federais de Ensino Superior*¹⁰, já apontava que:

¹⁰Trabalho importantíssimo realizado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior e o Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Estudantis e Comunitários, que traz dados referente ao perfil socioeconômico de estudantes das IFES do período de 2010-2014. REFERÊNCIA: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. Brasília/DF. 2014. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/07/IV-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES.pdf> Acessado em: 28/04/2022

As novas demandas exigem, com urgência, a transformação do Decreto 7.234/2010 (PNAES) em política de Estado, isto é em lei federal, produzindo a estabilidade institucional necessária. Exigem também o incremento regular dos recursos financeiros e das equipes de servidores na proporção do perfil de nossas IFES (FONAPRACE, 2014, p. 12)

A pesquisa aponta esse diagnóstico, principalmente pelo fato de que os dados obtidos do perfil socioeconômico dos estudantes haviam mudado. Foi, de fato, a primeira pesquisa que avaliou o perfil dos estudantes das IFEs após a implementação do REUNI, do SISU, PNAES e da Lei de cotas. É certo que o Plano Nacional de Assistência Estudantil havia alcançado um êxito, pois como a IV Pesquisa apontou, 47,6% dos (as) estudantes das IFES eram negros (as), em 2014, 66,2% dos (as) discentes viviam, com renda mensal familiar per capita de até 1 e meio salários mínimos e 64,1% dos estudantes tinham realizado o Ensino Médio em escolas públicas. Na V pesquisa de perfil¹¹ publicada em 2019, esse número cresce, passando dos 70% os estudantes das IFEs que vivem com renda per capita de até 1 e meio salários mínimos.

Com a maioria dos estudantes sendo pertencentes ao público alvo das ações do PNAES, ou seja, que possuem renda familiar per capita de até 1 e meio salário mínimos, era necessário um investimento muito maior para atender a demanda por permanência que havia crescido exponencialmente. Com um investimento maiores voltados para as ações do REUNI, que visava a estruturação das novas universidades e expansão dos campi das que já existiam, “Até o ano de 2012, parte dos recursos do REUNI (BRASIL, 2007) eram destinados exclusivamente para a assistência estudantil. Assim, as instituições contavam com um suplemento significativo em seu orçamento para o desenvolvimento de políticas de permanência” (FONAPRACE, 2019). Porém, a partir de 2013, às instituições passaram a financiar a Assistência Estudantil com recursos próprios ou através do PNAES, que segundo a última pesquisa realizada, havia dedicado até 2016 valores sempre crescentes, com 2016 sendo investido cerca de R\$ 1 bilhão, já em 2018 com R\$ 957 milhões. Na Unipampa, atualmente, o corte na Assistência Estudantil segundo a Pró-reitoria de Planejamento (PROPLAN) mantém uma média de redução de 20% no orçamento baseado no orçamento anterior que já era reduzido, de 2020 e 2021 sucessivamente¹².

¹¹ Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>

¹² GENTIL, Viviane. Saiba como os cortes orçamentários afetam o funcionamento da Unipampa. Portal da Unipampa. Bagé, 31 de maio de 2021. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/portal/saiba-como-os-cortes-orcamentarios-afetam-o-funcionamento-da-unipampa>

Por outro lado, segundo CHAVES, V. L. J.; SANTOS, M. R. S.; KATO, F. B. G. (2020), o Ensino Superior financiado por investimento público cresce, beneficiando grandes oligopólios da educação, como a Estácio Participações S.A, a Kroton Educacional, a Ser Educacional e a Ânima Educação. Só em 2017, o governo federal liberou R\$ 24.176 bilhões para o Fies e para o Prouni, escancarando as desigualdades de investimento em relação à educação pública.

2. 4 ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NA UNIPAMPA

No momento de sua criação, a UNIPAMPA já contava com 2.320 alunos, 180 servidores docentes e 167 servidores técnico-administrativos em educação (UNIPAMPA, 2009)¹³. Em 2008 foram eleitos os primeiros diretores dos campi e em 2010 foi eleito o Conselho Universitário, que passou a trabalhar para a criação de normativas para a nova Universidade. O primeiro estatuto teve sua primeira versão em 2009, e a nova versão em 2017. Ambos têm o compromisso da autonomia didático-científica, comprometida com a ética, fundada em liberdade, respeito à diferença e solidariedade, se constituindo como lugar de exercício da consciência crítica e é regida pelos princípios de desenvolvimento regional e equidade de acesso e a continuidade dos estudos (UNIPAMPA, 2017)¹⁴.

Apesar das atividades acadêmicas iniciarem em 2006, somente em 2008 passam a ser organizadas ações de Assistência Estudantil. Nesse sentido, o trabalho de dissertação feito por Melissa Welter Vargas (2017) é fundamental para a presente pesquisa. Intitulado *Políticas Públicas e Desenvolvimento: Limites e possibilidades na materialização da Assistência Estudantil no contexto da Unipampa*, o trabalho analisa a política de Assistência Estudantil no contexto da Unipampa, explorando suas potencialidades e seus limites da materialização dessa política na instituição.

Segundo a autora, as primeiras ações de assistência aos estudantes da Unipampa foram realizadas pela antiga Diretoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (DAEC), que funcionava no campus São Borja, por conta da atuação do curso de Serviço Social. Em 2009,

Acesso em: 22/05/2022

¹³Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/pdi/files/2013/04/PROJETO_INSTITUCIONAL_16_AGO_2009.pdf Acessado em: 29/04/2022

¹⁴ Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/consuni/files/2017/12/estatuto-nova-versaodocx.pdf> Acessado em: 28/04/2022

a portaria Nº 001 que constituiu a estrutura organizacional da universidade, também estabeleceu a Pró-reitoria Adjunta de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAAEC), subordinada à Pró-reitoria Acadêmica (PROACAD). Somente em 2010 ela se desvincula da Pró-reitoria de Graduação e se torna a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC). No mesmo ano assumiram onze assistentes sociais para trabalhar com a Assistência Estudantil, dez para os campi e um para a Pró-reitoria. Já em 2013, a Portaria Nº 367/2013 alterou novamente a estrutura da PRAEC: “A partir desta, o setor passou a contar com duas coordenadorias: Coordenadoria de Assuntos Estudantis, que agrega as Divisões de Apoio à Moradia e à Alimentação e a de Programas, Benefícios e Auxílios; e a Coordenadoria de Assuntos Comunitários, que agrega a Divisão de Esporte, Lazer e Cultura” (VARGAS, 2017, p. 85). A autora também destaca que em 2014, a PRAEC nomeou profissionais da Psicologia, Enfermagem e Nutrição, na necessidade de promover ações específicas conforme os eixos do PNAES.

A partir de 2015, a PRAEC passa a nomear um Técnico-administrativo em Educação para a condução da pasta. Nesse mesmo ano, o Núcleo de Desenvolvimento Educacional (NUDE), passa a compor a estrutura da organização acadêmica de cada campi, apesar de já desde de 2011 vinculado. Em 2016 a Unipampa formaliza as alterações feitas pela reitoria através da Portaria Nº 1.695/2016 e restabelece a estrutura organizacional da Instituição, pela qual a PRAEC passa a contar com a Coordenadoria dos Assuntos Estudantis e Comunitários, à qual se subordinam a Divisão de Assistência Estudantil e a Divisão de Assuntos Comunitários. Ainda em 2014 é que também ocorre a normatização da Assistência Estudantil via Conselho Universitário, a Resolução Nº 84/2014, que estabelece as ações da Assistência Estudantil na Unipampa, como:

- I. Plano de Permanência, composto pelos Programas de Alimentação Subsidiada Talheres do Pampa, Programa de Moradia Estudantil João de Barro, Programa de Apoio ao Transporte e Programa de Auxílio Creche;
- II. Programa de Desenvolvimento Acadêmico;
- III. Programa de Apoio à Instalação Estudantil;
- IV. Programa de Apoio à Participação Discente em Eventos;
- V. Programa de Ações Afirmativas;
- VI. Programa Coração de Estudante;
- VII. Programa de Apoio à Cultura, ao Esporte e à Formação Complementar;
- VIII. Programa de Mobilidade Acadêmica. (UNIPAMPA, 2014)

Os primeiros Restaurantes Universitários foram inaugurados em 2014, nos campi de Alegrete, Jaguarão, São Borja e São Gabriel. Em 2015 foram inaugurados os RUs nos campi de Bagé, Dom Pedrito e Uruguiana. E somente em 2017 foram inaugurados os Restaurantes

de Itaqui e Caçapava do Sul. O campus de Santana do Livramento é o que ainda não possui Restaurante Universitário. Em relação às Moradias Estudantis, o único campi que possui moradia é o de Santana do Livramento. Inaugurada em 2013, a moradia fica sediada em um imóvel alugado, com 35 vagas para estudantes que se encaixem no perfil socioeconômico. Em 2019 foram “inauguradas” as Moradias Estudantis de Dom Pedrito, Jaguarão e São Borja, e está entre aspas, pois nenhuma delas ainda foi ocupada e estudantes aguardam os trâmites burocráticos para entrada nas moradias.

Atualmente, o Plano Permanência é composto pelo Programa de Alimentação Subsidiada Talheres do Pampa, com Subsídio Integral para estudantes selecionados dentro do Plano Permanência, com Subsídio Parcial aos demais estudante. Até 2018 os estudantes dessa última modalidade pagavam R\$2,50 por refeição, a partir de 2018 houve um reajuste para o valor de R\$4,00¹⁵. Também conta com o Auxílio Alimentação, que concede o valor de R\$ 80,00 para auxiliar nas demais refeições e dias que o RU não abre. Conta também com 160 reais para os estudantes de Santana do Livramento onde não funciona o RU (CONSUNI, 2014).

Outra ação de Assistência Estudantil é o Programa de Moradia Estudantil que conta com o Auxílio Moradia de R\$ 250,00 mensais, com público alvo voltado para estudantes que residem em área rural ou fora da cidade do campus, visando auxiliar no pagamento do aluguel das moradias locadas por estudantes. Contando também com Vaga na Moradia Estudantil e Vaga Provisória na Moradia do campus de Santana do Livramento¹⁶. Ainda, pensando na futura ocupação das Moradias Estudantis, a Portaria N° 938 de 11 de junho de 2021, institui o valor de R\$50,00 mensais do Auxílio Manutenção que é concedido mensalmente aos estudantes beneficiários com a modalidade Vaga na Moradia Estudantil, com a finalidade de apoiá-los nas despesas necessárias para a manutenção de móveis, eletrodomésticos, equipamentos e utensílios de cozinha, limpeza e conservação das Moradias Estudantis. Por fim, nessa modalidade, no momento em que os estudantes ocuparem a Moradia, os membros da diretoria local das moradias terão direito a 3 Bolsas de Gestão em cada campi, no valor de R\$200,00 mensais, conforme a Portaria Praec N° 04/2019.

Outra modalidade é o Programa de Apoio ao Transporte, que conta com duas ações: o Auxílio Transporte no valor de R\$80,00 para o transporte de estudantes até o campus ou

¹⁵ REDUÇÃO orçamentária ocasiona aumento na tarifa do RU. Portal Unipampa, Bagé, 7 de agosto de 2018. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/portal/reducao-orcamentaria-ocasiona-aumento-na-tarifa-do-ru> Acessado em: 01/05/2022

¹⁶ ASSISTÊNCIA Estudantil. Portal da Unipampa. Bagé. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/ingresso/assistencia-estudantil/> Acessado em: 01/05/2022

atividades acadêmicas; e o Auxílio Transporte Rural, no valor de R\$100,00 mensais. Já a modalidade do Programa Auxílio Creche oferece o Auxílio Creche de R\$80,00 mensais por filhos de estudantes: trata-se de auxílio financeiro concedido aos estudantes de graduação presencial, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, oriundos da rede pública de educação e que possuam filhos com idade de zero até 5 (cinco) anos, 11 (onze) meses e 29 (vinte e nove) dias, especificamente, com limite de até 3 filhos/as. Sobre esse auxílio, segundo VARGAS (2017):

Houve muitos debates em torno dessa modalidade de auxílio, uma vez que havia o entendimento por uma parcela da comunidade acadêmica de que a Instituição deveria ofertar vagas em creche própria. Esta proposta foi rebatida pelo posicionamento contrário da gestão superior à época, que entendia que a legislação confere aos municípios a responsabilidade pela geração de vagas em creches e escolas de educação infantil. Nesse sentido, chegou ao consenso de que, constatada a insuficiência de vagas nas creches municipais e o pequeno número de famílias com este perfil 103 no conjunto de matriculados da Unipampa, a PRAEC instituiria o auxílio creche para sanar, ainda que provisoriamente, a demanda em questão, sem que isso gerasse impacto considerável no orçamento da AE. (p. 102)

Outra modalidade que se encaixa nas ações de Assistência Estudantil segundo site da Unipampa, é o Projeto de Apoio Social e Pedagógico da Unipampa (PASP) que:

Trata-se da seleção de discentes para atuarem dando suporte e acompanhamento aos estudantes, como monitores, em monitoria específica para o acompanhamento aos estudantes das ações afirmativas, beneficiários do Plano de Permanência, do PAPIQ, do Programa de Bolsa Permanência do MEC – PBP/MEC e/ou ingressantes, bem como para proporcionar apoio nas atividades relacionadas aos Programas de Assistência Estudantil, de forma presencial ou remota. (UNIPAMPA, 2021)

Por último, a Universidade oferece Apoio Psicológico aos estudantes, a partir dos serviços prestados por dois psicólogos da PRAEC, através de agendamento interno.

Apesar dessas diversas ações principalmente pautadas nas bolsificações, que são valores que buscam auxiliar os estudantes, e não cobrir totalmente as modalidades - exceto o Restaurante Universitário nos 9 campi que subsidiam totalmente as refeições dos bolsistas, e ainda assim, não contempla todas as refeições, já que café da manhã e ceia não é fornecido. Além disso, os valores dos auxílios fornecidos, estão distantes da realidade das despesas. Segundo o Relatório da Comissão Especial de Assistência Estudantil do campus Jaguarão, elaborado em abril de 2021, durante a pandemia de Covid-19, houve um agravamento da situação de vulnerabilidade dos/das estudantes. Os valores que já eram insuficientes, ficaram ainda mais defasados, diante do aumento do custo de vida. Segundo o relatório, a exemplo do

auxílio moradia, disponibilizado no valor de 250 reais, que está fora da realidade onde a média de valores dos aluguéis fica entre R\$ 350,00 à R\$ 500,00, ainda “não considera o pagamento de outras contas como água, luz e internet” (RELATÓRIO AE, 2021, p. 8). Sobre a questão de orçamento da Assistência Estudantil, o mesmo relatório aponta uma diminuição de 20% do orçamento para o ano seguinte

Para o ano de 2021 temos uma previsão orçamentária de R\$8.047.683,00 de recursos com rubrica específica da Assistência Estudantil. Conforme as planilhas apresentadas pela Reitoria houve uma redução de 20,93% em relação ao ano anterior. Ou seja, 20% a menos dos/das estudantes receberão o auxílio, algo inaceitável (RELATÓRIO AE, 2021, p. 7)

Por isso, o movimento estudantil da Unipampa, e principalmente do campus Jaguarão, sempre pautou as problemáticas da Assistência Estudantil, baseada nas dificuldades diárias, para seguir buscando por melhorias.

2. 5 PERFIL DO ESTUDANTE DA UNIPAMPA

Antes de entrarmos no tema central, é importante traçar o perfil do estudante da Unipampa. Infelizmente algumas informações nos faltam, como renda familiar per capita dos e das estudantes da Unipampa. Podemos ter ideia, diante da informação que trouxe a V Pesquisa de Perfil do FONAPRACE (2019) que mostrou que 70% dos e das estudantes das IFEs possuíam renda familiar per capita de até 1 e meio salários. Talvez esse número fosse ainda maior na nossa universidade naquele ano.

A análise dos dados obtidos através dos últimos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Unipampa nos dão um panorama. Segundo Relatório de Gestão Integrado de 2021¹⁷ da Unipampa, mais de 80% dos e das estudantes que ingressam na instituição, advém de escola pública. O último relatório também nos mostra que apesar da maioria dos e das estudantes ingressarem através de escola pública, cerca de 78% dos e das ingressantes são auto declarados brancos, contra 19% de não brancos (negros, indígenas e pardos). Esses números referentes ao perfil estudantil não foram identificados nos relatórios de gestão dos anos 2013 e 2016, pois somente nos últimos anos esses dados vêm ganhando destaque, possivelmente somado ao problema de evasão e retenção, e a tentativa de diagnóstico. Visto que em 2020, através da Resolução N° 300 de 2020, se institui o Programa

¹⁷UNIPAMPA. Relatório de Gestão Integrado exercício 2021. Bagé, 2022. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2022/04/rgi-2021.pdf> Acessado em: 03/05/2022

Institucional de Acompanhamento e Enfrentamento à Evasão e Retenção. Cabe destacar que o número médio de vagas ocupadas na instituição chega a 68% atualmente, com o número de formandos cada vez menores.

Segundo o relatório de gestão de 2013¹⁸, o número de estudantes atendidos pela Assistência Estudantil naquele ano foi de 4.125 alunos. Já em 2016 esses números ficam um pouco nebulosos pelo fato do relatório de gestão do ano em questão¹⁹, não contabilizar o número de estudantes atendidos, e sim o número de auxílios, que chegam a 12.055 auxílios. Já segundo o relatório de gestão 2020, o número de discentes atendidos pelas ações do PNAES chega a 906 estudantes no total, também observa-se uma redução de 35% de beneficiários se comparado ao ano de 2019.

Atualmente as formas de ingresso na Unipampa de acordo com a Resolução N° 29/2011 (Normas Básicas de Graduação), são o Sisu, e o ingresso por Processo Seletivo Complementar, nas modalidades: Transferência, Reopção de Curso, Reingresso e/ou Portador de Diploma. Há, ainda, os editais para ingresso específico, destinados a prover vagas disponíveis a alunos indígenas aldeados, fronteiriços e/ou quilombolas. Já a resolução N° 260/2019 inseriu a forma de ingresso via Nota do Enem (de anos anteriores) e Notas do Ensino Médio, que ampliou ainda mais o acesso para estudantes, sem precisar ter feito a última edição do Enem para ingressar como também utilizar somente a nota do ensino médio. “A Chamada por Notas do ENEM e a Chamada por Notas do Ensino Médio, têm ganhado espaço e importância na ocupação das vagas ofertadas pelos cursos de graduação. Juntas, essas duas chamadas têm sido responsáveis por preencher aproximadamente 1/3 das vagas ofertadas” (UNIPAMPA, 2021, p. 40).

O que também demanda uma ampliação da Assistência Estudantil na universidade, pois, cada vez mais as classes populares adentram o ambiente acadêmico, e para permanecerem, necessitam dessas políticas.

3 OCUPAR E RESISTIR: MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO DA UNIPAMPA CAMPUS JAGUARÃO

¹⁸ UNIPAMPA. Relatório de Gestão do exercício de 2013. Bagé, 2014. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2011/04/relatorio-de-gestao-2013_unipampa_versao-1.pdf Acessado em: 03/05/2022

¹⁹ UNIPAMPA. Relatório de Gestão do exercício de 2016. Bagé, 2017. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2011/04/relatorio-de-gestao-2016-final.pdf> Acessado em: 04/05/2022

3. 1 A TÁTICA DA OCUPAÇÃO E A APROPRIAÇÃO PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Antes de iniciarmos o debate especificamente sobre as ocupações estudantis, é preciso retomar ao que foi, segundo o sociólogo Breno Bringel (2013), o ano de uma das maiores mobilizações sociais da democracia brasileira: 2013. As chamadas “Jornadas de Junho”, como ficou conhecido esse período, iniciou as mobilizações inicialmente pela pauta do transporte público, através do Movimento Passe Livre (MPL). Um movimento social autônomo que através da reivindicação do passe livre estudantil, abriu um debate coletivo mais amplo sobre o transporte coletivo urbano. Porém, com a continuidade das manifestações, acabaram sendo inseridas pautas mais amplas, como melhorias na saúde e educação, podendo talvez ser considerado o maior movimento popular da história do país, que além de tomar as ruas, registrou diversas paralisações e greves, por diferentes categorias de trabalhadores/as.

Bringel (2013) aponta que havia um esgotamento de um ciclo, após dez anos de governo petista em que se constituiu uma “necessidade de um giro à esquerda”; uma radicalização e um aprofundamento democrático; e inclusive um novo ciclo de lutas sociais” (BRINGEL, 2013, p. 3). Esse campo aberto das lutas sociais, segundo o autor, se insere em um ciclo global de contestações, tal qual o movimento antiglobalização aberto a partir dos anos 1990: “[...] o fato é que há várias discussões e elementos transversais que conectam as mobilizações emergentes no Brasil com experiências tão distintas como as ocorridas na Grécia, nos Estados Unidos, na Islândia, na Espanha, no México, na Turquia ou em alguns países do Norte da África” (BRINGEL, 2013, p. 4). Esse cenário começa a se constituir principalmente a partir da crise financeira de 2008, em que diversos setores sociais passam a identificar os responsáveis pela crise, como financeiras, bancos e empresas. “No entanto, os países e os blocos regionais, longe de penaliza-las, passaram a socializar as perdas, convertendo a dívida privada em pública, com todas as consequências em termos de políticas de ajuste, privatizações e desmantelamento dos serviços sociais”(BRINGEL, 2013, p. 13). Uma política de ajuste fiscal que corta na carne do povo e que ascende a indignação mundo afora.

Não pretendo aqui fazer juízo simplista ou reduzir as Jornadas de Junho ao processo posterior de Impeachment da presidenta Dilma Rousseff, muito menos culpar a indignação social e a insurgência que pautou melhores condições no transporte, na saúde e na educação pela ascensão da extrema direita no Brasil. Segundo Bringel, como um movimento de massa,

ele foi incorporando setores fora dos movimentos sociais e organizados, além do papel das mídias oficiais que capitalizaram as forças políticas através de seus monopólios para atender interesses próprios e de políticos da época, tirando o foco inicial por melhores condições de vida e contra as políticas de ajuste fiscal. Nesse sentido, o autor aponta uma série de “miopias” que inviabilizam uma análise coerente dos movimentos sociais, tais como a *miopia da política* “que restringe a vida política à sua dimensão político-institucional, limitando as possibilidades de compreensão da reinvenção da política e do político a partir das práxis sociais emergentes” (BRINGEL, 2013, p. 17); e a *miopia dos resultados* que, [...] tende a restringir a interpretação das mobilizações sociais a seus impactos políticos (por exemplo, o cenário eleitoral) e às dimensões “mensuráveis” da ação coletiva (BRINGEL, 2013, p.17).

Mas retornando ao tema, Bringel (2013) destaca alguns aspectos como a inovação coletiva, a tomada das ruas como um marco importante nesse processo, assim como o papel das mídias, tanto as mídias alternativas que se constituíram enquanto ferramenta para os movimentos sociais, quanto o papel da mídia hegemônica e a midiaticização desses processos. Pode-se afirmar que esse período, “[...] em todo o Brasil retomam uma matriz mais libertária e autônoma, polêmica e complexa para o conjunto da esquerda brasileira, e podem ser entendidas como uma crítica à organização “desde cima” da sociedade civil” (BRINGEL, 2013, p. 49). Ou seja, inaugura uma tradição de protagonismo nas lutas sociais “desde baixo”, pautadas na coletividade, autonomia, na democracia direta, na ação direta e na horizontalidade.

Dois anos depois, em 2015, esse sentimento de indignação é tomado por estudantes secundaristas do estado de São Paulo. Segundo Luciana de Brito (2018) em seu trabalho intitulado *Você minha escola e eu tiro o seu sossego: ocupações secundaristas e movimento estudantil*, em setembro de 2015, o governo estadual paulista anunciou uma medida de reorganização da rede básica de ensino, que resultaria no fechamento de 94 unidades escolares. O impacto se daria não só em relação aos estudantes, como também remanejamento de professores/as e funcionários/as, além de demissões. A proposta causou rapidamente a indignação dos e das estudantes, que começaram a organizar manifestações em todo o estado, contabilizando 163 protestos em cerca de 60 cidades do estado durante todo o mês de outubro. Diante da falta de diálogo por parte do governo, os e as estudantes decidiram por uma radicalização das lutas, adotando a ocupação de escolas como tática para a retirada do projeto.

A primeira escola a ser ocupada, segundo a autora, foi a Escola Estadual de Diadema, no dia 9 de novembro, desencadeando uma série de ocupações em todo o estado, que chegou ao número de 212 escolas ocupadas e geridas pelos estudantes até os últimos meses de 2015.

Além da influência das Jornadas de Junho, Brito (2018) cita também a mobilização estudantil ocorrida no Chile em 2006, conhecida como Revolta dos Pinguins devido ao tradicional uniforme utilizado pelos estudantes. Além da experiência das ocupações chilenas em 2006 e depois em 2011, estudantes da Argentina, inspirados por esses movimentos, produzem pela *Frente de Estudiantes Libertários* (FEL), um manual chamado *Como Ocupar um Colégio?*²⁰, “traduzido pelo coletivo O Mal Educado, ainda no ano de 2013, os secundaristas paulistanos tiveram seu primeiro contato com a proposta de (re)tomar temporariamente o controle de suas escolas como forma de luta política” (BRITO, 2018, p. 49). Segundo o documento:

A Revolta dos Pinguins, um movimento imenso de estudantes secundaristas que exigia uma educação pública gratuita e de qualidade. Durante meses, as escolas do país inteiro foram ocupadas. Essas ocupações serviram para pôr medo no governo e chamar a atenção da mídia. Nos pátios, os alunos faziam assembleias regulares para discutir os rumos da luta. Já pensou se fizéssemos igual em São Paulo? Para aprendermos com nossos companheiros de outros países, traduzimos alguns trechos do manual sobre “Como ocupar um colégio?” (O MAL EDUCADO, 2015)

Segundo Januário *et al* (2016), o movimento estudantil que em 2015 inaugura um marco de mobilizações na história, recebe influências diretas de 2013 no que tange “[...] o caráter explosivo e inesperado; a centralidade da ação direta; uma nova forma de fazer política, de caráter horizontal e que não passa pelos partidos políticos (JANUÁRIO *et al*, 2016, p. 1), além da centralidade das redes sociais. Tanto as Jornadas de Junho, quanto às ocupações das escolas, rompem com os moldes tradicionais e institucionalizados no que tange às formas de reivindicações, baseados na tática de participação democrática.

As ocupações de 2015 também inspiraram uma onda de ocupações em escolas e universidades no ano seguinte por todo o país. Período de intensas mobilizações estudantis que ficou conhecida como a “Primavera Secundarista”. Segundo o jornal *The Intercept*

²⁰ Documento produzido pela Frente de Estudiantes Libertários (FEL), em 2012, inspirado nas ocupações secundaristas de 2006 e 2011 no Chile. Disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/> Acessado em: 15/05/2022

Brasil²¹ do dia 27 de outubro de 2016, somavam mais de 1100 escolas e universidades ocupadas pelo Brasil.

Daniel Leonel Rocha (2019), aponta que as ocupações de 2016 incorporaram pautas mais nacionais, tais como o protesto contra a PEC 241/16 (conhecida como a PEC do Teto de Gastos), o protesto contra a Reforma do Ensino Médio (Medida Provisória 746/2016) e o protesto contra a PL 867/2-15, conhecida como Escola sem Partido. Já as universidades, se colocaram em apoio às pautas secundaristas, contra os cortes orçamentários que implicaram na precarização e demissão de quadro de trabalhadores/as terceirizados/as e contra PEC do Teto de Gastos, que depois de aprovada, virou EC/95.

Ricardo Severo e Mario San Segundo (2017), apontam que de maio a julho de 2016, foram mais de 150 escolas ocupadas no estado do Rio Grande do Sul. A primeira escola a ser ocupada no estado foi a Escola Estadual Emílio Massot em Porto Alegre, no dia 11 de maio. A partir daí, rapidamente iniciou-se uma das maiores ondas de mobilizações estudantis no estado e no país.

3.2 DOS E DAS ENTREVISTADOS/AS

Para a realização da pesquisa através do método da História Oral, foram entrevistados/as ao todo 7 agentes históricos envolvidos nos processos de ocupação da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão nos períodos de 2013 e 2016.

No período de 2013 participaram da pesquisa: o estudante na época Allan Lopes, homem branco, 40 anos, ingressado em 2011 na Unipampa, natural de Jaguarão; Kenya Martins, mulher branca, de 31 anos, natural de Jaguarão, ingressada na Unipampa em 2010. Já em 2016, participaram como entrevistados/as os/as estudantes: Allan Pereira, homem branco, 30 anos, natural de São Bernardo do Campo SP, ingressado na Unipampa em 2015; e Nathália Dias, mulher negra, 30 anos, natural de Butantã São Paulo Capital, ingressada na Unipampa também em 2015. Foi entrevistada também a professora Letícia Ferreira, 45 anos, mulher branca, ingressada como professora no campus Jaguarão em 2014, natural da cidade de Herval. Da categoria de servidores/as técnico-administrativos/as a entrevistada foi Cristiane

²¹ GONÇALVES, Juliana. Primavera Secundarista pressiona, mas governo segue negando diálogo. *Jornal The Intercept Brasil*, 27 outubro, 2016, São Paulo. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/10/27/primavera-secundarista-pressiona-mas-governo-segue-negando-dialogo/>
Acessado em: 21/05/2022

Ricordi, 39 anos, natural de Jaguarão, ingressada como servidora da instituição em 2014. Na categoria de trabalhadores/as terceirizados/as, a entrevistada foi Tânia Raquel Rodrigues, natural de Pelotas, 44 anos, ingressada como trabalhadora terceirizada na instituição em 2011.

3. 3 OCUPA UNIPAMPA JAGUARÃO (2013)

Os debates sobre as precariedades da Universidade como Assistência Estudantil e problemas estruturais, não iniciaram em 2013. Segundo relatos da estudante egressa Kenya Martins, natural da cidade de Jaguarão, que ingressou em 2010 no curso de História, houveram diversas manifestações anteriores à 2013, com o intuito de trazer mais cursos para a instituição. Segundo Kenya, ela ficou sabendo da existência da Unipampa

[...] porque teve um protesto, um ato, que foi um ato pra conseguir os cursos de História e Turismo. Esse ato, as gurias do movimento estudantil [...] com aquele grupo de estudantes que eu não conheço eles todos, conheci alguns [...] eu descobri que ia ter um ato em frente à Unipampa, e a Unipampa se localizava na época no colégio de freiras né, então era perto da minha casa. E eu fui nesse ato, eu era uma menina de 15 anos, talvez 16 ou menos, não me lembro direito²²

As primeiras turmas que adentraram a universidade já começam a pautar mais cursos, qualidade no ensino e a efetivação das políticas de permanência. O movimento estudantil da Unipampa se intensifica também após a implementação do ingresso via SISU em 2010, com diversos estudantes vindos de outras cidades e estados. Ao se depararem com as dificuldades de estudar, diante das necessidades de comer, morar e permanecer, começaram a demandar a efetivação das políticas de permanência. Segundo Kenya, já em 2010, no primeiro dia de aula:

[...] posso tá enganada, mas eu acho que foi 4 de março, Ana e Jorge passaram nas salas de aula, convidaram pra fazer um rebuliço na Praça Alcides Marques. Passaram nas salas dos calouros né, e a nossa turma de História em peso foi, tinha um que outro de Letras, alguns do Turismo também. Aí nós fomos, e nesse dia a gente já arquitetou no mesmo dia, foi a tarde a reunião, a gente tem inclusive no Facebook tem as fotos do “primeiro grande encontro”. A gente entende aquele momento como o que deu o pontapé inicial pro resto, porque a gente criou amizade também com os colegas, criamos mais vínculo e a noite a gente foi pra casa da Bárbara que era próxima à antiga Unipampa [...] e a gente já começou a fazer cartazes, [...] e fomos fazer um grande ato.²³

²² MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

²³ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

Figura 2: Primeiro encontro do Movimento Estudantil



Fonte: Arquivo pessoal Kenya Martins, março de 2010

Esse primeiro grande encontro segundo Kenya, “[...] foi quando veio a reitora, porque a gente descobriu nesse dia pela Ana e pelo Jorge que a reitora viria no outro dia, então a gente tinha que tá preparado” (MARTINS, 2022). Na época, a reitora era a Maria Beatriz Luce e, segundo a depoente:

Ela meio que engabelou os estudantes, recebeu os estudantes depois de muito incômodo né porque os estudantes se jogaram na frente dela pra ela não sair. [...] No final ela acabou não conseguindo fazer a reunião que ela tinha ido fazer. Nós entramos com ela pra dentro de uma sala, [...] foi lotada a sala, todo o campus tava ali, principalmente o pessoal que era calouro²⁴

É interessante também perceber as estratégias dos e das estudantes para fazer o Movimento Estudantil durar no tempo, sempre aproveitando a chegada de calouros para deixá-los à par da situação e chamá-los para luta.

No caso eles, o pessoal veterano aproveitou a nossa chegada, e nós, a cada vez que vinha a chegada de outros estudantes, com o passar do tempo, nós fazíamos a mesma coisa que eles tinham feito com a gente. 2011 foi uma avalanche, 2012 foi uma avalanche, 2013 também.²⁵

As políticas que passaram a ser pautadas pelos/as estudantes, diziam respeito às questões básicas de permanência, como alimentação e moradia, mas também da demanda por

²⁴ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andrielle Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

²⁵ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andrielle Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

espaços físicos e de sociabilidade. Kenya relata que em 2010, ano que é inaugurado o prédio da Unipampa, já haviam problemas de estrutura:

2010 a gente entrou pro campus, tinha goteira, a luz não dava suporte suficiente porque vivia apagando né. Uma universidade enorme, que precisava de uma captação de energia muito grande e a rede inteira da Unipampa quando era ligada a noite, desligava todo o bairro Kennedy. Então tu imagina a situação pra comunidade né...[...] a universidade veio pra cá pra nós ficarmos sem luz.²⁶

Isadora Cabreira da Silva, em seu trabalho intitulado *As ideias de universidade: a visão da comunidade sobre a Unipampa campus Jaguarão*, aponta que “Quando foi perguntando se a universidade possui alguma relevância para as pessoas, 68% responderam que não é importante” (SILVA, 2018, p. 5). Ou seja, a maior parte da comunidade não está inserida na universidade, não reconhece a importância, e segundo o relato de Kenya, a vinda dela ainda teria servido para deixar a comunidade sem luz, corroborando para que essa visão fosse ainda mais reforçada.

Em 2011 também foi pauta dos e das estudantes a questão do transporte:

Porque durante um bom tempo a gente ficou sem transporte, que inclusive hoje não tem mais, o transporte noturno né, que era uma pauta importantíssima, porque tem muita galera de outros bairros.[...] A Assistência Estudantil que tinha na época pra transporte pra quem morava em parte rural, eu acho que era 120 reais, pra quem era da cidade era 70, então não paga. E sem contar que se tu não tem um carro não dá igual pra ti pagar, porque não tem transporte público pra ti ir, não tem da universidade também²⁷.

Figura 3: Luta pelo transporte universitário, com ato no hall do campus Jaguarão

²⁶ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

²⁷ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal Kenya Martins, 2011.

O ano de 2011 é marcado por reivindicações nesse sentido. Com estudantes vindos de diversas partes do estado e do país, que demandavam ser urgente a necessidade por Restaurante Universitário e Moradia Estudantil. Além dessas demandas, a estudante Kenya Martins aponta outra questão que indignava a classe estudantil era a demora nos processos burocráticos para recebimento dos auxílios que acabava gerando um processo de evasão:

Porque a Unipampa continua fazendo exatamente o que fez desde o começo, que é lançar editais de Assistência Estudantil demorados, burocráticos, muito burocráticos! Eu era uma estudante que não tinha computador em casa, então eu tinha que vir pra universidade, tinha que juntar aquela documentação toda, e a galera que é de fora? Que tem que tá mandando mensagem [...] porque tem que juntar um monte de documento das famílias que nem estão mais com eles, que eles agora tão sozinhos. Então depois de tudo isso, do edital tu tem que esperar o edital sair o resultado, e depois do resultado sair ainda tem mais o período de espera pra receber o dinheiro em si né. Imagina, esse processo é péssimo, e uma das pautas da Assistência Estudantil era em relação a isso também, [...] que se tirasse uma parte da burocracia. A gente entende que é importante porque tem que ser feito uma avaliação muito grande, porque são poucas bolsas e muitos necessitados né, só que do jeito que tava acontecendo, e que continua acontecendo, fazia com que os estudantes evadissem, sem nem conseguir tentar ficar né.²⁸

Figura 4: Viemos para estudar mas não temos onde morar. Ato público nas ruas de Jaguarão.

²⁸ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal Kenya Martins, 2011.

No dia 3 de outubro de 2011, os e as estudantes fizeram uma paralisação das aulas no campus, com uma programação de atividades, como rodas de conversa, produção de materiais e com ato percorrendo o centro da cidade de Jaguarão. Essa mobilização repercutiu nos principais jornais da cidade:

Figura 5: Capa do jornal A Folha Regional, 06 de outubro de 2011. Título: Alunos da Unipampa protestam contra a falta de estrutura no campus



Fonte: Arquivo pessoal Kenya Martins, 2011.

Figura 6: Capa do Jornal Meridional, 05 de outubro de 2011. Título: Estudantes paralisam as atividades e fazem manifestação reivindicando melhorias estruturais



Fonte: Arquivo pessoal Kenya Martins, 2011.

Esta mobilização foi resultado de uma articulação prévia para discutir esse temas, não apenas sobre pautas imediatas da Assistência Estudantil, de políticas que precisavam ser expandidas, mas também percebendo que o processo de expansão das universidades públicas que estava ocorrendo, buscaram problematizar que este crescimento precisava ocorrer com qualidade. A realidade segundo os e as estudantes, era a falta de estruturas físicas para estudo, a falta de professores/as, a falta de transporte, a falta de espaços dedicados ao movimento estudantil, além da necessidade de expansão das políticas de Assistência Estudantil.

Figura 7: Expansão deve ser com qualidade. Ato público nas ruas de Jaguarião.



Fonte: Arquivo pessoal Kenya Martins, 2011.

No ano seguinte, ocorreu uma intensa mobilização de professores/as das instituições federais de ensino. Iniciava a greve docente que se estenderia até o final de setembro de 2012²⁹, com duração de quase 4 meses. Segundo o Jornal Zero-Hora³⁰, do dia 27 de maio, a greve foi deflagrada no dia 17 de maio de 2012:

[...]envolve universidades, centros e institutos. É capitaneada pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN), com cerca de 70 mil associados no país. A mobilização pressiona o governo federal a atender exigências que se arrastam há anos, como o reajuste dos salários, reformulação no plano de carreira e melhorias nas condições de trabalho da categoria (ZERO-HORA, 27 maio, 2012)

Na Unipampa, os e as docentes através do sindicato da categoria, Sesunipampa³¹, foram pioneiros/as de mobilização entre as universidades do estado, com os 10 campi em greve, ao lado de docentes da FURG (Universidade Federal de Rio Grande) e logo após, ocorreu também a deflagração da greve na UFSM e UFPel. Nesse contexto, segundo a matéria, a greve das universidades já se alastrava por cerca de 50 instituições federais de

²⁹ DOCENTES da Unipampa decidem encerrar greve. Jornal Correio do Povo, 20 setembro, 2012, Edição Digital. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/midia/?p=1205> Acesso em 15/05/2022

³⁰ GREVE de professores 47 mil acadêmicos gaúchos. Jornal Zero-Hora, Porto Alegre, 27 de maio de 2012. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/05/greve-de-professores-afetara-47-mil-academicos-gauchos-3771864.html> Acesso em: 15/07/2022

³¹ Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Pampa, uma seção sindical do ANDES Sindicato Nacional na Universidade Federal do Pampa.

ensino pelo país. Sobre o contexto da Unipampa, fica evidente a grande adesão por parte dos e das docente da instituição:

Nos 10 campi da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) em municípios da Região Sul, Campanha e Fronteira Oeste, a adesão de professores chega a 80%, segundo a Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Pampa (Sesunipampa), afetando boa parte dos 9,7 mil alunos da instituição (ZERO-HORA, 27 maio, 2012)

O movimento grevista da Unipampa não estava descolado das demandas estudantis, muito pelo contrário. Ainda, na mesma matéria do jornal sobre a situação na instituição, afirmam que “Além da reivindicação nacional, os docentes cobram a implantação de um restaurante universitário e de moradia para alunos de outras cidades” (ZERO-HORA, 27 maio, 2012). Ou seja, a greve de 2012 na Unipampa, acompanhava de perto o drama dos e das estudantes que lutavam para permanecer na universidade. A solidariedade e apoio mútuo se dava tanto com o movimento grevista e do sindicato para as demandas estudantis, quanto os e as estudantes para com o movimento grevista, apoiando e mobilizando junto à categoria de professores/as. Um exemplo foi a Ocupação da reitoria da Unipampa em Bagé, que tinha como objetivo pressionar a reitoria para se posicionar diante da greve que se estendia. Esse ato contou com o apoio e presença de estudantes do campus Jaguarão.

Figura 8: Ato na reitoria da Unipampa: Mobilização da greve da categoria docente

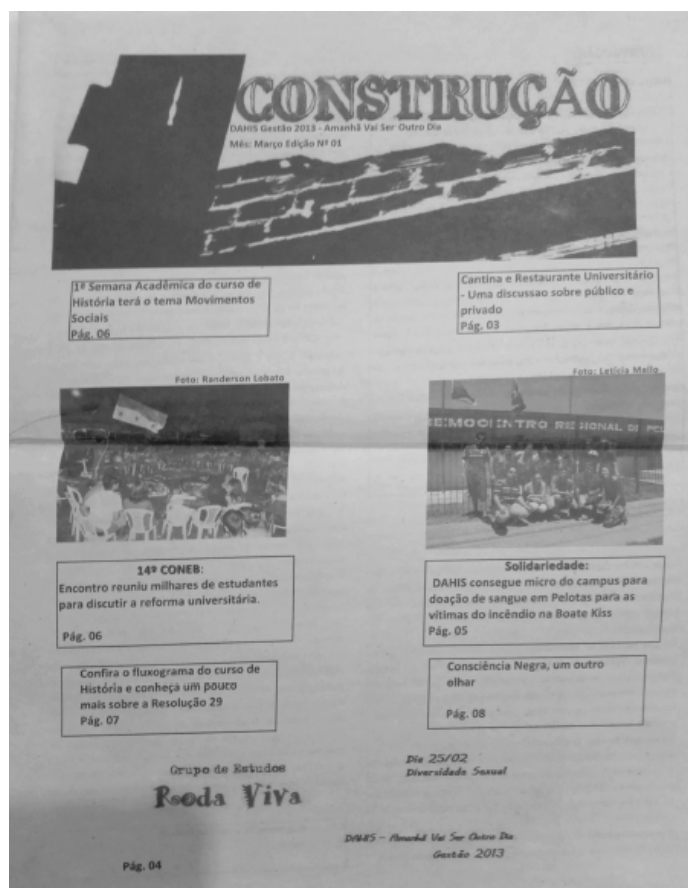


Fonte: Acervo pessoal Caiuá Cardoso Al-Alam, 2012

Certamente os debates e as agitações em torno do que ao fim era a luta por uma educação pública de qualidade, inspiraram as mobilizações estudantis no ano seguinte. O ano de 2013 para o movimento estudantil da Unipampa campus Jaguarão foi crucial. Segundo Allan Lopes, estudante do curso de História que ingressou em 2011, diante das demandas, “tudo era meio na vontade”, o movimento “funcionava meio assim, um ia puxando o outro, naquele momento sem saber muito o que tava fazendo mas ia fazendo... ia acontecendo...” (LOPES, 2022)³². Apesar do amadorismo inicial do movimento, segundo Lopes, os e as estudantes vindos de outros lugares e da própria cidade, com experiências políticas e de militância, contribuíram para os debates de conjuntura, formação política e para uma maior articulação do movimento estudantil.

O Jornal Construção do Diretório Acadêmico de História, gestão 2013, edição do mês de março, já apontava que além da leitura da situação da própria universidade e do campus, havia uma leitura de conjuntura a nível nacional e internacional.

Figura 9: Capa Jornal Construção DAHIS, gestão 2013.



Fonte: Arquivo pessoal Tiago Silva, 2013.

³² LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

No texto de conjuntura, escrito por um dos editores gerais para o referido jornal, Edvaldo de Paula, observa que “[...] os governos agentes do imperialismo e os grandes capitalistas aplicam medidas que buscam salvar as grandes empresas e atacar os direitos dos trabalhadores e do povo pobre” (CONSTRUÇÃO, 2013, p. 2). Cita ainda que as medidas de austeridade, aplicadas em diversos países, geraram uma onda de mobilizações e greves mundo afora, a exemplo da Primavera Árabe e as manifestações no Egito. No que tange ao contexto brasileiro:

É nessa lógica que vivemos no país um momento extremamente convulsionado onde surgem greves nos canteiros de obras da Copa, nas multinacionais e no funcionalismo público, o surgimento de uma nova vanguarda que não aceita mais que os cortes do governo sejam exatamente no próprio funcionalismo e que pedem a inversão de propriedades da lógica de financiamento do capital financeiro. No ano de 2012, o governo enfrentou a maior greve do funcionalismo público, nas universidades, a greve puxada pela base, que durou 4 meses denunciava as escolhas e o sucateamento das Universidades Federais (CONSTRUÇÃO, 2013, p. 2)

O texto finaliza apontando como essa conjuntura toda do período afeta a comunidade acadêmica no contexto geral: “A realidade próxima nos mostra o quanto tudo isso nos afeta, a queda da parede da Unipampa, a falta de professores que chega a quase 200 em toda universidade” (CONSTRUÇÃO, 2013, p.2).

Diante de intensos debates e articulações, nos primeiros dias de abril de 2013, estudantes da Unipampa campus Jaguarão iniciaram um processo de radicalização das lutas estudantis que viria marcar não só a história do movimento estudantil do campus, mas da universidade como um todo. Uma série de demandas urgentes como moradia e alimentação, que já vinham sendo pautadas há tempos pelos estudantes para com a reitoria, lançaram a pergunta: o que fazer? Que fazer diante da falta de diálogo e retornos com mais dúvidas do que certezas? A resposta foi contundente: ocupar.

Segundo Kenya Martins “O 2013, a combinação da Ocupação não veio sozinha, ela veio com todo esse contexto de trás. De 2010 a galera chegando, 2011 a galera já definhando né, porque durante um ano sobrevivendo, muita gente foi embora, claro né” (MARTINS, 2022). Kenya ainda reforça que na combinação dessa conjuntura sempre muito difícil para os/as estudantes, ao ver vários colegas indo embora pelo fato de não ter condições básicas para permanecer, a vontade de Ocupar o prédio era algo muito presente: “A gente já tava com aquela coisa do sangue nos olhos pela greve pela greve do professorado, já tava já com sangue

nos olhos desde 2010, porque não era de agora né. E o nosso sonho era Ocupar a Unipampa, desde 2010, a gente queria Ocupar” (MARTINS, 2022)³³.

Outro fator determinante para o processo de Ocupação de 2013, foi as experiências trocadas com outras universidades. Perguntada sobre a inspiração da tática:

A UFSM tinha ocupado a reitoria. Aí nós queríamos ocupar a reitoria, mas a gente não tinha fôlego pra isso, e grana pra isso sabe. [...] mas eu não lembro qual foi o período, se foi 2011 ou 2012, mas teve uma Ocupação e a gente tinha ido com o campus com o ônibus daqui pra um evento que teve de História na época. [...] e aí a gente: tão ocupando! que massa! [...] Teve esse evento, era um seminário, a gente escapou, e foi uma galera pra Ocupação. [...] A gente saiu como “estudantes da Unipampa vieram”, a gente não tinha ido pra apoiar eles, mas a gente já aproveitou né (risos), “vieram apoiar o movimento da UFSM”. E a gente é meio que filho da UFSM e da UFPEL né, então nada mais justo do que a gente participar de tudo que desse.³⁴

Segundo a entrevistada, no início de 2013, já havia ocorrido uma assembléia que deliberou a vinda da reitoria ao campus

[...] eu lembro que a gente tentou ter um diálogo, [...] eles sempre falavam que iam vim, ou que não podiam e iam mandar alguém. A gente tava cansado de receber alguém, que alguém sempre vinha, mas a gente queria que fosse a reitoria. E nós não queríamos só que viesse, a gente queria que tivesse garantias.³⁵

Em meio à falta de respostas das demandas, o movimento estudantil decide fazer uma Assembléia para deliberar os próximos passos:

Teve uma Assembleia no dia anterior, uma segunda Assembleia, e nessa segunda Assembleia, a galera tava com sangue no olho. [...] E aí se optou por fazer uma Ocupação. [...] Organizamos a Ocupação de um dia pro outro, aliás, de uma noite pro dia, porque a Assembléia foi noturna, [...] e aí quando foi no outro dia a gente já se juntou e foi pra Ocupação, de manhã cedo porque a gente queria já começar com tudo³⁶

Assim, no dia 4 de abril de 2013, às 08:00 da manhã de uma quinta-feira, cerca de 50 alunos (segundo o Jornal Zero-Hora), ocuparam o prédio da Unipampa em Jaguarão. Em nota publicada na página do Facebook Ocupa Unipampa Jaguarão, os e as estudantes afirmaram que a ocupação tinha o intuito de "reivindicar o cumprimento das demandas dos discentes: no que tange a assistência estudantil (Restaurante Universitário, Casa de Estudantes); estrutura

³³ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

³⁴ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

³⁵ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

³⁶ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

física e acadêmica para as práticas do ensino, bem como a falta de professores” (OCUPA, 2013)³⁷.

Figura 10: Matéria do Jornal Diário Popular, de Pelotas, em 2013. Título: Sete dias de ocupação, debate e estudo



Fonte: Página do Facebook Ocupaunipampajaguarão, 11 de abril de 2013

A estudante de História, Kenya Martins, em uma matéria publicada no site da UNE³⁸, relatou que as tentativas de diálogo eram constantes : “[...] a principal reivindicação dos alunos desde o ano passado é mais diálogo com a reitoria da instituição. Seguiu a estudante: “Já fizemos de tudo, não sabemos mais o que fazer para termos garantias” (UNE, 2013). Segundo Allan Lopes, as tentativas de diálogo com a Reitoria da Unipampa era muito difícil:

Sempre foi muito duro. E aí a gente sempre falava muito com a PRAEC né, com o pessoal, os técnicos e de vez em quando ela baixava aí, mas baixava não muito pra conversar não, ela baixava meio pra dar diretriz e a gente fazia movimento, esperava ela, fazia todo um... mas sempre foi complicado. Essa

³⁷ JAGUARÃO, Ocupaunipampa. Entre as pautas de reivindicação estão: Restaurante Universitário com quatro refeições, cujo funcionamento deverá ser de domingo a domingo e para uso dos servidores terceirizados e comunidade carente; Casa de Estudantes, local de moradia gratuita onde os estudantes tenham autonomia e gestão participativa; Qualidade de estrutura física e acadêmica para as práticas do ensino; Espaço de convivência para todos os estudantes incluindo, representações estudantis como Diretório Acadêmico, Centro Acadêmico e Diretório Central dos Estudantes; Contratação imediata de professores, pois há cursos com defasagem de trabalhadores especializados na área, entre outras. Curtiu?! OcupeSeuCampusTambém! Jaguarão. 6 de abril, 2013. Disponível em <https://www.facebook.com/Ocupaunipampajaguarao> Acesso em: 28/06/2022.

³⁸ TADA, Cristiane. Estudantes ocupam a Unipampa Jaguarão no RS há 5 dias. UNE. São Paulo. 8 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.une.org.br/2013/04/estudantes-ocupam-a-unipampa-jaguarao-no-rs-ha-5-dias/> Acesso em: 15/06/2022

coisa de ficar muito longe também, a reitoria né, que a gente não consegue ter um acesso mais direto, mais... Fazer um movimento é meio que nem Brasília assim, a reitoria fica lá...³⁹

O relato do estudante, também traz à tona as dificuldades ainda maiores das Universidades multicampi em relação ao diálogo, ou melhor, a falta dele com relação às reitorias. E não apenas isto, prejudicava também a articulação do movimento estudantil entre os campi, e uma ocupação na própria reitoria teria que ser muito mais bem articulada, por exemplo. A tática utilizada pelos/as estudantes foi fazer a ação no campus, para que a própria reitoria e as pró-reitorias viessem ao campus e se fizessem escutar. A matéria publicada pelo site da UNE⁴⁰, traz informações detalhadas sobre as pautas dos e das estudantes:

Os estudantes agora querem a efetivação dos seus direitos e para terminar a ocupação reivindicam o cronograma de obras do Restaurante Universitário (RU), da Casa do Estudante e ampliação do campus; comprovantes das compras de materiais e equipamentos para o RU; comprovação da empresa que vai construir a Casa do Estudante; garantia de preço baixo e de funcionamento do RU sete dias por semana; a contratação urgente de professores, (segundo os estudantes existe perigo dos formandos de 2013 não concluírem o curso no tempo normal pela falta de docentes); a construção de laboratórios e espaço físico de convivência para os alunos (UNE, 2013)

O Relatório de Gestão⁴¹ da Unipampa do exercício de 2012 apontava que estava previsto para 2013 a inauguração de moradias estudantis e restaurantes universitários (UNIPAMPA, 2013). Porém, os e as estudantes que ocuparam o campus em abril de 2013, estavam pautando maiores informações sobre o cronograma de obras da Moradia Estudantil e a compra de equipamentos e processos legais para a inauguração do RU, já que a inauguração estava prevista para este ano, mas o semestre havia começado sem que fosse efetivado de fato. Sem dúvida, a abertura do restaurante era uma pauta imediata, e já estava sendo debatida pelo movimento estudantil. Segundo o Jornal Construção - DAHIS gestão 2013, edição de março: “Finalizada a obra, agora os estudantes assistem ao sucateamento do prédio, que vai para o seu quinto mês parado” (DAHIS, 2013, p.3). Além disso, havia divergências entre o projeto de Cantina Universitária proposta pela reitoria e o projeto de Restaurante Universitário, de caráter popular pautado pelos(as) estudantes. O texto produzido por um dos coordenadores gerais, Tiago Silva, continha o título: “Não à cantina! Queremos Restaurante Universitário” (DAHIS, 2013, p.3). Além de denunciar o caráter privatista e de precarização do trabalho pelo projeto imposto pela reitoria, ele colocava uma contraproposta do movimento estudantil: “Um

³⁹ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

⁴⁰ TADA, Cristiane. Estudantes Ocupam a Unipampa Jaguarão no RS há 5 dias. São Paulo, 8 de abril de 2013.

⁴¹ https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2013/03/relatorio-de-gestao-de-2012_unipampa_versao-1.pdf

Restaurante Universitário no campus Jaguarão, além de propiciar uma alimentação a baixo custo não só para os alunos, mas também para os funcionários administrativos, pode oferecer uma alternativa de alimentação também para pessoas carentes da cidade”. Por fim expressam a “[...] luta por um Restaurante Universitário 100% Público, que atenda as necessidades dos estudantes e trabalhadores” (CONSTRUÇÃO, 2013, p. 3).

O projeto dos e das estudantes também incluía a uma abrangência maior da política, como afirma o movimento de ocupação de 2013: “Restaurante Universitário com quatro refeições, cujo funcionamento deverá ser de domingo a domingo e para uso dos servidores terceirizados e comunidade carente” (OCUPA, 2013). Em uma matéria⁴² publicada pela SEDUFMSM⁴³, o estudante Edivaldo de Paula aponta a desigualdade que estava contida do projeto de cantina: “A cantina da Unipampa irá funcionar servindo tanto a alimentação subsidiada como uma alimentação de cardápio, ou seja, ela vem para corroborar e discriminar os estudantes, fazendo a diferenciação de quem come mais caro e mais barato, trazendo a desigualdade como pauta principal” (SEDUFMSM, 2013). Segundo Kenya Martins, a inspiração para o projeto de RU pautado pelos/as estudantes era o exemplo da UFSM, “A UFSM tem café da manhã, a UFSM no final de semana te manda uma cestinha pra ti sobreviver ao final de semana. Porque final de semana estudante também come, de manhã estudante também come” (MARTINS, 2022)⁴⁴

Allan Lopes, que ingressou em 2011 e participou do movimento de ocupação, as discussões sobre o projeto de Restaurante Universitário passavam por uma série de discussões e embates:

Claro que tinham reuniões, tinham discussões, sobre o que, sobre como, né. Eu me lembro de uma específica que foi de uma pauta que era o subsídio, né, nós conseguimos o Ru, aí a PRAEC, pra trancar né, dar uma blefada e dar uma resposta assim, como nós ia atropelando assim, e a conjuntura como eu te disse, toda favoreceu de mídia, de tudo pra que aquilo acontecesse. A PRAEC veio e botou o subsídio... era assim: os bolsistas não pagam e quem não é bolsista vai pagar um valor, aí bom, naquele momento a gente precisava reunir, juntar e dizer olha: gente, o que nós vamos fazer aqui? Nós vamos aceitar o subsídio, nós não vamos aceitar? Nós vamos querer que todo mundo coma de graça? Mas aquilo foi a PRAEC mais trancando assim pra nós não conseguir avançar do que... nós fomos, perdemos um tempão naquilo ali. Não chegamos a um acordo final, chegamos a um acordo mas quase que não porque a PRAEC queria quase 4 reais, não lembro na época... quem não tivesse bolsa pagasse 4 pra comer e a gente conseguiu diminuir esse valor pra 2 reais, eu acho. Mas tinha um grupo que não aceitava isso, e

⁴²HOMRICH, Bruna. Campus da Unipampa em sofre com expansão. Sedufsm. Santa Maria, 29 de abril, 2013. Disponível em: <https://www.sedufsm.org.br/noticia/1982> Acesso em: 06/07/2022

⁴³ Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Santa Maria, vinculada a Seção Sindical Andes-SN

⁴⁴ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

aí no fim a gente: tá, vamos, cara, sabe, pra acontecer... a gente precisa que isso aconteça, essa luta aí a gente vê mais adiante agora, vamos botar esse RU aí porque a gente precisa dele primeiro, então vamos... E aí no fim a gente acabou concordando, claro, que tinham momentos de tensão, mas tinha um momento que tinha que dialogar, e aí se tirou dali.⁴⁵

Ainda, segundo Allan Lopes, as pautas principais eram “a permanência, que permanecessem com o mínimo de dignidade, que era isso. Pelo menos as pautas que eu me lembro assim, que a gente brigava mais contra a própria PRAEC, era sempre cobrando por isso” (LOPES, 2022)⁴⁶. Eram demandas fundamentais e urgentes visto as dificuldades enfrentadas para permanecer. Allan afirma que acompanhando a realidade dos e das estudantes, as batalhas eram muitas, mas dificuldades de moradia e alimentação eram latentes:

Pagava o aluguel, ganhava uma bolsa ali, se juntava uns 3, 4, conseguiam pagar um aluguel caro né, moravam em 3, 4, em condições já... Muitas vezes, eu me lembro que os guris moravam na Germano, [...] que era uma casa com sei lá, sem condições pra 3 pessoas morar sabe? E comiam basicamente isso, era miojo, salsicha, empanado, não tinha uma alimentação legal, e às vezes não comiam...⁴⁷

Além disso, ele aponta em sua entrevista, que também haviam pautas de problemas estruturais “de estrutura mesmo, parede rachando, banheiro ruim, essas coisas...” (LOPES, 2022)⁴⁸. Na matéria da SEDUFMSM do dia 29 de abril de 2013, o estudante Allan Cereda trouxe as problemáticas das universidades criadas nas políticas do Reuni e relatou a falta de espaços para o movimento estudantil e de sociabilidade, além de problemas de estrutura no prédio:

Assim como em quase todas as universidades no contexto do Reuni, nós sofremos de condições muito precárias. Existe uma pauta que já é histórica, a falta de espaços para diretórios e centros acadêmicos. Não temos o mínimo de espaços de convivência! Temos laboratórios de teatro, audiovisual, mais alguns outros, só que eles não podem funcionar por falta de espaços físicos. Inclusive os materiais comprados para o funcionamento dos mesmos estão sendo sucateados. Caiu um muro dentro do prédio e colocaram a culpa na chuva, em um prédio de 5 anos (SEDUFMSM, 2013)

Questões de estrutura do prédio eram latentes, faltavam salas, espaços de sociabilidade e de organização estudantil ao mesmo tempo que a falta da moradia estudantil pesava cada vez mais. Nesse período, com a vinda dos/as estudantes de diversas partes do estado e país, ocorreu um aumento significativo dos valores dos aluguéis na cidade, diante de

⁴⁵ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 7 de maio, 2022.

⁴⁶ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 7 de maio, 2022.

⁴⁷ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 7 de maio, 2022.

⁴⁸ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 7 de maio, 2022.

uma maior procura de estudantes e professores/as que vinham de outras cidades. Podemos pensar que esse fato não ocorreu simplesmente pela vinda de pessoas de outras cidades, mas sim, que ocorreu um processo de gentrificação, causado pela especulação imobiliária. Segundo Roney de Carvalho, a especulação imobiliária se caracteriza pela “[...] aquisição de bens imóveis com finalidade de vendê-los ou alugá-los posteriormente, na expectativa que seus valores aumentem durante lapso de tempo decorrido” (CARVALHO, 2016, p. 67). Já a gentrificação como resultado desse processo:

[...] poderia ser enobrecimento ou elitização de uma área. Corresponde ao aporte de investimentos de ordem pública ou privada em uma determinada área degradada e historicamente habitada pelas camadas mais populares da sociedade que sempre passaram à margem das políticas públicas e que, agora, passa por uma completa reestruturação proporcionando uma revolução na realidade daquele espaço (CARVALHO, 2016, p. 69)

Ou seja, a própria ocupação da Unipampa, que se dá em uma área habitada pelas classes populares, que segundo Alzemiro da Rosa (2015) já haviam sofrido outro processo de realocação do bairro Cerro da Pólvora, para compor o bairro Kennedy. Bairro onde a universidade está inserida em Jaguarão. Os e as estudantes passaram a sofrer com as consequências da especulação:

Então inflacionou, casas na Kennedy, morei lá mais de 20 anos, então casas que valiam 300 reais foram parar em 700, entendeu? O que dificultava também a permanência, a gente também tinha isso contra, fazia barulho contra as imobiliárias, teve essa briga também através do movimento com imobiliárias. Pressionava o prefeito, pressionava todo mundo que... (LOPES, 2022)

Segundo a mesma matéria da SEDUFSM citada anteriormente, os e as estudantes da Unipampa campus Jaguarão ficaram ocupados no prédio da universidade por 8 dias. Dias de debates intensos, embates e cronogramas de atividades. Tudo acontecia no saguão do segundo piso, passando o corredor das salas administrativas com acesso pela escada. Segundo Lopes (2022)⁴⁹ “Que eu lembro assim as plenárias rolavam ali mesmo, a gente uma vez ocupou ali a direção e a parte de cima ali, fazia reuniões ali em cima, falava lá pra baixo”. Kenya Martins relata que a escolha do local não foi por acaso:

Porque não bastava a gente fazer uma Ocupação, a gente tinha que ficar lá na frente da direção, em toda aquela parte dos cursos, porque nós queríamos incomodar era eles né. [...] Então a gente tinha que ficar num lugar que fosse ser visível, e nós queríamos também que o pessoal que chegasse, fosse

⁴⁹ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

chegando... “Ah? o que que é isso?”. A gente queria que tivesse aquele impacto.⁵⁰

Sobre a relação e articulação com outras categorias, Allan relata que havia o apoio de sindicatos e das próprias categorias da universidade. Em relação às categorias de professores/as, segundo Allan, o apoio se dava de forma direta, com o sindicato, como indiretamente: “[...] os mesmos que tu tá vendo hoje estão na batalha desde sempre aí junto. E tinha apoio de material também, a gente conseguia alguma coisa com eles. E também de peso pra dentro da universidade, para o diálogo em outras esferas, onde os alunos não chegavam eles faziam o enfrentamento também” (LOPES, 2013)⁵¹.

Sobre a categoria dos servidores/as técnicos/as administrativos em educação, esse apoio se deu através da categoria em si, e principalmente do Sindipampa, sindicato da categoria da Unipampa. Segundo nota publicada, os/as servidores/as expressam sua solidariedade e o apoio mútuo nas lutas:

O Sindipampa nesse momento de angústia que os estudantes de Jaguarão passam, não podia deixar de prestar-lhe a mais profunda solidariedade aos companheiros que sempre estiveram conosco na defesa da Universidade Pública e nas lutas específicas da nossa categoria, em muitas marchas, debates e caminhadas. [...] queremos lembrar que em algumas condições, quando as vozes dos trabalhadores e estudantes não são ouvidas pelas autoridades, faz-se necessário uma atitude mais enfática. Foi assim conosco o ano passado, quando durante uma longa greve somente após a ocupação do MPOG que conseguimos abrir um canal de negociação. Portanto, reconhecemos como legítima e justa as reivindicações dos estudantes que ocupam as dependências do Campus Jaguarão (SINDIPAMPA, 2013)

Os e as trabalhadores/as terceirizados/as, quando iniciaram os debates sobre a abrangência da alimentação no restaurante, os/as trabalhadores/as já faziam parte das reivindicações estudantis. O projeto do movimento incluía tanto alimentação gratuita, quanto à baixo custo, para a categoria. Seguia também a solidariedade frente à precarização. O movimento estudantil entendia como a categoria mais vulnerável, sem estabilidade, que era a base da precarização da Universidade, segundo Allan:

Também tinha essa questão de defesa dos terceirizados [...] Porque daí vinha empresa, entrava empresa, porque a empresa quer lucro, então chega a empresa ali pra assumir o RU, e aí via que não dava os cara largavam, e largavam os empregados, e largavam a sorte, entendeu? Pra cobrar eles era uma dificuldade. Então a gente também fazia esses movimentos de tentar ajudar ali o pessoal dos terceirizados.⁵²

⁵⁰ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de de julho de 2022.

⁵¹ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 7 de maio de 2022.

⁵² LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

A solidariedade também estava presente na comunidade de Jaguarão: “[...] os movimentos culturais da cidade apoiaram muito né, com comida inclusive, [...] E tinha atividades culturais que o pessoal vinha conversar, fazer apresentação (MARTINS, 2022)⁵³

Sobre a composição do movimento, havia algumas divergências, alguns estudantes ligados à partidos, outros estudantes independentes, atuando no Diretório Acadêmico de História ou fazendo o movimento de ocupar o Conselho Universitário. Segundo Allan:

[...]tinham alguns grupos né, é... uns ligados a partidos, outros não...[...] Então tinha umas tretas também política dentro da universidade, né. tinha várias forças ali dentro e essas forças divergiam bastante. Mas nesse momento em que deu essa a possibilidade da gente conseguir o ru, conseguir acadêmicos II, fazer as ocupações, meio que conseguiu dar uma juntada assim, com todas as diferenças a gente conseguiu ir adiante né.⁵⁴

Kenya Martins relata sobre a composição e o perfil dos/as estudantes que estavam no movimento estudantil

[...] eram sempre poucos, [...] tem os orgânicos e tem os que aparecem e os orgânicos eram pessoas da cidade, eram moradores da cidade, mas muito mais era a galera de fora. Porque a galera da cidade geralmente tinha seu emprego, tinha sua família, tinha sua casa, e não tava tão inserida nesses movimentos. Apesar de que a galera que inseriu os outros estudantes, calouros, na época de 2010 eram todos pessoal da cidade, todos moradores da cidade que militavam já desde então, que militaram pra gente conseguir os cursos que vieram né.⁵⁵

Sobre a questão da organização do movimento estudantil durante a Ocupação, Kenya relata que “Teve uma organização assim do comando da Ocupação que foi tipo, quem vai fazer as dormidas, quem é que vai fazer depois o itinerário de ir pra sua aula e voltar, tentar manter o máximo possível a limpeza, a alimentação, quem vai fazer a parte da comida” (MARTINS, 2022)⁵⁶.

Os 8 dias que duraram a Ocupação, semearam coletividade, solidariedade e combatividade que influenciaram lutas posteriores. Os ganhos foram tanto de questões materiais quanto imateriais. No que tange aos ganhos materiais, o RU foi de fato uma das maiores conquistas, já que “[..] o Ru, esse, não era pra ter sido naquele momento pra Jaguarão, aquele RU ele tava, eu não me lembro pra qual, qual era o campus que ele tava” (LOPES, 2022)⁵⁷. Ainda sobre a conquista física:

⁵³ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de julho de 2022.

⁵⁴ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

⁵⁵ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de julho de 2022.

⁵⁶ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de julho de 2022

⁵⁷ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

Acho que a gente conquistou sim, acho que o RU e o acadêmicos foi uma conquista física assim sabe, algo que se pode tocar, ou que se pode ver, é o que tá ali até hoje. Não é como a gente queria? Não é o que a gente imaginava, a gente teve que ceder em alguns momentos também, não consegui levar tudo à ferro. Como por exemplo a pauta do subsídio, não deu, nós não íamos levar entendeu, e se nós seguisse insistindo naquilo ali, a PRAEC ia seguir brigando por aquilo ali, e a gente não ia concretizar o negócio. Não ia acontecer, porque eles iam ficar naquele: porra, sabe, como as reitorias fazem, costumam fazer, ficam empurrando, te botando condição, e não sei o que... E aí tu não consegue destrancar o negócio. Por isso que a gente entendeu na época: “não, tá bem. Era 4 vai ficar em 2, vamos tocar” e foi ali que a gente começou a arrefecer o movimento.⁵⁸

Já no que tange às conquistas imateriais, observa-se no relato o acúmulo de experiência do movimento estudantil, as formas de luta, o processo participativo, o conhecimento do funcionamento da universidade, além da influência da Ocupação para outros movimentos posteriores:

Entender o funcionamento da instituição é importante. Então, isso foi importante, a gente acabou conhecendo um pouco de onde vem isso, de onde vem aquilo, que espaço ocupar, também nós não sabíamos direito. O que fazer com esses espaços né. Daí surge a relação com os outros campus também, [...] que os caras começaram a olhar: “opa, Jaguarão os cara tão tocando fogo na universidade, nós também vamos” entendeu. Mas começou a pipocar assim eu acho, não lembro, mas eu acho que sim, que alguns campus começaram. Não sei se nós fomos os primeiros também, mas acredito que sim. Que se não foi o primeiro, foi um dos que saiu rasgando. E isso também, aí o pessoal entrava em contato com a gente: “e aí? O que que vocês tão fazendo?” então isso acabou gerando um movimento maior⁵⁹

Segundo Kenya foi uma potência de experiência, ao mesmo tempo que havia uma pressão constante e tentativas de desmobilizar: “[...] tu fica 4 dias, parece que tu tá a 40 anos, porque tudo acontece, e nós não tínhamos estrutura mental pra aguentar, é muita pressão. É tipo: desligam a internet pra ti não usar, falam que tu fez coisas que tu não fez, apagão noturno pra nos desestabilizar” (MARTINS, 2022)⁶⁰. Segundo a entrevistada, houveram alguns fatores que corroboraram para que a Ocupa se desmobilizar e caminhar para o seu fim:

Essa intensidade do rolê, ela nos desestabilizava também né, porque a gente tava num período de época de fazer trabalhado, apresentar trabalho. [...] e teve muitos professores que não apoiaram a Ocupação, e além de não apoiar [...] fez com que os estudantes não fossem se organizar com a gente por medo de reprovar nas matérias. [...] Os cinco primeiros dias foi bom, depois

⁵⁸ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

⁵⁹ LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

⁶⁰ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de julho de 2022.

foi lavanca abaixo. [...] Teve uma atividade... O Siepe! E a galera toda foi pro Siepe e ficou poucos aqui. E esses poucos ficaram putos da vida. Só que essa galera que foi pro Siepe, precisava ir pro Siepe porque era bolsista. Então ficou um paradoxo, porque tu não sabia o que tu fazia. E aí no final a bolsa, e a manutenção da sobrevivência falou mais alto né. [...] Já tava desestabilizadíssimo o movimento, porque tinha um grupo de estudantes que tinham gogó, mas não tinha prática. Falava, falava, falava: não dormia na Ocupação, não ficava na Ocupação, não ia pra Assembleia. Não ajudava na parte da limpeza e da comida, porque é o que a gente mais precisa né. Tirando a parte de tu ir pras reuniões e conversar, a parte da manutenção da infraestrutura do espaço tem que acontecer todos os dias, o tempo inteiro⁶¹.

Certamente a Ocupação de 2013 da Unipampa campus Jaguarão foi um movimento que marcado pela garra de estudantes, no aprendizado e buscando a implementação da Assistência Estudantil e não só no campus, mas em toda Universidade, construiu pontes para outros movimentos que vieram. Sendo extremamente importante a retomada do seu legado de conquistas, articulações e experiências. Desde lá, a saída da precarização era a luta todo dia. Não há como negar também, que foi um movimento mais voltado para demandas urgentes da própria Universidade, que segundo Allan: “Deu o movimento, a gente conquistou as coisas e tal, e depois dali começou os movimentos internos (LOPES, 2022)⁶². Posteriormente houveram outras agitações, 2014 ocorreu a ocupação da reitoria da universidade pelos/as estudantes, com outros campi participando. Segundo Kenya:

Foi muito bacana porque a gente viu que a gente tinha condição de fazer uma coisa maior. E aí depois veio uma coisa maior, que foi a Ocupação da reitoria mesmo. Que aí a gente conseguiu realizar. [...] Só que a Ocupação da reitoria em 2014 em Bagé, ela foi planejada durante todo o 2013⁶³

As ações diretas, como manifestações, atos e que seguiram acontecendo na busca por direitos da categoria de estudantes. Também no final de 2013, estudantes da Ufpel utilizaram-se da tática da Ocupação para alcançar direitos. Como vimos, o movimento estudantil do campus sempre buscou articular ações e solidariedade com outros campi e outras universidades. Articulações essas que vão ficando mais evidentes já na Ocupação de 2016.

Por fim, uma outra questão que surgiu através da entrevistada Kênya Martins, que em contato com outras universidades e encontros sobre Assistência Estudantil foi a pauta do Auxílio Creche. O curioso é que a pauta das mães e pais na universidade não foi uma bandeira levantada pela Ocupação de 2013. O que nos leva a um outro debate sobre gênero que será

⁶¹ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de julho de 2022.

⁶² LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

⁶³ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de julho de 2022.

melhor explorado ao final do Capítulo 3, no subcapítulo intitulado *A questão das mulheres e o movimento estudantil*.

3. 4 SE CORTAR A GENTE OCUPA! (2016)

O Movimento Estudantil da Unipampa campus Jaguarão, havia passado por uma série de experiências no que tange à organização do movimento, agregando conhecimento do funcionamento interno da universidade, realizando discussões das necessidades, e passado por um processo de estreitamento das lutas entre as categorias. A realidade das dificuldades de estrutura e permanência, diálogo com a gestão e governos, decisões vindo de cima, que afetavam tanto a própria categoria, quanto categorias em que se colocavam solidários/as, certamente impulsionou mais uma medida de radicalização das lutas estudantis no campus.

A ocupação da Universidade que viria durar 55 dias, do dia 12 de maio até 05 de julho de 2016, trazia consigo as experiências passadas, mas também a precarização daquele presente. O entrevistado Allan Pereira, natural de São Bernado do Campo (SP), que ingressou na Unipampa em 2015, nos fornece detalhes de como ocorreu o surgimento do movimento que passou a se chamar Bloco de Lutas pela Educação Pública. Que segundo ele:

Essa primeira reunião aconteceu [...] ali na Kennedy, a gente se reuniu num grupo ali. [...] Mas a reunião aconteceu pra gente organizar o movimento pela situação da universidade mesmo. A gente ficou sabendo que o contrato da empresa do RU ia vencer né, e aí eles iam abrir um outro edital pra um novo concurso ali [...] daí ia abrir pra uma outra empresa, só que aí o que ocorre né: quando uma empresa sai e outra empresa entra, nesse tempo de troca o RU fica fechado, e não tem uma empresa né. A empresa finaliza o contrato, aí ela sai, remove os funcionários dela, remove tudo que ela tem ali, e até assumir uma outra empresa, todo o tempo de burocracia, contratação, de cálculo que eles tem que fazer da administração dos alimentos que vão entrar ali, demora um tempo, e acaba que o RU fica fechado. [...] Nessa reunião a gente discutiu e resolveu formar um grupo ali de estudantes que ia tentar reivindicar essa questão do RU, tentar receber as informações do que ia acontecer, de que empresa que ia assumir, daonde que vinha essa empresa, se ia fornecer alimento de qualidade ou não⁶⁴

Dessa forma, os e as estudantes seguiram debatendo as problemáticas do RU. Porém, pouco tempo antes da Ocupação, o entrevistado Allan relata que houve outra situação que teria sido o estopim, e que de fato uniu estudantes, professores/as, técnico/as e terceirizados/as, além de fortalecer o Bloco de Lutas Pela Educação Pública:

⁶⁴ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

Teve um dia que a gente foi jantar lá, era de tardezinha assim, na primeira refeição da noite, quando abre o RU e aí as funcionárias tavam falando que tavam com dificuldade no RU né, que a gente foi perguntar como elas tavam sentindo essa coisa da nova empresa entrar e tal. Elas falaram que tavam com dificuldade, que algumas delas tinham que por do bolso ali né, tipo faltava óleo elas tinham que comprar porque não tava chegando o óleo, sal a mesma coisa, as vezes arroz, produtos de limpeza. Então elas tavam tendo que colocar do bolso e que tava difícil servir a comida pra gente. [...] Elas tavam servindo a refeição no amor mesmo assim porque, já o pouco que elas ganhavam como funcionária de restaurante terceirizado, colocar do bolso dela o alimento ali né. E aí gente começou mais a discutir isso aí.[...] aí a gente foi questionar [...] e sempre aquela resposta meio nada a ver, que não quer dizer nada, sempre falando que ia ver com a reitoria, de que é uma questão do Restaurante Universitário, que a universidade não pode interferir. [...] Aí teve o dia que a gente chegou lá as funcionárias falaram que não ia abrir o RU, que elas iam paralisar o RU até ter por direito aquilo que elas deveriam receber. E aí a gente foi lá, conversou com elas, que elas tavam na frente da porta do RU e aí elas falaram que não tavam recebendo o fundo de garantia se eu não me engano, tava com férias atrasada, tava com salário... [...] e que já tava inviável pra elas trabalharem ali e fazer a comida.⁶⁵

Destaca-se aqui, a luta e a coragem das trabalhadoras do RU na defesa de seus direitos, mesmo em um contexto de precarização, vulnerabilidade, que a própria universidade não queria como responsabilidade, não possuindo um vínculo empregatício justo e que constantemente corriam o risco de demissão. Segundo Allan Pereira, os e as estudantes prontamente decidiram se organizar e apoiar o movimento das trabalhadoras. “E aí a gente ficou na frente do RU. [...] pegou o microfone e a caixa de som, colocou lá na frente do RU, aí foi dando uns horários mais de pico do RU, mais à noite, no intervalo das aulas a noite, onde vem mais gente pra jantar, aí colocamos as funcionárias pra falar no microfone pra explicar porque o RU tava fechado, porque elas tavam paralisadas” (PEREIRA, 2022)⁶⁶.

O Bloco de Lutas pela Educação Pública de fato nasceu e se fortaleceu no apoio às lutas dos/as trabalhadores/as terceirizados/as da Unipampa. A partir da mobilização em torno dos direitos das trabalhadoras do RU, se sucederam mais ataques que escancaram a precarização, perseguição e novas demissões. As lutas das trabalhadoras do RU podem ter impulsionado um novo ciclo de resistência que viria, pautado na solidariedade, contra mais demissões e cortes na Assistência Estudantil. Resultado dos cortes orçamentários implementados pelo governo federal no início de 2016, que poderia comprometer até 50% do

⁶⁵ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

⁶⁶ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

orçamento das universidades, segundo matéria do G1⁶⁷. Allan Pereira relata o cenário e o que essas decisões vindas do governo federal, afetaria a Universidade Federal do Pampa:

A questão das funcionárias do RU serem demitidas após essa paralisação aí, e a questão vindo do governo federal de cortar o orçamento né da universidade, que isso ia afetar tudo né, ia afetar a Bolsa Permanência que já era pouco, ia afetar a estrutura da universidade, ia afetar o salário das terceirizadas da limpeza também que é muito importante falar, da segurança... [...] para os estudantes e para as funcionárias terceirizadas esses cortes eles iam ser significativos de forma negativa.⁶⁸

Segundo nota pública publicada no Jornal Esquerda Diário⁶⁹, produzida pelo Bloco de Lutas, “O que desencadeou o movimento de ocupação foi inicialmente a solidariedade de classe com xs trabalhadorxs terceirizadxs que seriam demitidos (128 trabalhadorxs)” (PEREIRA, 2022)⁷⁰, em toda a Unipampa. A matéria⁷¹ da SEDUFMSM, traz os números de postos de trabalho que seriam reduzidos pela reitoria somente no campus Jaguarão:

Segundo informação repassada pelo próprio reitor da instituição, professor Marco Hansen, à diretoria do sindicato docente da instituição (Sesunipampa), é certo que em Jaguarão, por exemplo, haverá demissões de terceirizados e o cálculo é que no serviço de vigilância, o número cairá de 8 para 6 funcionários, enquanto que na limpeza, o corte atingirá 50%, com o número de trabalhadores sendo enxugado de 10 para 5, o que impactará em um aumento da carga horária daqueles que ficarem (SEDUFMSM, 2016).

Inegavelmente se tratava de uma conjuntura de diversos ataques aos de baixo no que tange à educação, seja a nível estadual com ataque à categoria de professores/as com a Reforma do Ensino Médio, Escola Sem Partido, risco de fechamento de escolas, e a nível federal, com o processo de impeachment, a PEC do congelamento e os cortes. Sobre a conjuntura na época, segundo Pereira, “se pegar no contexto macropolítico tinha essa coisa do impeachment da Dilma mesmo, uma tensão política, ao mesmo tempo que estavam acontecendo também no estado de São Paulo ocupações nas escolas. [...]” (PEREIRA,

⁶⁷ OCUPAÇÃO de prédio da Unipampa completa três dias em Jaguarão, RS. Jornal G1. Porto Alegre, 14 de maio, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/ocupacao-de-predio-da-unipampa-completa-tres-dias-em-jaguarao-rs.html> Acesso em: 20/06/2022

⁶⁸ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

⁶⁹NOTA Pública do Bloco de Lutas pela Educação Pública (Jaguarão/RS). Jornal Esquerda Diário. São Paulo. 14 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/NOTA-PUBLICA-DO-BLOCO-DE-LUTAS-PELA-EDUCACAO-PUBLICA-JAGUARAO-RS?fbclid=IwAR1sOlppTJqnMztkm0bsEvg6Kwaw28FpUMNSOW1d8FGTS0fUc12GQwLZsg> Acesso em: 22/06/2022

⁷⁰ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

⁷¹ <https://www.sedufsm.org.br/noticia/4037>

2022)⁷². E segue confirmando as inspirações para a tática de Ocupação como forma de se fazer ouvir e arrancar direitos: “Eles tavam fazendo várias atividades culturais pra mostrar como é importante a escola pra uma comunidade, e aí a gente se inspirou nesse movimento de ocupação também” (PEREIRA, 2022)⁷³.

Diante dessa conjuntura de ataques, que afetava diretamente a comunidade acadêmica, mas principalmente no que tange aos estudantes e trabalhadores/as terceirizados/as, segundo o estudante Allan Pereira, “[...] várias reuniões foram feitas, plenárias pra discutir essa questão desses cortes orçamentários” (PEREIRA, 2020)⁷⁴. Podemos afirmar que o processo que viria a culminar com a Ocupação, se deu a partir do conhecimento por parte dos e das estudantes de informações sobre reuniões orçamentárias em “[...] que o intuito da reunião era discutir o que tinha de orçamento anual da universidade e como ele ia ser repassado, e quando a gente fala de cortes é que alguns setores da universidade, em alguns campi da universidade iam ter que cortar do orçamento alguns pontos ali porque não ia ter como pagar, não ia ter verba pra isso né” (PEREIRA, 2022)⁷⁵. O entrevistado ainda afirma de onde os e as estudantes conseguiram as informações e o que fizeram a partir daí:

[...] a partir de um professor, de um técnico-administrativo que estavam apoiando esse grupo de estudantes aí que tavam atrás das informações que ia haver uma reunião em Bagé, que é onde fica a reitoria da Unipampa, que ia discutir esses cortes né. E aí eram se eu não me engano os diretores de cada campi né e o técnico-administrativo responsável [...] que cuida do setor administrativo, [...] tava presente com a diretora do campus né, [...] foram pra Bagé...[...] só que não convocaram estudante, e nem convocaram terceirizado pra participar dessa reunião [...] curiosamente os mais impactados com esses cortes orçamentários aí né. Só que a gente ficou sabendo, e aí tocamos o carro pra Bagé pra tocar essa reunião, e aí quando chegamos lá, aquela cara de espanto de alguns, sorriso amarelo de outros né, porque a gente era pessoas indesejadas ali dentro né. [...] Mas a gente cagou e acabou entrando dentro da sala de reunião.⁷⁶

O entrevistado Allan Pereira, foi um dos estudantes que foram para a cidade de Bagé participar dessa reunião presencialmente, “tavam ali os diretores e técnicos administrativos ali

⁷² PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

⁷³ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

⁷⁴ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

⁷⁵ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

⁷⁶PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

de cada campi da universidade e nós ali de Jaguarão” (PEREIRA, 2022). Essa reunião foi acompanhada de duas maneiras pela comunidade acadêmica de Jaguarão: presencialmente, com dois estudantes, um professor, e uma servidora técnica-administrativa do campus participando, quanto a comunidade que conseguiu participar à distância: “A gente colocou videoconferência de Jaguarão pra participar da reunião também e abrir o microfone né” (PEREIRA, 2022)⁷⁷. Além da questão das demissões, os e as estudantes pautavam mais participação nas decisões da universidade, e haviam também diversas pautas que precisavam ser debatidas:

A gente queria tirar nossas dúvidas e também saber né, e também deixar a nossa posição ali sobre esses cortes, né, onde deveriam ser feitos ou não. Queria saber como ia impactar na vida dos estudantes ou não, [...] queria levar as demandas das terceirizadas, a gente queria saber sobre a casa do estudante. [...] Então a gente tinha várias questões pra perguntar na reunião. [...] E aí a gente conseguiu falar né, mesmo na marra assim, muito na marra mesmo, a gente conseguiu falar um pouco e levar as reivindicações. A gente conseguiu fazer uma fala de videoconferência né, que acho que foi o Boça que falou lá de Jaguarão no microfone.⁷⁸

Segundo o entrevistado Allan Pereira, a reunião ocorreu no dia 12 de maio de 2016, dia em que iniciou o processo de Ocupação do campus pelos/as estudantes. Foi um dia intenso, repleto de incertezas e a ameaça cada vez mais iminente de demissão dos/as terceirizados/as. A comunidade acadêmica acompanhava em peso no hall de entrada a transmissão.

Figura 11: comunidade acadêmica acompanha reunião sobre os cortes na reitoria.

⁷⁷ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira.

⁷⁸ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.



Fonte: Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública, 12 de maio de 2016

Figura 12: Trabalhadoras terceirizadas da limpeza acompanham a reunião sobre os cortes



Fonte: Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública

Figura 13: Trabalhadores da portaria e vigilância acompanham a reunião sobre os cortes



Fonte: Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública, 12 de maio de 2016

Figura 14: Confeção de materiais para mobilização



Fonte: Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública, 12 de maio de 2016

Ao retornarem de Bagé para o campus, “Até o momento eu não sabia que ia rolar uma Ocupação, não sabia o que o pessoal tava formulando aqui em Jaguarão né. E aí quando eu cheguei no campi eu vi a cena no hall assim, os sofás todos mexidos, [...] um monte de

faixa, galera fazendo umas faixas, colocando na janela, umas barraca armada lá, e o pessoal falando que ia dormir lá” (PEREIRA, 2022)⁷⁹.

Figura 15: Confeção de materiais fazendo coro à ocupação.



Fonte: Página do Facebook do Bloco de Lutas pela Educação Pública, 12 de maio de 2016

Segundo Tânia Raquel Rodrigues, trabalhadora terceirizada da limpeza que começou a trabalhar na Unipampa ainda em 2010, na época, estudante de Pedagogia e que participou ativamente das mobilizações contra as demissões, foi um processo muito difícil. “Foi meio abafado mesmo, parece que a gente demorou a saber”. E o mais difícil é que no caso de Raquel, é que ela era afetada de diversas formas, por ser estudante e trabalhadora, por ter o seu companheiro trabalhando como motorista e também por ser ela que ia dialogar com a empresa representando a categoria:

[...] dos dois lados me afetava, tanto como estudante, que em 2016 eu tava, e tanto como terceirizada [...] Aquilo foi meio que um choque, porque ali se formaram famílias, ou seja, pode ser eu, ou pode ser tu... [...] E eu já tinha minha família formada, mas eu trabalhando na limpeza e meu marido como motorista. E aí ele era o mais novo, ele foi demitido. [...] Eu como líder e encarregada tinha uma conversa com a empresa, aí do nada a empresa vai e diz assim: “não, vai ser os mais novos e pronto!” Eu acho que foi uma decisão do campus que era pra se livrar de responsabilidades. Aí a empresa:

⁷⁹ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

“tá, são os mais novos, morreu o assunto”. [...] E todo mundo indiferente, tanto dos mais novos, quanto velhos, todo mundo tinha família, todo mundo precisava daquele dinheiro⁸⁰

Completa ainda sobre a reunião: “[...] A última que foi transmitida ali no saguão, não teve jeito, e vai ser tantos cortados...” (RODRIGUES, 2022)⁸¹. No dia 12 de maio de 2016, a mobilização dos/das estudantes, professores/as, técnicos/as administrativos e terceirizados/as começou cedo. Ao longo do dia, cartazes com frases que fazia referência à Ocupação foram sendo colocados nas paredes e janelas, barracas foram se espalhando pelo hall de entrada e corredores. No final da noite chegaram colchões, cobertores e os/as estudantes dormiram o primeiro dia na universidade. Raquel relata como a Ocupação foi percebida pela categoria:

Quando tavam chegando, ué? vão ocupar? sabe, aquela coisa, hã? Aí começou a Ocupação... [...] A gente fica naquela coisa assim... não é exatamente feliz... e lisonjeada né! Porque tão aderindo a uma luta nossa, mas que aquilo te valoriza, te incentiva, te dá ânimo, te dá uma esperança de que aquilo possa não acontecer, que a gente possa evitar aqueles cortes. Eu me senti 100% confiante, até o último dia. E a gente viu vocês chegando, ah... tão vindo pra luta! E aquilo foi demais! Foi o máximo! Eu agradeço até hoje, apesar de os cortes terem vindo igual, de repente em menos proporção do que seria, mas eu agradeço até hoje.⁸²

Segundo Nathália Dias, natural do Butantã (SP), estudante de História na época, a demissão de metade dos/das trabalhadores/as terceirizados/as da instituição, era algo que tocava muito, principalmente pelo fato dos e das estudantes terem uma relação de afeto e perceberem o quanto aquele trabalho que já era difícil, principalmente para as mulheres, iria piorar ainda mais

[...] por ser Jaguarão, você tenha um contato mais íntimo com essas e esses trabalhadores né. E eram pessoas que a gente tinha contato sincero mesmo assim sabe, as moças do café, da cozinha, a gente entrava lá, e esquentava a água pra fazer o café e conversava, então eram pessoas que a gente convivia muito mesmo assim sabe. E no contato, dependendo do nível até íntimo assim né. E a gente acabava criando uma relação... ah, de amizade mesmo, de afeto. [...] Mas eu lembro que a gente abraçou, eu, eu digo por mim assim né, que eu senti mais pra mim, que a gente abraçou bastante essa causa das mulheres, das terceirizadas, justamente por a gente ter essa empatia de pensar o quanto esse trabalho seria sobrecarregado ainda mais do que já era. [...] o quanto já ia ficar demais assim sabe, pra um grupo que... pra um pequeno grupo né de mulheres cuidar de uma universidade inteira assim

⁸⁰ RODRIGUES, Raquel. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Pelotas. 28 de maio de 2022.

⁸¹ RODRIGUES, Raquel. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Pelotas. 28 de maio de 2022.

⁸² RODRIGUES, Raquel. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Pelotas. 28 de maio de 2022.

sabe. [...] Eram mulheres assim que dependiam diretamente daquele trabalho e agora a gente vai pensar no contexto Jaguareense... Já ouvi falar sim de moradores que é uma cidade difícil de arranjar emprego, não à toa que tem essa... dinâmica assim de muitos moradores irem pra Pelotas, irem pra cidades vizinhas pra conseguir uma outra condição de vida, ou mandarem seus filhos pra estudar em outras cidades. Porque Jaguarão tem essa questão né, de falta de emprego pra todo mundo. Então, é isso, mulheres que já tavam lá há muito tempo e que dependiam diretamente e unicamente daquele serviço né.⁸³

Segundo matéria do Jornal G1⁸⁴ “Ao todo, cerca de 40 alunos ocuparam o local, com barracas e colchões” (G1, 2016). Já segundo a matéria⁸⁵ publicada no 18 de maio no Esquerda Diário⁸⁶, do dia 18 de maio, a Ocupação da Unipampa campus Jaguarão, tratava-se “da primeira universidade federal a se levantar contra os cortes e pode iluminar o caminho para que estudantes de outras federais também se levantem” (ESQUERDA DIÁRIO, 2016). Com a deliberação da paralisação das aulas pelos/as estudantes, prontamente a categoria de professores/as se reuniram para deliberar o apoio. Segundo a mesma matéria: “Nesta terça-feira (17), os docentes da UNIPAMPA deliberaram em assembleia pela paralisação de 3 dias, de forma a engrossar o caldo da mobilização unificando estudante, funcionário e professor” (ESQUERDA DIÁRIO, 2016)⁸⁷. A luta também contava com o apoio da categoria de técnicos/as administrativos/as e da comunidade do IFSUL, que nesse período, ainda sem sede própria, mantinha suas atividades no prédio da Unipampa:

⁸³ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2022;

⁸⁴ OCUPAÇÃO de prédio da Unipampa completa três dias em Jaguarão, RS. Jornal G1. Porto Alegre. 14 de maio de 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/ocupacao-de-predio-da-unipampa-completa-tres-dias-em-jaguarao-rs.html> Acesso em: 20/06/2022

⁸⁵ COSTA, Guilherme. Unipampa ocupada - o impressionante movimento no extremo sul do país. Jornal Esquerda Diário. São Paulo. 18 de maio de 2016. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/UNIPAMPA-ocupada-o-impressionante-movimento-no-extremo-sul-do-pais?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter Acesso em: 03/07/2022

⁸⁶ O Esquerda Diário é um jornal vinculado ao MRT (Movimento Revolucionário dos Trabalhadores) e ao Faísca Anticapitalista e Revolucionária. Na época, o jornal mantinha contato com o Bloco para publicizar as ações e trocar solidariedade com outras ocupas.

⁸⁷ COSTA, Guilherme. Unipampa ocupada - o impressionante movimento no extremo sul do país. Jornal Esquerda Diário. São Paulo. 18 de maio de 2016. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/UNIPAMPA-ocupada-o-impressionante-movimento-no-extremo-sul-do-pais?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter Acesso em: 03/07/2022

Figura 16: Estudantes e professores/as do IFSUL apoiam a mobilização da Unipampa



Fonte: Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública, 12 de maio de 2016

Em uma matéria⁸⁸ publicada no site do SINASEFE-IFSUL⁸⁹, a categoria expressa o apoio aos estudantes em nota, além de repudiar qualquer tipo de resolução de conflito baseado na truculência:

Tendo ciência desta grave e urgente situação, parece-nos impossível nos omitir de apoiar a resistência dos estudantes, que lutam por uma pauta legítima e sensível a todos os cidadãos brasileiros. Repudiamos, ainda, toda forma de autoritarismo – institucional ou policial - que seja utilizada contra este movimento que não apenas é legítimo, mas também é legal. Ocupar é um direito - instrumento legítimo de luta dos movimentos sociais - e seus conflitos devem ser solucionados na esfera política. Todo Apoio ao Movimento Ocupação do Campus Jaguarão da UNIPAMPA! (SINASEFE-IFSUL, 2016)

Segundo a professora Letícia de Faria Ferreira, que ingressou como professora efetiva no curso de História em 2014 e que participou do movimento de Ocupação, sobre a categoria de professores/as e a adesão do movimento, ressalta que houve uma participação muito significativa

⁸⁸ SINASEFE-IFSUL visita campus Jaguarão e ocupação dos estudantes da Unipampa. Jornal SINASEFE. Pelotas. 25 de agosto de 2016. Disponível em: <https://sinasefeifsul.org.br/noticias/sinasefe-ifsul-visita-campus-jaguarao-e-ocupacao-dos-estudantes-da-unipampa/49> Acessado em: 04/05/2022.

⁸⁹ Sessão Sindical do SINASEFE Nacional no IFSUL.

[...] Eu observo assim, que tem uma parte enorme daqueles colegas que raramente aparecem no campus são os primeiros a gritar que querem dar aula, que vão chamar a polícia federal, que querem arrancar cartaz de estudante... [...] De modo geral, se a gente for pensar num contexto como um todo, um panorama mais amplo, eu diria que há uma adesão muito boa da categoria docente. [...] Eu diria que as atitudes de irem contra o movimento estudantil são isoladas, são de docentes muito pouco articulados, muito mais individualistas né.⁹⁰

De fato, as três categorias estavam mobilizadas para barrar as demissões e denunciar os cortes. Segundo a matéria da Sesunipampa⁹¹:

Um dos aspectos importantes dos protestos que estão ocorrendo na Unipampa é a união dos três segmentos. A dirigente do Sindicato dos Técnico-Administrativos (Sindipampa), Cristiane Ricordi, do campus de Jaguarão, informou à assessoria de imprensa da Sedufsm, que a categoria aprovou paralisação em todos os campi da instituição. Na unidade de Jaguarão, acrescentou ela, os técnicos vão ficar paralisados enquanto continuar a ocupação dos estudantes (SESUNIPAMPA, 2016)

A técnica administrativa em educação, Cristiane Ricordi, que ingressou na Unipampa em 2014, que é uma das responsáveis pelo NUDE, e participou do processo de Ocupação, relata como a categoria dos/das técnicos/as administrativos/as apoiou o movimento:

[...] a gente conseguiu fazer um movimento com a categoria de mostrar que tipo assim, quem move a universidade são os alunos, se vocês não estão aqui não tem universidade, não tem trabalho né. E aí a gente conseguiu assim numa reunião de categoria, mobilizar que a gente aderisse ao movimento e a gente parou 4 horas pra fazer a Ocupação, e participar da Ocupação né, paralisados, e 4 horas a gente fazia nosso trabalho né.⁹²

No sentido de união e trocas entre as categorias, Letícia relata a importância desse movimento que fortaleceu a união e conhecimento das pautas entre as categorias

Eu acho que a Ocupação de 2016 ela foi muito dialógica, no sentido de colocar as categorias em contato sabe. [...] Porque muitas vezes as plenárias que são chamadas pela direção, não que elas não sejam válidas, eu acho que todo o espaço de discussão coletiva é válido. Mas uma Ocupação assim, fora desses espaços mais formais e burocráticos, acho ela amplia o leque de diálogo entre as categorias né. E acho que a Ocupação teve um mérito sobre isso, que nos colocou em contato com distintas pautas, por exemplo, a gente ficou conhecendo as pautas de vocês, vocês conheceram as nossas, nós conhecemos dos TAEs [...] e dos terceirizados antes de tudo⁹³

⁹⁰ FERREIRA, Letícia de Faria. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 18 de maio de 2022.

⁹¹ NUNES, Fritz. Três segmentos paralisam Unipampa contra os cortes de recursos. Blog da Sesunipampa. Bagé. 20 de maio de 2016. Disponível em: <http://sesunipampa.blogspot.com/2016/05/tres-segmentos-paralisam-unipampa.html> Acesso em: 26/07/2022

⁹² RICORDI, Cristiane. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 16 de maio de 2022.

⁹³ FERREIRA, Letícia de Faria. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 18 de maio de

Ao mesmo tempo, foi um momento muito emblemático para a professora e a categoria de docentes. Um período marcado por assédio e perseguição por parte da reitoria, pois foi a época em que Letícia recebeu seu Processo Administrativo, por denunciar irregularidades em uma banca de concurso na Unipampa. A partir daí sofria constantemente o risco de demissão. E de fato aconteceu, em janeiro de 2022, a atual Reitoria da Unipampa publicou a Portaria de demissão. Somente com a mobilização e solidariedade em torno da defesa de Letícia, é que se conseguiu reverter a demissão através de votação pelo Conselho da Unipampa, mas infelizmente a contenda não acabou, pois a Reitoria antes do Consuni votar a decisão, entrou com recurso para questionar se este espaço coletivo poderia tomar tal postura. Tal situação, da Reitoria questionar a legitimidade do Conselho Superior da Unipampa tomar esta decisão, ainda está sendo avaliada pela Justiça. A professora relata como foi o período de 2016 para ela e a importância da união das categorias no processo

Pra mim o ano de 2016 foi bem dramático, porque eu me lembro que eu tava inclusive numa atividade do movimento estudantil ali no hall sentada ali. E aí a Ana Cristina me chamou pra ir na sala dela porque ela tinha que me entregar meu PAD, a mando do vice-reitor né, o senhor Maurício Aires que tinha assinado um pedido de um processo administrativo contra mim. Então eu tava ali né participando, participei do movimento estudantil, mas pra mim foi um contexto super difícil. Por um lado foi difícil porque eu fiquei muito tempo em Porto Alegre escrevendo a minha defesa com os advogados, eu ia e voltava né, a gente ficou um período também sem aulas. Mas ao mesmo tempo também era um período de muita mobilização política né. Então também servia pra gente compartilhar as indignações né, com esse descaso que a reitoria da Unipampa tem, perseguições, os assédios né. Eu acho que pra mim assim a Ocupação de 2016 foi importantíssima, porque justo num momento crítico dessa situação, né, foi quando, digamos assim, se deflagrou uma situação clara de assédio, que foi quando a Unipampa recebeu uma intimação da Justiça Federal pra se explicar, porque tinha homologado o concurso, e aí pra se explicar, resolve me processar. O movimento estudantil também está numa ação muito intensa, vamos dizer assim, de reivindicação né, de pautas referente à reitoria. Então acho que pra mim essa aliança foi super importante. E eu diria que eu nunca presenciei assim nem como discente, nem tinha presenciado um movimento com a força que foi a Ocupação de 2016.⁹⁴

Esse clima de tensão e ameaças também refletiam no cotidiano do movimento dos/as estudantes da Ocupação. A todo tempo era questionado por parte de alguns professores/as que não apoiavam, a legitimidade da paralisação, alegando que estudante não possuía o direito de greve. Diante dessa situação os/as professores/as do Sesunipampa saíram em defesa do Bloco

2022.

⁹⁴ FERREIRA, Letícia de Faria. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 18 de maio de 2022.

de Lutas, alegando a legitimidade e lembrando que em outros momentos os/as estudantes estiveram apoiando a greve da categoria docente. Segundo a *Nota pública da Sesunipampa a respeito das ocupações e o repúdio a qualquer tentativa de criminalização destas*⁹⁵

[...] estamos diante de um movimento coletivo de estudantes defendendo o acesso de todos à educação pública, gratuita e de qualidade e, quando opomos o nosso direito individual, haverá, sem dúvida, prejuízo. Entretanto, compreendemos ser legítimo o direito dos estudantes enquanto categoria de paralisar e poder – independente da posição do docente – ter o direito de repor conteúdos e avaliações, no caso daqueles que deram continuidade às atividades. Salientamos que num movimento como este, de dimensões nacionais, o docente ao exercer seu direito dificulta ou inviabiliza o direito real da maioria. Tal posição tem, como consequência, um gradual esvaziamento do movimento. Além disso, lembramos que, em 2012, quando declaramos greve os estudantes foram solidários a nós paralisando, após assembleias gerais da categoria, suas atividades em apoio a uma pauta unificada. Portanto, apoiamos e reconhecemos o direito dos estudantes da UNIPAMPA de paralisar as atividades e realizar ocupações oferecendo, desde já, todo o suporte jurídico e solidariedade. Ademais, refutamos e condenamos quaisquer tipos de criminalização dos estudantes das ocupação seja por força policial seja por meio administrativo (SESUNIPAMPA, 2016)

O apoio à paralisação e Ocupação dos e das estudantes também ocorreu em dimensão nacional. No 61º CONADE - Conselho do Andes-SN, foi realizada uma moção de apoio ao Bloco de Lutas Pela Educação Pública e Contra qualquer tentativa de criminalização ou perseguições políticas, segundo o Relatório Final:

Os(as) Delegados(as) ao 61º CONAD do ANDES-SN, realizado em Boa Vista (RR), no período de 30 de junho a 3 de julho de 2016, manifestam o apoio à ocupação do Bloco de Lutas pela Educação Pública no campus Jaguarão da Unipampa e o repúdio a qualquer tentativa de criminalização ou de perseguições políticas. Essa ocupação do movimento estudantil completa mais de 50 dias e foi desencadeada pelos cortes orçamentários e pelas demissões das trabalhadoras e dos trabalhadores terceirizados. A Unipampa chegou a ter seis dos seus dez campi ocupados, o que demonstra o descontentamento em relação aos ataques à educação pública e a força do movimento estudantil nesta resistência (CONADE, 2016)

Outra questão apontada dentro desse tema da solidariedade entre as categorias, foi a ajuda das mais variadas formas que o movimento estudantil recebeu: “[...] tinha essa questão da solidariedade muito forte sabe, de trazer alimento, fazer doação de coberta, fazer doação de

⁹⁵ NOTA pública da Sesunipampa a respeito das ocupações e o repúdio a qualquer tentativa de criminalização destas. Blog da Sesunipampa. Bagé. 13 de junho de 2016. Disponível em: <http://sesunipampa.blogspot.com/2016/06/nota-publica-da-sesunipampa-respeito.html> Acesso em: 27/07/2022

medicação, de tudo de tudo que a gente precisava, porque era muito frio, muito frio mesmo, tava muito frio (DIAS, 2022)⁹⁶.

A luta unificada, primeiramente em função dos cortes e demissões, se amplia, sendo inseridas outras pautas que tocavam os e as estudantes. Além de pautas fundamentais sobre a Assistência Estudantil, como a Moradia Estudantil, havia outra questão que era a morosidade do processo de seleção dos estudantes no Plano Permanência. Segundo nota publicada Pelo Bloco de Lutas no dia 30 de maio:

Um dos problemas debatido por nós e os pró-reitores trata-se da falta de verbas e morosidade do processo de seleção dos estudantes no Plano Permanência. Esse ano, por exemplo, o edital do Plano Permanência foi publicado em 26/01/2016 para somente na metade de junho sair o resultado final e somente em julho o estudante receber a bolsa instalação e os auxílios do Plano Permanência. Ou seja, que Plano Permanência é esse que o estudante praticamente só é contemplado com a bolsa no segundo semestre? Além disso, muitos estudantes são deferidos no programa e não são contemplados por falta de verbas (BLOCO DE LUTAS, 2016)⁹⁷.

Dessa maneira, uma das pautas que passaram a ser levantadas foi a questão de um Cadastro Único para os/as estudantes. Para que os documentos apresentados no ato da matrícula pudessem ser utilizados para a inscrição do Plano de Permanência. Os e as estudantes também pautavam que esse processo poderia ser feito online, para os e as estudantes não precisassem se deslocar para a Unipampa antes do início das aulas. Nathália Dias relata esse dramas sobre o processo seletivo e a documentação:

[...] eu cheguei em Jaguarão dia 6 de fevereiro de 2015 e o processo seletivo de bolsa durava mais de três meses, até a documentação. E sem contar o dinheiro da documentação né. Porque eu lembro que ainda em São Paulo né, eu tinha que chegar com os documentos tudo pronto no momento da matrícula e já se eu quisesse concorrer a essas bolsas eu tinha que ter todos os documentos autenticados, tipo, comprovante de renda, de familiar, os meus documentos, certidão, RG, tudo que você possa imaginar. E nisso eu já gastei um baita dinheiro né, eu lembro que acho que foi mais de 100 reais só pra autenticação de documento. Isso também já foi um baque né.⁹⁸

A técnica administrativa em educação, Cristiane Ricordi, relata o drama dos limites orçamentários e o que afetava os e as estudantes: “A própria instituição estabelecia um limite orçamentário né, então muitas vezes aqueles jovens tinham condições de serem contemplados

⁹⁶ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2022.

⁹⁷ NOTA pública sobre o descaso da PRAEC com os estudantes. Facebook Bloco de Lutas Pela Educação Pública. Jaguarão. 30 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/blocodelutasjaguarao/photos/535460733320957> Acesso em: 22/07/2022

⁹⁸ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2022.

e não eram porque a Unipampa passava, como a gente diz, a régua ali e cortava né” (RICORDI, 2022)⁹⁹.

Sobre os detalhes das pautas reivindicadas, foi formulado pelo Bloco de Lutas um documento chamado *Carta de compromisso da reitoria da Unipampa com o Bloco de Lutas Pela Educação Pública*. Esse documento serviu como base para o movimento dialogar com a reitoria e pró-reitorias, firmar compromisso com prazos estipulados através da assinatura do documento, assim como cobrar, caso os compromissos não fossem cumpridos, ver melhor em Anexo I.

Através da mobilização, debate sobre conjuntura, sobre os problemas da educação pública, a Ocupação apontava para um espaço de experiência de organização política e social:

Uma série de atividades vem sendo feitas dentro da ocupação, como debates públicos sobre a situação da universidade, da educação pública em geral, da política hoje em dia, oficinas de dança contemporânea, roda de conversa sobre sexualidade e homofobia, plenária com secundaristas em luta. Ou seja, trata-se de uma ocupação que vai para além da pressão contra os cortes, e sim um espaço de experiência de organização política e social (ESQUERDA DIÁRIO 2016)¹⁰⁰.

Apesar da paralisação das atividades acadêmicas no campus, o setor administrativo continuava funcionando. Uma das principais demandas era a vinda do reitor Marco Hansen e seu vice, Maurício Aires, para que pudessem debater as pautas e entregar a carta de reivindicações. Porém, os e as estudantes já estavam há mais de 20 dias ocupando a universidade sem previsão da vinda da reitoria. Dessa maneira, no dia 2 de junho, o movimento decidiu ocupar o setor administrativo. Segundo Allan Pereira, “A gente tava exausto, e a gente falou: cara, vamos ter que fazer uma coisa a mais né. E aí a gente ocupou a sala do administrativo. [...] no dia seguinte a gente já recebeu a notícia de que o reitor tava indo de Bagé pra lá” (PEREIRA, 2022)¹⁰¹.

Figura 17: Cartaz reivindicando a vinda do reitor e vice-reitor da Unipampa

⁹⁹ RICORDI, Cristiane. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 16 de maio de 2022.

¹⁰⁰ COSTA, Guilherme. Unipampa ocupada - o impressionante movimento no extremo sul do país. *Jornal Esquerda Diário*. São Paulo. 18 de maio de 2016. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/UNIPAMPA-ocupada-o-impressionante-movimento-no-extremo-sul-do-pais?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter Acessado em: 03/07/2022

¹⁰¹ PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-São Bernardo do Campo. 30 de junho de 2022.



Fonte: Página do Facebook do Bloco de Lutas pela Educação Pública, 2 de junho de 2016

Figura 18: Ocupação do setor administrativo



Fonte: Página do Bloco de Lutas pela Educação Pública, 2 de junho de 2016.

Sobre a organização do movimento em si, Nathália Dias relata que havia a organização de comissões para tudo, desde funções de manutenção dos espaços, como cronograma de atividades:

Então a gente meio que criou um cronograma de tarefas né, e de rotina né, e dentro desse cronograma tinha desde quais as questões burocráticas que a gente tinha que cumprir, até essa questão de limpeza, de organização de comida, de horário pra atividades, aulas públicas. Então não tinha nenhum momento ali na Ocupação que o hall ali de entrada, ou se não a universidade ficava vazia, sem movimentação. Era o dia inteiro movimentando, com alguma fala, com alguma atividade, ou se não com música. E a princípio as atividades eram bem distribuídas, né cada um, a gente acordava bem cedo, fazia uma reunião né, discutia algumas coisas e aí a gente se colocava pra fazer essas atividades, não era nada mandado assim, imposto, exigido. Então era uma coisa bem autônoma mesmo de cada um. Precisava de tal pessoa pra fazer tal coisa e aí a gente ia lá e se propunha. E também a gente prezava muito essa questão da rotatividade das tarefas, os homens fazerem tais coisas, irem pra cozinha, as mulheres fazerem outras coisas também, até pra não sobrecarregar todo mundo.¹⁰²

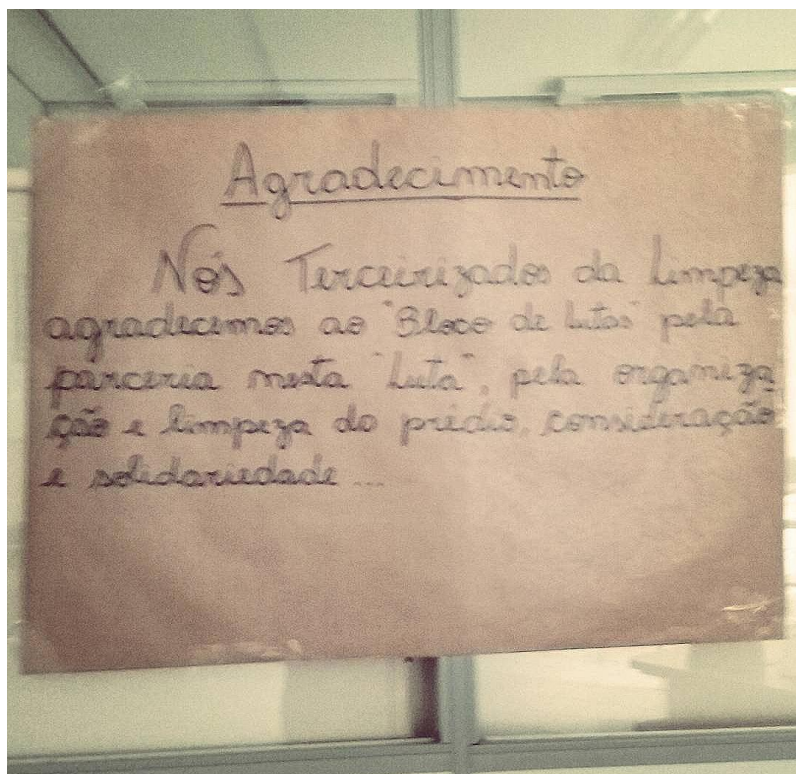
A entrevista, Tania Raquel, trabalhadora terceirizada da limpeza, destaca a organização dos e das estudantes para a manutenção dos espaços. As perguntas sobre os/as estudantes eram constantes:

[...] como é que tão se comportando? mais sujeira pra vocês? Nós respondemos: não! Eles tão colaborando, o que eles tão usando eles tão limpando. E vocês tinham um cronograma, eu lembro disso, “nós vamos limpar aqui, que nós sujamos ali”. E vocês se mantinham, não era assim, ocupou, sujou, e os terceirizados que se ralem¹⁰³

Figura 19: Cartaz de agradecimento confeccionado pelas trabalhadoras terceirizadas da limpeza

¹⁰² DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2022.

¹⁰³ RODRIGUES, Raquel. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Pelotas. 28 de maio de 2022.



Fonte: Acervo pessoal Andriele Paiva da Silveira, 2016.

Já sobre os princípios do movimento, o Bloco de Lutas Pela Educação Pública se declarava como um “movimento horizontal e democrático, cada integrante possui sua individualidade e ideologias. [...] o movimento é apartidário e rechaçamos os cortes de verba do Governo Federal independentemente de qual partido esteja inviabilizando a educação pública brasileira” (BLOCO DE LUTAS, 2016)¹⁰⁴. Segundo Nathália Dias:

[...] a gente tinha alguns acordos né, que foi estabelecido. Primeiramente essa questão dos partidos né, a gente fechou acordo de que a gente não ia fechar assim, ou se não permitir que se tornasse uma pauta partidária né. Que isso as vezes é consequência né, as pessoas veem esse espaço e já cismam em colocar partido no meio, e a gente entrou nesse acordo de que não era uma causa partidária né, era uma resistência bem autônoma mesmo assim.¹⁰⁵

Segundo relato na página do movimento, haviam tentativas de articular com os estudantes de todos os campi, com reuniões através de videoconferências. A Ocupação do campus certamente inspirou outros campi da Unipampa, assim como outras universidades.

¹⁰⁴ INFORME. O Bloco de Lutas Pela Educação Pública tem recebido diversas insinuações de ser partidário (no caso petista). Em resposta a essas insinuações feitas por pessoas que não têm conhecimento sobre o Bloco e as pessoas que o integram gostaríamos de deixar bem claro que nossa luta é POLÍTICA e NÃO partidária. Página do Facebook do Bloco de Lutas pela Educação Pública. Jaguarão. 18 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/blocodelutasjaguarao/photos/531798950353802> Acesso em: 27/07/2022.

¹⁰⁵ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2022.

Segundo a matéria¹⁰⁶ do G1, publicada no dia 25 de maio, a “Unipampa registra ocupações em pelos menos sete, das 10 sedes no RS” (G1, 2016), incluindo também a Ocupação da reitoria da universidade. Segundo nota de avaliação do movimento de Ocupação, além dos campi da Unipampa ocupados, “[...] houveram ocupações em outras universidades federais, que pautaram nosso movimento como referência - FURG, UFPEL e UFFS. Os estudantes dos campi de Marília e Bauru da Unesp também dialogaram em suas assembleias estudantis sobre o nosso movimento e ocuparam seus campi” (BLOCO DE LUTAS, 2016)¹⁰⁷.

A Ocupação se estendeu até o dia 5 de julho, contabilizando 55 dias de luta e resistência, de diálogo entre as categorias da universidade, com os/as estudantes secundaristas e professores/as do ensino básico, construindo relações que se estenderam e abriram caminho para lutas conjuntas na cidade. Como todo processo que demanda muita pressão de todos os lados, houve um processo de esgotamento físico e mental dos e das estudantes, que segundo Nathália:

Eu lembro que a Ocupação, no meu ponto de vista, na minha análise é que ela foi acabando por cansaço mesmo. Foram [...] dias de muita luta, muita, muita resistência, fruto dali floriu e foram gerados várias conversas, várias aulas, vários aprendizados, várias experiências. Desde questões culturais, de música, exposições, intervenções, mas até essa parte mais educativa mesmo assim, de ensino, que os professores faziam suas aulas, ou se não os alunos davam a aula. E isso vai cansando né. Porque a gente tava lá, dormindo em barraca, as vezes dormindo no chão, com colchão alimentação precária, daquele jeito, muito frio e a gente se revezava pra poder ir tomar banho, se revezava pra poder ir em casa descansar. E as vezes a gente tinha reuniões que duravam até 3 horas as manhã, pra gente ter que acordar as 6 horas da manhã. Então era muito cansativo, porque a gente não abria mão de fazer as nossas assembleias, pra tá deliberando, pra tá discutindo, pra tá pensando o dia de amanhã. E chegou uma hora que se tornou simplesmente exaustivo, exaustivo porque o cansaço faz com que as pessoas entrem em desacordo¹⁰⁸

A avaliação que o Bloco de Lutas faz em sua nota sobre a desocupação do prédio, apesar de não terem conseguido alcançar todas as demandas, houveram diversas vitórias:

Do dia 12/05/2016 ao dia 05/07/2016 foram 55 dias ocupados. Momentos de muitas lutas e também de muita sociabilidade, solidariedade, integração e ternura. Essas foram com certeza a maior conquista do movimento. Estiveram em nossa ocupação: professores, TAEs, trabalhadores

¹⁰⁶UNIPAMPA registra ocupações em pelo menos sete das 10 sedes no RS. Jornal G1, Porto Alegre, 25 de maio de 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/unipampa-registra-ocupacoes-em-pelo-menos-sete-das-10-sedes-no-rs.html> Acesso em: 26/05/2022.

¹⁰⁷ CARTA de avaliação do movimento de Ocupação e paredista. Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública. Jaguarão. 14 de março de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/634638057185788/> Acessado em: 20/07/2022

¹⁰⁸ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2016.

terceirizados e estudantes da Unipampa e do Ifsul assim como estudantes e demais servidores de inúmeras universidades, companheiras do movimento dos trabalhadores sem terra, tivemos a honra de estarmos juntxs na luta com xs estudantes secundaristas que ocuparam o Espírito Santo (escola estadual de Jaguarão) e professores grevistas da rede estadual (BLOCO DE LUTAS, 2016)¹⁰⁹

Os e as estudantes também entendiam que desocupar não era sinônimo para desmobilizar, que era necessário manter uma organização entre categorias na cidade, para lutar contra o desmonte da educação pública. Por isso, propuseram um “Fórum em defesa da Educação Pública” “para compormos uma frente de luta entre estudantes, trabalhadores e educadores da Unipampa, IFSUL, das redes municipal e estadual e outros movimentos sociais e populares” (BLOCO DE LUTAS, 2016)¹¹⁰.

De fato, a luta continuou, outras lutas. Diversas greves gerais foram articuladas entre as categorias da Unipampa, Ifsul, rede municipal e estadual de ensino. Destaca-se aqui o ano de 2019, em que ocorreu uma forte mobilização de estudantes no ato de inauguração da Moradia Estudantil do campus Jaguarão, visto que até hoje ela ainda não foi ocupada. No final de 2019 também ocorreu a paralisação das atividades no campus, contra a precarização causada por mais cortes orçamentários, e a privatização da universidade através do projeto Future-se. Tudo isso, ainda utilizando o nome do Bloco de Lutas Pela Educação Pública. Já a partir de 2020, no contexto de pandemia, surge o EPAED (Estudantes por Assistência Estudantil Digna) que pautaram uma política de alimentação diante do fechamento do RU, realizando campanhas de alimentos para distribuir kits de alimentos aos estudantes. Além disso, o movimento entrou na comunidade do bairro Bela Vista, construindo com as mulheres da Refeição Solidária, que lutam por uma alimentação digna também para a comunidade.

3.5 MULHERES NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Em ambos os processos de Ocupação, assim como no movimento estudantil no geral, havia uma forte presença feminina. Mulheres na linha de frente, pautando, debatendo, fazendo o enfrentamento. Enquanto realizava as entrevistas, questões de pautas das mulheres e organização das mesmas foram surgindo. Diante disso, constatei ser essencial trazer à baila as

¹⁰⁹ NOTA de desocupação do campus Jaguarão - Unipampa. Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública. Jaguarão. 8 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/333979644569706/> Acesso em: 20/07/2022

¹¹⁰ NOTA de desocupação do campus Jaguarão - Unipampa. Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública. Jaguarão. 8 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/333979644569706/> Acesso em: 20/07/2022

vozes femininas que ecoaram, assim como as problemáticas sobre a questão dentro do movimento. Apesar do foco do trabalho não ser esse, trago alguns relatos e considerações.

Sobre 2013, se faz importante trazer o protagonismo das mulheres que lutaram incansavelmente e criaram o potente Movimento pelo Auxílio Creche. Nesse período, o principal coletivo organizado de mulheres era o Margaridas. Segundo Kenya, o coletivo surgiu em fevereiro daquele ano, decorrente da indignação de um grupo de estudantes da Unipampa diante de um caso de abuso contra uma estudante de Letras, junto da culpabilização da vítima por parte da comunidade acadêmica.

Isso tudo começou a nos comover de uma forma muito intensa. A gente começou a propor atividades, a gente começou a fazer pique niques feministas, a gente começou a fazer atividade de defesa pessoal, a gente começou a trazer gente de fora pra fazer palestra com psicólogas e tudo mais¹¹¹

Uma das pautas levantadas pelo coletivo, foi a questão do Auxílio Creche. Segundo Kenya, no ano de 2012 os e as estudantes começaram a participar de encontros nacionais de Assistência Estudantil, nos quais descobriram a existência desse auxílio.

[...] um desses encontros foi onde a gente descobriu, porque a gente não sabia nessa época, sobre o Auxílio Creche. A gente descobriu em um diálogo que teve com uma parte de um grupo de trabalho, onde era específico pra mulheres, e eu estava nesse grupo, participando. [...] Aí a gente pensou: nós vamos levar isso pra Unipampa, porque a Unipampa precisa né¹¹²

Porém, as mulheres que se apropriaram da existência desse auxílio e tentaram levar a pauta para o movimento estudantil, encontraram algumas dificuldades. O fato é que a lógica machista, racista e patriarcal, fazia com que grande parte do movimento não reconhecesse o Auxílio Creche como uma demanda importante, segundo Kenya:

A gente acreditava muito na importância do Auxílio Creche, mas quando a gente levou isso pra Assembleia, pra conversar com os estudantes, na época de 2013 da Ocupação, isso não foi levado como pauta. [...] tanto é que se tu procurar as pautas da época da Ocupação, não vai ver Auxílio Creche, não vai encontrar nunca, porque o Auxílio Creche foi colocado pra depois. [...] eu fui convencida de de alguma forma, junto com as outras gurias né, de que bom... tá, a gente tira agora, mas poxa, a gente tá incluindo a Casa do Estudante...¹¹³

¹¹¹ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

¹¹² MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

¹¹³ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

Segundo a informante, nos pormenores das discussões sobre a Casa do Estudante, se defendia que mães e pais pudessem levar seus filhos para a moradia, então pelo menos momentaneamente, parecia estar inclusa essa pauta dentro da questão da moradia:

E bom, o Auxílio Creche foi retirado nesse primeiro momento, [...] Depois daquele momento que a gente começou a cair a ficha, porque isso demora, a gente vive numa sociedade onde o tempo todo a gente é descredibilizada, então a gente até acha normal, a gente naturaliza. Nós não percebemos como uma forma de opressão, a gente percebeu apenas como bom, tem estágios da luta, a gente vai ter que priorizar algumas coisas pra deixar outras pra depois.¹¹⁴

“Só que com o passar do tempo , nós percebemos que dava sim pra incluir, porque coisas mínimas foram incluídas” (MARTINS, 2022)¹¹⁵. Depois de passada a Ocupação, o Movimento Estudantil pela Creche começa a se organizar. Segundo Kenya, o movimento começou com poucas pessoas, “eram 5, 6 gurias”, que tinham dificuldade inclusive de inserir a pauta entre os campi. A tática utilizada foi criar um e-mail para pressionar a reitoria e a PRAEC:

Porque a gente queria dar uma força assim, a gente colocou “Movimento Pela Luta da Creche”, aiii, foi tão bonito assim... Quando tu olhava aquele e-mail parecia que tinha uma galera, o campus inteiro que era do movimento (risos). As fotos que a gente mandava pra reitoria sempre tinha muita mulher, muita coisa, muita gente, mas não eram fotos da creche, eram fotos gerais, mas a gente não podia dizer isso, porque a gente queria [...] que eles achassem que tinha força né, porque não tinha força¹¹⁶.

Já, a partir de 2014, quando Kenya Martins se elege para conselheira no Consuni, consegue levar também a pauta para a Comissão de Assistência Estudantil. “E houve um furdunço também, a gente começou a fazer, além da panfletagem, adesivos, bonezinho. [...] em todos os campi que a gente passava, a gente conversava, [...] falava da importância” (MARTINS, 2022). Houve então a partir daí, um maior envolvimento dos e das estudantes com a pauta, até que saiu do papel, e os/as estudantes comemoraram

Mas a felicidade durou 2, 3 meses, porque quando a gente descobriu que era 80 reais...(risos). Porque inicialmente [...] a gente não queria que tivesse auxílio creche, a gente queria que tivesse um espaço né, que tivesse uma creche né. E a gente tentou fazer argumentar da parceria que a gente podia fazer com a brinquedoteca, com as estudantes da Pedagogia, com outros estudantes que tivessem interesse em ter horas complementares...¹¹⁷

¹¹⁴ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

¹¹⁵ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

¹¹⁶ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

¹¹⁷ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

Figura 20: Faixa colocada no RU reivindicando o Auxílio Creche



Fonte: Página do Facebook Ocupaunipampajaguarão, 3 de março de 2015

Como as estudantes não conseguiram negociar essa possibilidade, resolveram aceitar a possibilidade de auxílio, porém, “a gente tinha pedido 350 no mínimo, que a gente sempre pede pra mais né. A gente pensou tá, 350, vão nos dar uns 250, nos deram 80 pila” (MARTINS, 2022). Um valor que nem de longe supre as necessidades de mães e pais, que já são poucos na universidade, e que provavelmente evadiriam menos se o valor solicitado ou a idéia de creche na universidade tivesse sido implementada. Apesar disso, devemos reconhecer esse potente e corajoso movimento encabeçado pelas mulheres da Unipampa campus Jaguarão, que possibilitaram a discussão e implementação da política.

Sobre a questão das mulheres em 2016, corroboro com a fala de Kenya Martins, “quando a gente tá num espaço de Ocupação geral, [...] em algum momento a gente percebe que a nossa voz não está sendo escutada da forma como a gente gostaria que fosse né, e acaba que vai se levando de alguma forma a se construir espaços específicos pra gente” (MARTINS, 2022)¹¹⁸

Apesar de ser outro contexto, e algumas batalhas diferentes, a pauta das mulheres surgiu seja direta ou indiretamente. Criaram-se espaços importantíssimos de escuta, de trocas e de acolhimento, segundo Nathália:

¹¹⁸ MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andrielle Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

Se eu não me engano, por exemplo, o coletivo D-Generadas que tu, eu, a Sara, a Bruna, a Shirley, um monte de outras gurias participamos e criamos esse coletivo nesse ambiente de ocupação. Foi justamente essa necessidade que a gente teve de trazer essas pautas de gênero e tal, e também pra ter esse espaço de acolhimento né pra outras mulheres e tal, pra trazer relatos, relatos de violência, acho que não cabe aqui trazer esses relatos agora. Mas houveram relatos de violência das nossas companheiras e tal, das nossas parceiras. E aí a gente criou esse coletivo pra se munir e criar um espaço de acolhimento e de preservação nossa da mulherada, pra discutir esses casos que acabavam chegando pra nós assim né.¹¹⁹

Outra questão muito latente, era perceber que a maioria dos ataques, demissões, estavam ocorrendo com as mulheres, no caso as trabalhadoras da limpeza. Mulheres que teriam seus metros quadrados de área para limpar aumentados, sendo que muitas já estavam em idade avançada. Nathália destaca que havia também uma reflexão sobre o perfil dessas mulheres, que não deixava de ser enfatizado: “E que não adiantava a gente debater sobre essa questão dos cortes e tal, do sucateamento da universidade, se a gente não pensasse nessa questão da interseccionalidade assim né, tipo as mulheres: quem são essas mulheres? São mulheres pobres e mulheres negras e tal, periféricas” (DIAS, Nathália)¹²⁰

Além disso, refletia-se sobre os papéis de gênero, que segundo Joan Scott (1990), o gênero no mundo ocidental sempre foi concebido de forma dicotômica, entre categorias de homem e mulher, colocando a categoria de homem para a esfera pública, restando a mulher o privado, o cuidado. O privado se reflete principalmente no trabalho doméstico, o trabalho da limpeza, que era o trabalho daquelas mulheres a quem os e as estudantes lutavam. A Ocupação também viria a quebrar essa lógica, incentivando mulheres a tomarem o protagonismo, e invertendo essa lógica do doméstico a partir das comissões. Segundo Nathália, a Ocupa de 2016 foi também um espaço que potencializou muito as vozes femininas e negras, por vezes empoderador, que certamente marcou a vida e trajetória militante não só de Nathália, enquanto mulher negra, mas de tantas mulheres:

E eu vi ali dentro esse espaço de crescimento em potencial assim. Esse espaço que eu podia me colocar, e que era relevante as coisas que eu dizia. Claro, eu já tava, já era envolvida em casos raciais já antes mesmo de entrar na universidade, só que era de uma outra forma né e acho que essa questão do conjunto né, das outras pessoas e de ver outras histórias, de outras mulheres negras né. Nossa eu lembro da Shirley sabe tipo, quantas outras mulheres assim eu tive como inspiração. E eu realmente cresci ali dentro não só como aluna, como militante, mas como mulher mesmo assim né. Acho que a partir dali eu fui afinando o meu gosto pra essas questões de

¹¹⁹ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre, 10 de maio de 2022.

¹²⁰ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre, 10 de maio de 2022.

intelectuais negras, a questão das trajetórias negras, de mulheres negras. E eu fui notando que cada reunião que a gente tinha, cada plenária que a gente tinha eu fui me despir um pouco da vergonha que eu tinha, e cada vez eu me sentia mais forte, mais segura e conseguia formar pensamentos e falas cada vez mais fortes e mais potentes e perceber que essas mulheres e essas pessoas davam credibilidade para o que eu tava falando e eu não tava falando de coisas acadêmicas sabe, a gente não tava debatendo um texto teórico, a gente tava falando sobre coisas mesmo da vida, sobre as pessoas sabe, sobre a sociedade, enfim. E era muito importante ver o quanto a minha, a nossa fala, das outras mulheres, e dos outros homens também, tinha esse poder né de acolhimento assim sabe, pra essas mulheres. Enfim, acho que enquanto mulher negra cresci muito dentro desse momento da Ocupação.¹²¹

Figura 21: Ato na Ocupação contra a Cultura do estupro, em decorrência do estupro coletivo de jovem no RJ



Fonte: Vídeo da Página do Bloco de Lutas Pela Educação Pública, 11 de junho de 2016

Podemos perceber portanto, o movimento estudantil, e especificamente o movimento estudantil da Unipampa campus Jaguarão, como um espaço potencializador da inversão da lógica dos papéis de gênero. Construindo experiências políticas, feministas, incluso o feminismo negro, desde que o movimento se dê através de princípios que garantam a participação das mulheres nesses espaços. No caso de 2013, a pauta feminista foi fundamental para as mulheres se imporem, mesmo não tendo encontrando espaço para a pauta da creche na Ocupação, posteriormente foram elas que arrancaram essa política. E mesmo dentro da Ocupação, através de outras pautas tiveram papel fundamental. Já no caso de 2016, as

¹²¹ DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andrielle Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2022.

questões de gênero faziam parte do cotidiano da Ocupação, integrando atividades, discussões e encaminhamentos de plenárias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a saída encontrada pelos/as estudantes da Unipampa sempre foi a luta. Seja na luta pautando por melhorias da estrutura do campus, da Assistência Estudantil, sendo solidários/as a outras categorias, como também acolhendo os/as estudantes diante da precariedade dessas políticas, muitas vezes assumindo um papel que deveria ser feito pelo Estado. Desse modo, dois movimentos de intensificação das lutas estudantis se inscrevem na história do campus, da própria universidade e da comunidade de Jaguarão.

Imersos em uma conjuntura específica da época, esses dois movimentos tiveram suas características influenciadas por questões políticas e socioculturais. A Ocupação de 2013 ocorreu justamente nas pré-jornadas de junho, então havia aquele clima de indignação, de discussões sobre direitos, investimentos na educação. Havia também a luta pelo piso nacional através da categoria de professores/as do estado do RS, que pressionava o então governador Tarso Genro. Já a Ocupa de 2016 já havia aprendido que era possível Ocupar, assim como era possível uma nova onda de ocupações, como havia ocorrido no estado de São Paulo em 2015, com os e as estudantes secundaristas. Segundo Mario San Segundo e Ricardo Severo (2017) havia uma

forte mobilização devido aos parcelamentos de salários, não pagamento do piso nacional e outras pautas, que levariam à decretação de uma greve a partir do dia 16 de maio –, da retirada de projetos de leis entendidos como nocivos, em tramitação na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (ALERS) (SEGUNDO; SEVERO, 2017, p. 74)

Imersos em diferentes conjunturas, obviamente algumas diferenças entre os dois processos de Ocupação emergem. É certo que Ocupa de 2013 abriu caminho para a Ocupa de 2016, com isso também vieram alguns aprendizados do processo anterior. 2013 ficou marcado por um movimento estudantil que focou em pautas mais internas da Universidade, já que no período, as políticas de Assistência Estudantil ainda estavam se constituindo. De fato, o movimento estudantil teve papel fundamental na efetivação dessas políticas, cobrando ativamente a sua implementação e se impondo para conseguir que minimamente fossem projetos que tivessem a participação dos e das estudantes, utilizando como exemplo as

políticas de Assistência Estudantil de outras universidades, principalmente no que tange o Restaurante Universitário e a Moradia Estudantil.

Outra questão que ainda era uma barreira para a Ocupa de 2013 eram os meios de comunicação. San Segundo e Severo (2017), destacam o papel fundamental das redes sociais no processo de Ocupação das Escolas no RS, especificamente na região sul. Segundo os autores, o diálogo entre os e as estudantes de diferentes escolas se deu através de grupos do Whatsapp. Comunicação que a Ocupa de 2016 também possuía, e que possibilitou a articulação entre diferentes campi universidades prestando e recebendo apoio. Além de um alcance maior da divulgação das atividades, assembleias e plenárias através das lives. Kenya Martins relata dificuldades de comunicação em 2013:

Nós não tinha telefone Andri (risos), não dava pra se comunicar que nem agora que a gente manda um Whatsapp, não tinha isso, tinha as vezes um sms, mas era uns telefone fudido sabe. [...] nós não tinha telefone com acesso à internet, era aqueles telefone assim pequenininho com numerozinho, não tinha, internet, então não dava pra usar, não era assim que nem agora. [...] e ninguém tinha crédito naquela época, colocar crédito era uma dificuldade.¹²²

Além da dificuldade de comunicação, havia sido o primeiro processo de Ocupação no campus, que também serviu de experiência para o próximo, já que foram encontradas dificuldades de manter o movimento concomitante ao funcionamento normal do calendário acadêmico. A Ocupação de 2016, havia aprendido que era necessário paralisar as atividades, para que os e as estudantes pudessem se dedicar exclusivamente ao movimento, já que demandava o envolvimento durante o dia e noite, com atividades culturais, aulas públicas, reuniões, plenárias e assembléias. Outra questão que podemos destacar é o envolvimento maior com estudantes e professores/as do ensino básico, do IFSUL, já que a conjuntura de ataques pegava o setor da educação no geral, fazendo com que houvesse um diálogo e construção com todos os setores da educação.

Outro aspecto a se destacar, é o caráter de organização do movimento, que a partir da divisão de comissões, conseguiu de certo modo distribuir as tarefas de modo que todos/as contribuíssem e se sentissem participantes do processo, além de conseguir uma duração maior de tempo. Sob o aspecto de princípios, o Bloco de Lutas conseguiu manter um movimento com horizontalidade, autonomia e independência de classe.

Independente das vitórias que ocorreram e outros processos que não conseguiram ser revertidos, o fato é que não podemos negar que as ocupações da Unipampa campus Jaguarão deixaram um legado. Esse legado fica explícito na fala da professora Letícia:

¹²² MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andrielle Paiva da Silveira. Jaguarão. 19 de julho de 2022.

Efetivamente, naquela coisa pragmática, nós não conseguimos abrir a Casa do Estudante, nós não conseguimos contratar mais terceirizados. Mas não se pode mais não discutir isso. Isso se coloca como sendo necessário ser discutido numa coletividade. E isso é um mérito da Ocupação e do Movimento Estudantil, que as coisas não passem num paralelo alheio, alheio à discussão. Então eu acho com relação a ser colocado, a ser pautado, entrar na agenda política do campus, esse é o mérito. E não é um mérito pequeno. Porque daí eu diria que foge inclusive ao nosso alcance, dizer que a gente vai conseguir verba, vai conseguir contrato pra terceirizado, vai conseguir grana né, isso foge da nossa própria alçada.¹²³

De fato, o legado de lutas do movimento estudantil do campus deixa uma mensagem muito explícita, de que é preciso parar, debater e reivindicar, quando nos sentimos atacados, não importa a categoria que seja. Na coletividade se constrói uma universidade, que não se fecha em si mesmo, mas que se pensa e se expande cada vez mais para fora de seus muros.

¹²³ FERREIRA. Letícia de Faria. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 18 de maio de 2022.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- ASSISTÊNCIA Estudantil. Portal da Unipampa. Bagé. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/ingresso/assistencia-estudantil/> Acessado em: 01/05/2022
- BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2022
- _____. Decreto nº 7.234, 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm Acesso em: 05/04/2022.
- _____. Lei nº 11.640, de 11 de janeiro de 2008. Institui a Universidade Federal do Pampa. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11640.htm Acesso em: 05 de maio de 2022.
- _____. Ministério da Educação. Diretrizes Gerais do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2022
- _____. Ministério da Educação. Universidade: expandir até ficar do tamanho do Brasil. Brasília, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/expansao/revistaexpansao.pdf>. Acesso em 22 de abril de 2022.
- BRINGEL, Breno. Miopias, sentidos e tendências do levante brasileiro de 2013. Insight Inteligência. Rio de Janeiro, v. 62, p. 42-53, 2013
- BRITO, Luciana Ribeiro de. “Você fecha a minha escola e eu tiro o seu sossego”: ocupações secundaristas e o movimento estudantil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.
- CARTA de avaliação do movimento de Ocupação e paredista. Página do Facebook do Bloco de Lutas Pela Educação Pública. Jaguarão. 14 de março de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/634638057185788/> Acessado em: 20/07/2022
- CARVALHO, Roney de. Gentrificação: a tributação como atenuante da segregação social e urbana. Revista Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade. v. 2, n. 2. Curitiba, Jul/Dez. 2016. p. 66-80
- CERCA de 50 alunos ocupam prédio da Unipampa em Jaguarão. Jornal Zero-Hora, Porto Alegre, 5 abril, 2013. Acesso em 30/06/2022. Extraído de: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/04/cerca-de-50-alunos-ocupam-predio-da-unipampa-em-jaguarao-4097417.html>
- CHAUÍ, Marilena. Em torno da universidade de resultados e de serviços. Revista USP, (25), São Paulo, 1995, p.54-61.
- COSTA, Guilherme. Unipampa ocupada - o impressionante movimento no extremo sul do país. Jornal Esquerda Diário. São Paulo. 18 de maio de 2016. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/UNIPAMPA-ocupada-o-impressionante-movimento-no-extremo-sul-do-pais?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter Acessado em: 03/07/2022
- DIAS, Nathália. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Porto Alegre. 10 de maio de 2022.
- DOCENTES da Unipampa decidem encerrar greve. Jornal Correio do Povo, 20 setembro, 2012, Edição Digital. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/midia/?p=1205> Acesso em 15/05/2022

DUTRA, Natália Gomes dos Reis; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Assistência Estudantil sob múltiplos olhares: a disputa de concepções. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.25, n. 94, p. 148-181, jan./mar. 2017

FERREIRA, Letícia de Faria. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 18 de maio de 2022.

FERREIRA, Suely. Reformas na educação superior: de FHC a Dilma Rousseff (1995-2011). Linhas Críticas, nº 36, Brasília, 2012, p. 455–472.

FONAPRACE. IV Pesquisa Nacional de Perfil dos Discentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Uberlândia, 2014.

_____. V Pesquisa Nacional do Perfil Socioeconômico e Cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais. Uberlândia, 2019.

GREVE de professores 47 mil acadêmicos gaúchos. Jornal Zero-Hora, Porto Alegre, 27 de maio de 2012. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/05/greve-de-professores-afetara-47-mil-academicos-gauchos-3771864.html> Acesso em: 15/07/2022

GENTIL, Viviane Kanitz. Expansão, interiorização e democratização de acesso a educação superior pública: o caso da Unipampa. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2017.

_____, Viviane. Saiba como os cortes orçamentários afetam o funcionamento da Unipampa. Portal da Unipampa. Bagé, 31 de maio de 2021. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/portal/saiba-como-os-cortes-orcamentarios-afetam-o-funcionamento-da-unipampa> Acesso em: 22/05/2022.

GÓMEZ, Magela Fonticiella. Discutindo o acesso e permanência no Ensino Superior no contexto do SISU (Sistema de Seleção Unificado). ORG & DEMO, Marília, v. 16, n. 1, Jan./Jun., 2015, p.69-88.

GONÇALVES, Juliana. Primavera Secundarista pressiona, mas governo segue negando diálogo. Jornal The Intercept Brasil, 27 outubro, 2016, São Paulo. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/10/27/primavera-secundarista-pressiona-mas-governo-segue-negando-dialogo/> Acessado em: 21/05/2022

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004. HUYSSSEN, Andreas.

JANUÁRIO, Adriano et al. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. Revista Fevereiro, v. 9, p. 1-26, 2016. Disponível em: <http://www.revistafevereiro.com/pdf/9/12.pdf>. Acesso em: 28/07/2022

JUNIOR, Robson de Freitas Miranda. A história como “*logos do outro*”: Michel de Certeau e a operação historiográfica. Temporalidades - Revista de História. Ed. 29, v. 11, nº 2. 2019

LOPES, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 7 de maio de 2022.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009.

MARTINS, Kenya. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão, 19 de julho de 2022.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade em tempos de redemocratização do Estado. RBPAAE – v.27, n.2, p. 205-221, maio/ago. 2011

MEC. Relatório de Expansão das instituições federais, período 2003–2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/relatorioexecutivo.pdf> Acessado em: 12/04/2022.

MELO, P. A.; MELO, M. B.; NUNES, R. S. A Educação a distância como política de expansão e interiorização da Educação superior no Brasil. Revista de Ciências da

Administração, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 278-304, maio/ago. 2009

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas universidades: repressão, modernização e acomodação. Rev. Cienc. Cult. vol.66 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2014

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993. PERRONE-MOISÉS, Leyla.

NOTA pública da Sesunipampa a respeito das ocupações e o repúdio a qualquer tentativa de criminalização destas. Blog da Sesunipampa. Bagé. 13 de junho de 2016. Disponível em: <http://sesunipampa.blogspot.com/2016/06/nota-publica-da-sesunipampa-respeito.html> Acesso em: 27/07/2022

NOTA Pública do Bloco de Lutas pela Educação Pública (Jaguarão/RS). Jornal Esquerda Diário. São Paulo. 14 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/NOTA-PUBLICA-DO-BLOCO-DE-LUTAS-PELA-EDUCACAO-PUBLICA-JAGUARAO-RS?fbclid=IwAR1sOlppTJqnMzbtkm0bsEvg6Kwaw28FpUMNSOW1d8FGTS0fUcI2GQwLZsg>

NUNES, Fritz. Três segmentos paralisam Unipampa contra os cortes de recursos. Blog da Sesunipampa. Bagé. 20 de maio de 2016. Disponível em: <http://sesunipampa.blogspot.com/2016/05/tres-segmentos-paralisam-unipampa.html> Acesso em: 26/07/2022

OCUPAÇÃO de prédio da Unipampa completa três dias em Jaguarão, RS. Jornal G1. Porto Alegre. 14 de maio de 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/ocupacao-de-predio-da-unipampa-completa-tres-dias-em-jaguarao-rs.html> Acesso em: 20/06/2022

O MAL EDUCADO. Como ocupar um colégio?. 2015. Disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>. Acesso em: 16/05/2022.

PEREIRA, Allan. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão (RS)-São Bernardo do Campo(SP). 30 de junho de 2022.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REDUÇÃO orçamentária ocasiona aumento na tarifa do RU. Portal Unipampa, Bagé, 7 de agosto de 2018. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/portal/reducao-orcamentaria-ocasiona-aumento-na-tarifa-do-ru> Acessado em: 01/05/2022

REUNI, Diretrizes Gerais. Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. MEC, agosto, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf> Acesso em: 18/05/2022.

RICORDI, Cristiane. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão. 16 de maio de 2022.

RODRIGUES, Raquel. Entrevista concedida a Andriele Paiva da Silveira. Jaguarão-Pelotas. 28 de maio de 2022.

ROSA, Alzemiرو Gonçalves da. A voz popular: O Cerro da Pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão - RS. Unipampa. Trabalho de Conclusão de curso. Jaguarão, 2015.

SINDIPAMPA, Coordenação Geral. Nota de solidariedade aos estudantes da Unipampa - Campus Jaguarão. Jaguarão, 9 de abril, 2013.

SANTANA, Flávia de Angelis. Movimento Estudantil e Ensino Superior no Brasil: a reforma universitária no centro da luta política estudantil nos anos 60. Programa de Pós-graduação em História Social. USP. São Paulo, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez, 1990.

SEGUNDO, Mario San; SEVERO, Ricardo. #Ocupatadores - Socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas no Rio Grande do Sul. Revista Educação Temática Digital. v. 9, n. 1. Campinas, 2017.

SILVA, Isadora Cabreira et al. As ideias de universidade: a visão da comunidade sobre a Unipampa campus Jaguarão. Anais do 10º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão - Siepe. Universidade Federal do Pampa | Santana do Livramento, 6 a 8 de novembro de 2018.

SILVA, Rafael Viana da. O Movimento Estudantil Libertário (MEL) e o Maio de 1968 brasileiro. Revista Espaço Acadêmico, 18(210), 2018, p. 76-88

SINASEFE-IFSUL visita campus Jaguarão e ocupação dos estudantes da Unipampa. Jornal Sinasefe. Pelotas. 25 de agosto de 2016. Disponível em: <https://sinasefeifsul.org.br/noticias/sinasefe-ifsul-visita-campus-jaguarao-e-ocupacao-dos-estudantes-da-unipampa/49> Acessado em: 04/05/2022.

SINDIPAMPA, Coordenação Geral. Nota de solidariedade aos estudantes da Unipampa - Campus Jaguarão. Pampa gaúcho, 9 de abril de 2013.

STOLF, Franciele. Assistência Estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina: uma análise inicial do Programa Bolsa Estudantil. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

TADA, Cristiane. Estudantes ocupam a Unipampa Jaguarão no RS há 5 dias. UNE. São Paulo. 8 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.une.org.br/2013/04/estudantes-ocupam-a-unipampa-jaguarao-no-rs-ha-5-dias/> Acesso em: 15/06/2022

UNIPAMPA. Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2014-2018). Bagé-RS: Unipampa 2014. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/pdi/files/2018/04/pdi-2018.pdf> Acessado em: 15/05/2022

_____. Relatório da Comissão Especial de Assistência Estudantil do campus Jaguarão. Jaguarão, abril de 2021.

_____. Relatório de Gestão Integrado exercício 2021. Bagé, 2022. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2022/04/rgi-2021.pdf> Acessado em: 03/05/2022

_____. Relatório de Gestão do exercício de 2013. Bagé, 2014. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2011/04/relatorio-de-gestao-2013_unipampa_verso-1.pdf Acessado em: 03/05/2022

_____. Relatório de Gestão do exercício de 2016. Bagé, 2017. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2011/04/relatorio-de-gestao-2016-final.pdf> Acessado em: 04/05/2022

_____. Resolução nº 29, de 28 de abril de 2011. Institui normas básicas de graduação, controle e registro das atividades acadêmicas. Bagé, 2011. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/dompedito/sites/dompedito/files/documentos/resolucao29.pdf> Acesso em: 23/05/2022.

_____. Resolução nº 260, de 11 de novembro de 2019. Institui normas para ingresso no ensino de graduação na Unipampa. Bagé, 2019. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/consuni/files/2019/11/res--260_2019-normas-ingresso_no_ensino_de_graduacao.pdf Acesso em: 24/5/2022.

_____. Relatório de Gestão Integrado exercício 2021. Bagé, 2022. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/proplan/files/2022/04/rgi-2021.pdf> Acessado em: 17/05/2022.

_____. Estatuto da Universidade, nova versão. Bagé, 2017. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/consuni/files/2017/12/estatuto-nova-versaodocx.pdf> Acesso em: 16/05/2022.

_____. registra ocupações em pelo menos sete das 10 sedes no RS. Jornal G1, Porto Alegre. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/unipampa-registra-ocupacoes-em-pelo-menos-sete-das-10-sedes-no-rs.html> Acesso em: 26/05/2022.

_____. Portaria nº 1695, de 21 de dezembro de 2016. Bagé, 2016. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/ead/files/2013/03/356-2016_boletim_extraordinario_-estrutura-organizacional.pdf Acesso em: 10/05/2022.

_____. Resolução nº 84, de 30 de outubro de 2014. Institui a política de Assistência Estudantil. Bagé, 2014. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/praec/files/2016/01/res-84-2014-politica-de-assistencia-estudantilb.pdf> Acesso em: 13/05/2022.

VARGAS, Melissa Welter. Políticas Públicas e Desenvolvimento: limites e possibilidades na materialização da Assistência Estudantil no contexto da Unipampa. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Social, Unijuí. Ijuí, 2017.

ANEXOS

Anexo I: Carta compromisso Bloco de Lutas

**CARTA DE COMPROMISSO DA REITORIA DA UNIPAMPA COM O BLOCO DE LUTAS
PELA EDUCAÇÃO PÚBLICA (MOVIMENTO ESTUDANTIL DE JAGUARÃO)**

Esta carta de compromisso é um encaminhamento da reunião realizada no dia 08/06/2016 entre o reitor Marco Antonio Fontoura Hansen, vice-reitor Mauricio Aires Vieira, pró-reitor adjunto de Planejamento e Infraestrutura José Waldomiro Jimenez Rojas e o pró-reitor de Assuntos Estudantis Sandro Burgos Casado Teixeira em conjunto com o Bloco de Lutas pela Educação Pública com participação da equipe diretiva do campus e comunidade acadêmica de Jaguarão. Nesta carta a gestão 2016-2019 da Universidade Federal do Pampa se compromete com as reivindicações dos estudantes. Em cada reivindicação estão os encaminhamentos/compromissos da gestão da UNIPAMPA com o movimento:

- 1. A vinda do reitor, vice-reitor e pró-reitor de assuntos estudantis (PRAEC), pró-reitor adjunto de planejamento e infraestrutura (PROPLAN) no campus para nos dar satisfação e firmar compromissos conosco:**
 - Estiveram presentes no dia 08/06/2016 as 10h30min até às 21h30min.
- 2. Postura pública de repúdio aos cortes perante os meios de comunicação:**
 - ENCAMINHAMENTOS:
 - Movimento enviará uma proposta de nota ainda hoje para a Reitoria para ser postada e fixada na homepage do portal da UNIPAMPA;
 - Nota será postada até segunda na homepage, no banner, do portal da UNIPAMPA;
 - Enviar essa nota para ser postada no site da ANDIFES;
 - Manifestação da reitoria em meios de comunicação de circulação nacional.
- 3. Articulação perante a ANDIFES a fim de pressionar o MEC e o governo, repudiando os cortes, questionando o orçamento e o argumento falacioso dos governos de que não há dinheiro e publicização dessas ações:**
 - ENCAMINHAMENTOS:
 - Em 21/06/2016 o Reitor vai estar presente em reunião com a ANDIFES: proposta de que até dia 20/06/2016 a nota seja postada no site da ANDIFES e o Reitor proponha a inclusão de pauta para discussão em plenária da ANDIFES.
- 4. Reabertura da discussão das Planilhas do orçamento da Universidade Federal do Pampa com participação ativa dos estudantes:**
 - ENCAMINHAMENTOS:
 - Ana Cristina (diretora do campus) enviará para o e-mail do Bloco de Lutas pela Educação Pública, pois já havia sido enviado para o campus, porém não havia sido repassado para o movimento.
- 5. Abertura do debate sobre o orçamento do ano que vem, já que temos somente até setembro para fazê-lo:**
 - ENCAMINHAMENTOS:
 - Para o início de Julho de 2016 será aberta a discussão orçamentária da PLOA 2017 nos campi com participação ativa dos estudantes;
 - Em um segundo momento será aberta as reuniões orçamentárias via web conferência entre os campi e a reitoria no mês de agosto;
 - Proposta de metodologia que pense a curto, médio e longo prazo elencando as prioridades, hierarquizando-as de acordo com as especificidades dos campi.
- 6. Manutenção de postos de trabalho das trabalhadoras e trabalhadores terceirizados:**
 - ENCAMINHAMENTOS:


Scanned by CamScanner

- Denúncia em nota pública da política de ampliação da terceirização enquanto regime de trabalho de maneira massificada, que aumenta a exploração das trabalhadoras e trabalhadores;
 - Compromisso de atuar politicamente com intuito de recuperar os postos de trabalho.
- 7. Garantia do pagamento das verbas rescisórias das trabalhadoras e trabalhadores que já foram demitidos, sem a necessidade de judicialização da questão:**
- ENCAMINHAMENTOS:
- As empresas devem garantir o pagamento das verbas rescisórias das trabalhadoras e trabalhadores que forem demitidos;
 - A Reitoria se compromete a fiscalizar essas questões e penalizar as empresas em caso de não pagamento das verbas rescisórias;
 - Consulta jurídica sobre a possibilidade de depositar em juízo o repasse de recursos da Universidade para o empregado (ação de consignação e pagamento) em caso de descumprimento do pagamento das verbas rescisórias. Prazo: Entre 20/06/2016 e 21/06/2016;
 - Encaminhamento do número do processo dos trabalhadores que possuem verbas rescisórias a receber para a direção do campus Jaguarão que encaminhará a reitoria para ser feita uma consulta jurídica. Prazo: Devolutiva da situação dos processos a ser encaminhado ao Bloco de Lutas pela Educação Pública entre 20/06/2016 e 21/06/2016.
- 8. Transparência nas verbas do PNAES e assuntos estudantis com planilhas detalhadas:**
- ENCAMINHAMENTOS:
- Já foi encaminhada essa demanda para a equipe da PRAEC. Essas planilhas nos serão enviadas. Haverá um detalhamento com os valores pagos para as Cantinas Universitárias. Prazo: terça-feira (14/06/2016);
 - Essa política de transparência entrará no hall de postagens da PRAEC;
 - Planilha com a classificação geral dos estudantes deferidos, indeferidos e deferidos que não foram contemplados no Plano de Permanência com critérios de desempate a partir do índice socioeconômico. Prazo: quarta-feira (22/06/2016);
 - Inclusão dos estudantes deferidos e não contemplados no Plano de Permanência quando houver o desligamento de outros estudantes contemplados. Proposição de um Regime de Suplência. Será definido prazo junto a PRAEC, presencialmente, entre os dias 20/06/2016 e 21/06/2016;
 - Dentro da resposta da PRAEC em relação ao pleito do Plano de Permanência é necessário um parecer que responda aos estudantes que recorrerem, em um prazo razoável. Será definido prazo junto a PRAEC, presencialmente, entre os dias 20/06/2016 e 21/06/2016.
- 9. Participação ativa na tomada de decisões sobre a destinação das verbas dos assuntos estudantis:**
- ENCAMINHAMENTOS:
- Implementação de um *Fórum de Política Estudantil*, via video conferência que ocorra bimestralmente. Prazo: início de julho será o primeiro;
 - Implementação de uma *Caravana Semestral da PRAEC* nos Campi. Prazo: início do segundo semestre.
- 10. Criação de um CAD único para matrícula na Universidade e inscrição no Plano de Permanência via web, como acontece em algumas Universidades:**
- ENCAMINHAMENTOS:

Scanned by CamScanner

- Compromisso do pró-reitor de assuntos estudantis Sandro Burgos de trazer uma devolutiva de como será implementada a informatização desse sistema de seleção do Plano de Permanência. Prazo: 15/06/2016 (quarta-feira).

11. Aprimoramento no processo de seleção, deferimento e contemplação do Plano de Permanência:

→ ENCAMINHAMENTOS:

- Implementação de um estudo sobre a abertura de um segundo edital do Plano de Permanência ainda esse ano. Prazo: entre os dias 20/06/2016 e 21/06/2016;
- Consulta jurídica da readequação do Edital do Plano de Permanência prevendo a questão do auxílio creche para gestantes (perspectiva de fluxo contínuo). Prazo: entre os dias 20/06/2016 e 21/06/2016;
- A equipe da PRAEC estará no campus entre os dias 20/06/2016 e 21/06/2016 com a participação do vice-reitor Maurício Aires Vieira. Prazo: a data será confirmada até segunda-feira.

12. Mais verbas para o Plano de Permanência:

→ ENCAMINHAMENTOS:

- Será feito o debate no início de julho da PLOA de 2017 que contará com participação ativa dos estudantes e comunidade acadêmica.

13. Transparência sobre as situações das obras no campus – casa do estudante, Acadêmicos II e urbanização do campus – e posicionamento efetivo, com prazos, para finalização das obras:

→ ENCAMINHAMENTOS:

- Previsão de término do Acadêmicos II é de 12 meses. O valor já está empenhado;
- As obras da Casa do estudante estão suspensas por 120 dias. 40% da obra está concluída. Se os recursos estivessem em caixa seria o prazo de 12 meses. Após o final da suspensão o prazo continua em 12 meses. Porém não há certeza que a Universidade terá dinheiro. A prioridade das obras da gestão será da Casa do Estudante do Campus Jaguarão;
- Retorno do pró-reitor adjunto de planejamento e infraestrutura até o dia 30/06/2016 para encaminhar as seguintes questões:
A PROPLAN se compromete em verificar o procedimento para a urbanização do campus entre o prédio acadêmico e a cantina universitária;
Rojas trará um engenheiro para resolver os problemas de alagamento em salas do Campus, a questão do esgoto aberto da cantina universitária e o conserto das rachaduras do Campus;
Engenheiro eletricista virá com Rojas para avaliar a rede elétrica para instalação de tomadas e encaminhar como serão instalados os ar-condicionados e;
Avaliar uma medida emergencial para sanar o problema do telhado no hall do campus.

14. Paridade nos colegiados de deliberação da Universidade (CONSUNI e Conselhos de campus, Comissões):

→ ENCAMINHAMENTOS:

- Reitor se compromete a propor inclusão de pauta no dia 21/06/2016 na reunião na ANDIFES;
- Verificar com a secretaria do CONSUNI se a equação 70% de professores, 15% de estudantes e 15% de t.a.e.s está sendo respeitada. Prazo: entre os dias 20/06/2016 e 21/06/2016.

Scanned by CamScanner

15. Realização de fóruns locais para discutir o PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional):

→ ENCAMINHAMENTOS:

- Reitor propõe para os campi discutir em plenária o próximo PDI da Unipampa, visto que o Plano atual foi aprovado no CONSUNI e tem a validade até 2018.

Reitor: Marco Antonio Fontoura Hansen

Vice-reitor: Maurício Aires Vieira

Pró-reitor de assuntos estudantis: Sandro Burgos Casado Teixeira

Pró-reitor de Planejamento e Infraestrutura: José Waldomiro Jimenez Rojas
